



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

Faculdade de Educação

KARINE REZENDE

UMA PROFESSORA PESQUISADORA NARRADORA:
MOVIMENTOS DE (TRANS)FORMAÇÃO NA, COM E PELA ESCOLA

CAMPINAS

2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

Faculdade de Educação

KARINE REZENDE

UMA PROFESSORA PESQUISADORA NARRADORA:
MOVIMENTOS DE (TRANS)FORMAÇÃO NA, COM E PELA ESCOLA

*Dissertação apresentada à Faculdade de Educação /
Universidade Estadual de Campinas como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra
em Educação Escolar, na área de Educação Escolar.*

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Inês Ferreira de Souza Bragança

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA KARINE
REZENDE E ORIENTADA PELA PROF^ª.
DR^ª. INÊS FERREIRA DE SOUZA
BRAGANÇA

CAMPINAS

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

R339p Rezende, Karine, 1978-
Uma professora pesquisadora narradora : movimentos de (trans)formação na, com e pela escola / Karine Rezende. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Inês Ferreira de Souza Bragança.
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Memória. 2. Experiências. 3. Narrativas. 4. Autobiografia. 5. Orientadora pedagógica. I. Bragança, Inês Ferreira de Souza, 1969-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: A narrator researcher teacher : moviments of (trans)formation in, with and through school

Palavras-chave em inglês:

Memory

Experiences

Narratives

Autobiography

Pedagogical advisor

Área de concentração: Educação Escolar

Titulação: Mestra em Educação Escolar

Banca examinadora:

Inês Ferreira de Souza Bragança [Orientador]

Juliana Batista Faria

Lucianna Magri de Melo Munhoz

Míria Izabel Campos

Rosaura Angélica Soligo

Guilherme do Val Toledo Prado

Data de defesa: 27-02-2024

Programa de Pós-Graduação: Educação Escolar

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0006-6032-0232>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1794374285227391>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

Faculdade de Educação

KARINE REZENDE

UMA PROFESSORA PESQUISADORA NARRADORA:
MOVIMENTOS DE (TRANS)FORMAÇÃO NA, COM E PELA ESCOLA

COMISSÃO JULGADORA

Prof^ª. Dr^ª. Inês Ferreira de Souza Bragança

Prof^ª. Dr^ª. Juliana Batista Faria

Prof^ª. Dr^ª Lucianna Magri de Melo Munhoz

Prof^ª. Dr^ª Míria Izabel Campos

Prof^ª. Dr^ª Rosaura Angélica Soligo

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/ Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2024

“Aquilo que a memória amou fica eterno”

Adélia Prado

Dedico este texto a minha grande mestra, minha avó Maria, quem mais me ensinou sobre a amorosidade.

Agradecimentos

Como Pandora, abro as minhas caixas, objetos extraordinários onde coloco meus (guar)dados que trazem alegrias e tristezas, graças e desgraças, amor e dor, de tudo um pouco que me faz partilhar tantas histórias e memórias, vividas e, agora, narradas.

Logo, compartilho um sentido, aqui, explícito, de maneira a cada um/a interpretar como convém, seguindo assim a história aberta de uma *vidaformação* que continua e espera, resiste e luta por um futuro renovador para mim, para outros/as, para todos/as nós, profissionais da educação.

Não seria possível realizar esta *pesquisação* sem o apoio, o amor, o afeto, o diálogo e o respeito por mim e por tantas outras pessoas que me constituem. Agradeço a todos e todas que estiveram, estão e sempre estarão comigo seja onde for.

Expresso, de modo especial, minha gratidão a algumas pessoas aqui citadas, mas com a certeza de que muitas outras receberão meu eterno agradecimento por terem, em algum *espaçotempo*, me permitido *viverpesquisarnarrarformar*, como pessoa e profissional.

Gratidão a Deus pela fé que tenho e que, diante das lutas e glórias, nunca me abandona e sempre me acompanha.

Agradeço ao Cláudio, meu parceiro e companheiro, que tanto me instiga a buscar algo mais, algo novo, algo diferente. Ter você ao meu lado, o tempo todo e em todo lugar, faz toda a diferença.

Agradeço aos meus filhos, João e Maria... Que presente Deus me deu, tornando-me mãe de vocês que me induzem a querer ser uma pessoa melhor a cada novo dia.

Agradeço minha mãe, tias, tios, primas, primos e todos os familiares que estão sempre comigo perto ou longe.

Agradeço aos amigos das escolas, das universidades, dos bairros, das cidades, dos países, de cada *espaçotempo* que passei e que me fizeram ser quem eu sou.

Agradeço à Cláudia Fernanda e toda à equipe “Márcia” – cada um/a de vocês, de um jeito ou de outro, me ensinou muito em como (trans)formar o cotidiano escolar em *espaçotempo* de aprendizagens, sensibilidades, responsabilidades, coletivos.

Agradeço à minha amiga-crítica Eliara Coelho que tem tanta vontade de aprender, ensinar e partilhar, deixando aflorar a sensibilidade e a afetividade nas diversas lições de nossas vidas, pesquisa e formação.

Agradeço aos amigos da Faculdade de Educação (FE), em especial, ao Grupo de Terça e Polifonia – GEPEC que me (trans)formaram. Renata Fernandes que me convidou para

esse coletivo inédito; Fernanda Damalti Lima que me acompanhou desde o tempo do ingresso e nesse(per)curso do outro lado do mundo; Camila Rosa que tanto partilhou aqui e lá; Eliete que despertou em mim ainda mais interesse sobre a importância de nossos ancestrais.

Agradeço a todos/as que fizeram, fazem e sempre farão parte de minha *vidaformação* em Belo Horizonte, Pindamonhangaba, Taubaté, Caçapava, São José dos Campos, Jacareí – Brasil e Singapura.

Agradeço a cada um/a dos/das bebês, crianças e familiares de todos os espaços educativos que me permitiram aprender, agir e refletir tanto diariamente.

Obrigada, Lucianna Magri de Melo Munhoz, por tanta delicadeza ao ler meus escritos para o Seminário de Pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC). Suas contribuições foram essenciais para seguir meu (per)curso formativo.

Obrigada, Juliana Batista Faria, por tantos ensinamentos ao longo dos encontros sobre a documentação narrativa de experiências pedagógicas, pois viver cada momento junto aos estudantes do curso de Pedagogia e da equipe de coordenação me afetou profundamente.

Lucianna e Juliana, sinto-me honrada por ter tido vocês em minha banca da qualificação e, agora, de defesa. Cada uma das considerações ofertadas, sugestões e comentários realizados, carta e orientação encaminhadas, tudo foi muito importante para que eu seguisse narrando e pesquisando até aqui, bastante motivada.

Obrigada, Rosaura Angélica Soligo por tanto que me inspira a ser uma professora-formadora-pesquisadora em busca de algo sempre melhor, firme na militância.

Obrigada, Guilherme do Val Toledo Prado, que com tamanha humildade e sabedoria, estende o *espaçotempo* da escola e da universidade pelos Grupos de Pesquisa, Seminários, Fala Outra Escola, disciplinas, encontros, reuniões, coletivos.

Lucianna Munhoz, Juliana Faria, Rosaura Soligo, Míria Campos e Guilherme Prado, como foi especial cada uma das contribuições e reflexões que me levam a continuar a busca e a produção de novos conhecimentos, após a defesa. Considero tudo o que disseram-me de grande importância, seja para o meu momento presente e/ou futuro, na vida-pesquisa-formação. Muito obrigada a cada uma/um de vocês!

Gratidão, querida Inês Bragança, minha orientadora, que desde o nosso primeiro encontro, no meu primeiro Fala Outra Escola me encantou com sua delicadeza e a maneira como ama a *vidapesquisaformação*. Ter você ao meu lado, perto, mesmo longe, fisicamente, foi um acalento neste (per)curso de (trans)formação em minha *vidaformação*. Celebro com você a vida, a pesquisa, a formação.

Esta *pesquisaformação* não teria se concretizado se não fosse o apoio, a parceria e a amorosidade de tantas pessoas conhecidas e desconhecidas que foram surgindo em meu itinerário, no Brasil e em Singapura.

Agradeço, imensamente, a cada um/a de vocês que me possibilitaram subsistir a boniteza da *vidaformação*.

RESUMO

A presente dissertação é uma narrativa de *pesquisaformação* tecida, a partir do vivido na escola básica e na universidade, no Brasil e em Singapura. Ao revisitar seus (guar)dados, nos movimentos de (trans)formação, a autora narra o (per)curso pessoal e profissional, vivenciado antes e durante esta *pesquisaformação* que potencializa e produz conhecimentos de si, do coletivo singular-plural e da coordenação pedagógica na, com e pela escola, no cotidiano. Trata-se de uma abordagem *teoricometodológica* narrativa (auto)biográfica de uma professora pesquisadora narradora que foi se constituindo nos movimentos e se (trans)formando, nos *espaçostempos* e nas relações humanas, nacional e internacionalmente. Ao revisitar as caixas, pastas, arquivos e malas foi ampliando o próprio olhar, bem como dos/as outros/as que a constituem e convivem, perto e longe, se reinventando, ao abrir e (de)compor cada caixa, narrando experiências instituintes diversas, compartilhando e publicizando uma forma outra de *viverpesquisarnarrarformar*. O movimento vivido mobilizou questões sobre a formação continuada que acompanham a permanente (des)organização das caixas apresentadas no texto: Como a autora dessa pesquisa se constituiu professora orientadora pedagógica pesquisadora? De que maneira as ações singulares-plurais da professora orientadora pedagógica pesquisadora, envolvendo as professoras, demais funcionárias educadoras e as crianças/familiares podem ser potencializadas, visando práticas instituintes na creche? Como a autora dessa pesquisa aprendeu e continua aprendendo a ser professora orientadora pesquisadora, permitindo compartilhar com outros/as profissionais, também, militantes na profissão, os saberes aprendidos nesse (per)curso de (trans)formação? A “abertura das caixas” que compõem a dissertação favoreceu uma reflexão sobre as questões apontando para um movimento contínuo de (trans)formação da professora orientadora pedagógica pesquisadora narradora, a cada experiência vivida, *espaçotempo* esmiuçado e que permite construir conhecimento, compartilhar, publicizar. Viver a pesquisa em educação foi uma experiência que expandiu limiares para além das abordagens *teoricometodológicas*, pois foi vivida, junto, mesmo que distante, no encontro, no diálogo, no círculo virtuoso entre palavra, escuta, sensibilidade, afeto, indicando as potencialidades instituintes das ações singulares-plurais envolvendo as professoras, demais funcionárias educadoras e as crianças/familiares. É, assim, no cotidiano, na *vidaformação*, que a professora pesquisadora narradora vai se constituindo, a partir das relações de si mesma com os/as outros/as, os *espaçostempos* do *viverpesquisarnarrarformar* a cada lugar e momento.

Palavras-chave: Memórias, experiências e narrativas; *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica; experiências instituintes; orientadora pedagógica.

ABSTRACT

This dissertation is a narrative of research-formation woven from experiences in basic school and university, both in Brazil and Singapore. By revisiting her (stored) memories, in the movements of (trans)formation, the author narrates her personal and professional journey, experienced before and during this research-formation process that empowers and generates knowledge of oneself, of the singular-plural collectiveness and of the pedagogical coordination within, with and through school, in everyday life. This dissertation comprises an approach based on a theoretical-methodological (auto)biographical narrative of a narrator-researcher-teacher who gradually constituted herself through each movement and (was) (trans)formed, within instances of space-time and human relations, nationally and internationally. By revisiting boxes, folders, files and suitcases, she continuously expanded her own gaze, as well as that of the others who constitute and coexist with her, near and far, thus reinventing herself, as she opened and (de)composed each box, narrating diverse constitutive experiences, sharing and publishing another way of living-researching-narrating-forming. The lived movement mobilized questions which accompany the permanent (dis)organization of the boxes presented in the text: How did the author of this research become a researcher-pedagogical advisor-teacher? In what way can the singular-plural actions of the researcher-pedagogical advisor-teacher, involving teachers, other educational staff and children/families, be enhanced while aiming at constituting new practices in nurseries? How did the author of this research learn and continue to learn to be a researcher and pedagogical advisor-teacher, and to allow herself to share the knowledge learned in this journey of (trans)formation with other professionals, who are also militants in the profession? The “opening of the boxes” comprising the dissertation facilitated reflection on the questions, indicating a continuous movement of (trans)formation experienced by the narrator-researcher-pedagogical advisor-teacher, encompassing each lived experience and scrutinized space-time, all of which allow for the construction of knowledge, sharing and publishing it. Going through educational research was an experience that expanded boundaries beyond theoretical-methodological approaches, since it was experienced in close connection with others, despite the occasional physical distance, through coming together and dialoguing, in the virtuous circle of words, listening, sensitivity, affection, all indicating the constitutive potentialities of the singular-plural actions involving teachers, other educational staff and children/families. Thus, in everyday life, via what can be called life-formation, the narrator-researcher-teacher is constituted over time, drawing from her/his relationships with others, and every singular space-time instance of living-researching-narrating-forming.

Keywords: Memories, experiences and narratives; research-formation narrative (auto)biographical; constitutive experiences; pedagogical advisor.

ÍNDICE DE IMAGENS

Nº	Descrição	
01	A creche – julho/ 2021 - Acervo Pessoal	16
02	Caixas, gavetas, pastas abertas para inventariar - Acervo Pessoal	23
03	Matéria “Remexa nas memórias de infância” – 12 mar. 2018 - Nova Escola	90
04	A professora orientadora pedagógica com a bebê da creche - Acervo Pessoal	134
05	Dia da Defesa do Mestrado – 27 fev. 2024 – Acervo Pessoal	141

ÍNDICE DE NARRATIVAS

Nº	Descrição	
01	Acolhida	23
02	Reunião com a avó	29
03	Falta de funcionários/as	35
04	Rotina no Berçário	47
05	Encontro com a Fernanda	66
06	Triângulo de Pikler	84
07	Estudo de Caso	101
08	Lousa digital – A borboleta	107

ÍNDICE DE CARTAS

Nº	Descrição	
01	De Karine Rezende – Para Eliete Andrade	25
02	De Eliara Coelho – Para Karine Rezende	55
03	De Karine Rezende – Para Fernanda Damalti	68
04	De Karine Rezende – Para Camila Rosa	75
05	De Karine Rezende – Para Professoras da Creche “Márcia”	81
06	De Karine Rezende – Para Professoras, Pesquisadoras e Narradoras	142

SUMÁRIO

A primeira de muitas caixas que abrirei...	16
Dentro de uma caixa, um memorial de formação que transborda...	23
<i>Uma outra caixa aberta... formação inicial e (trans)formação</i>	43
<i>Uma caixa (trans)formação... formação continuada e sem fim</i>	50
<i>Uma outra caixa, um outro (per)curso... diálogos Brasil e Singapura e a continuidade dos movimentos de (trans)formação...</i>	65
Uma caixa que se fecha para que outra seja aberta... práticas pedagógicas e formativas no cotidiano da creche...	90
<i>Experiências formativas em tempos impensáveis...</i>	91
<i>Movimentos instituintes e produção cotidiana do Projeto Político Pedagógico (PPP)...</i>	93
<i>A formação continuada no contexto escolar e as condições de trabalho...</i>	100
<i>Uma caixa de esperança...</i>	107
<i>Caixas grandes, caixas pequenas, de todos os tamanhos... trajetória profissional na creche</i>	112
<i>Uma caixa pra lá de especial... o projeto “Dentro da Caixinha”...</i>	117
<i>Uma caixa com uma história inédita...</i>	122
Uma caixa que não fecho, mas que abro para todo o mundo no mundo... algumas lições da pesquisaformação	134
Referências	149

A primeira de muitas caixas que abrirei...



Imagem 01 – A creche – julho/ 2021 - Acervo Pessoal

A presente dissertação compartilha a prática da autora, professora, pesquisadora, narradora, por meio das narrativas de formação vividas no cotidiano de uma creche, de maneira a fomentar o exercício da fala, da escuta, da leitura e da escrita como uma tessitura que é possível e importante ser considerada no coletivo na, com e pela escola. Sendo assim, diante das dimensões formativas passadas em histórias e memórias, teorias e práticas, saberes acadêmicos e experiências que me abordam, acolhem, agregam e afetam, dia a dia, na vida pessoal e profissional, tomo como perspectiva favorecer movimentos de formação entre a autora-professora-pesquisadora-narradora e outras professoras-pesquisadoras-narradoras, compartilhando minha história de vida, como prática social e profissional, que passou e, ainda passa, por inseguranças vividas diante do desconhecido, do inusitado e do não sabido.

Essa pesquisa narrativa (auto)biográfica compartilha memórias e histórias vividas, práticas instituintes, tessituras da vida à formação, numa creche pública, bem como na universidade, ao ingressar no mestrado profissional, e evidencia também os conhecimentos produzidos, de maneira a dialogar e partilhar novos saberes com outros/as docentes, gestora/es, pesquisadoras/es, visando práticas instituintes no ensino público na educação básica.

O deslocamento não planejado previamente e vivido durante o processo, do Brasil a Singapura, entra na história narrada, dizendo de múltiplos movimentos de (trans)formação. Com o deslocamento de minha família, eu, Cláudio e meus filhos, João e Maria, do Brasil

para Singapura, devido à mudança de empresa de meu marido, tive que rever rotas, caminhos, itinerários, de modo a ressignificar a vida, a pesquisa e a formação.

Trata-se de narrativas da autora, professora e pesquisadora que busca, constantemente, a (trans)formação¹ singular-plural, na escola básica, junto a professoras e educadoras na qual se inclui, mesmo tendo o (per)curso formativo alterado, diante de novas experiências até então não previstas no tempo de ingresso na universidade. É a partir de uma *pesquisaformação*² que a singularidade criada no coletivo evidenciará possibilidades instituintes de uma equipe que trabalha por uma educação infantil pública e de qualidade.

A *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica como abordagem *teoricometodológica* evidencia, por meio de narrativas, o que vive a professora pesquisadora narradora, ao longo da *vidaformação*, de modo a esmiuçar experiências vividas no cotidiano de uma creche, escola pública, e durante o mestrado profissional, iniciado no Brasil e com pesquisa concluída em Singapura. Diante do vivido, é possível perceber o enorme potencial da aprendizagem, que ultrapassa fronteiras, margens, limiares e que, individual e coletivamente, produz novos conhecimentos que reverberam na vida e na formação de tantos que nos constituem nas dores e nas alegrias, nas conquistas e nos desafios, na vida e na ciência.

No movimento da vida, a *pesquisaformação* entrelaça teoria e prática, cuidar e educar, singular e plural, pessoal e profissional e que, por meio de luta, resistência, resiliência esmiúça nas materialidades a fonte de pesquisa, entrelaçando autoria e autonomia, de modo a criar e recriar o ensinar, o aprender, o conviver, o *viverpesquisarnarrarformar* na, com e pela escola, refletindo sobre questões, sentidos, trajetórias, tessituras da *vidaformação*.

Nessa *pesquisaformação*, por meio da produção e compreensão das fontes narrativas, busco ampliar os meus saberes, bem como de outros/as que buscam refletir e revisitar ações prudentes e imprudentes, convenientes e inconvenientes, em cada *espaçotempo*, diante da experiência profissional, única e intransferível, que objetiva refinar o conhecimento teórico, prático, reflexivo e crítico (Rezende, 2023, p. 263-264).

Assim, procuro dialogar com teóricos e outras profissionais da educação, com uma metodologia dialógica formativa, que perspectiva a indissociabilidade entre a pesquisa e a

¹ O termo (trans)formação é utilizado, ao longo de todo o texto, pela autora dessa dissertação, visando ressaltar que a formação tem o enorme potencial de aprendizagem que nos transforma na vida profissional e pessoal. Segundo Bragança (2012, p. 27), “o entrelaçamento entre o trabalho e a vida”.

² A opção pela grafia conjunta das palavras no grupo Polifonia é inspirada em Nilda Alves (2003, p. 02), quando diz que essa escrita “tem a ver com a busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representando pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como ‘pares’, mas opondo-se entre si”.

formação, tendo no olhar da pesquisadora, o vivido como autoral. Ao ler, escrever e reescrever sobre o movimento de (trans)formação, ressignifico meus registros e as relações tecidas com e entre os meus pares, as docentes, os discentes e as professoras-pesquisadoras-narradoras, envolvidas na, com e pela escola.

Respeito as singularidades e quero criar, no coletivo, recursos viáveis e possíveis, em busca de movimentos instituintes pelas professoras e crianças e seus familiares, numa escola pública de educação infantil, que seja humanizadora e para todos/as em todos os tempos, espaços, materiais e interações (Rezende, 2023, p. 264).

Tomo como (per)curso as formações de que participei não sendo considerados cursos apenas, mas caminhos que percorri ampliando o meu olhar, a escuta, a sensibilidade para a questão da (trans)formação, sendo tantas que não se tratavam somente de uma formação, mas uma transformação em minha vida e na de tantas pessoas que me constituem em *vidaformação*.

Segundo Nóvoa (2009, p.19)

é importante assegurar que a riqueza e a complexidade do ensino se tornem visíveis, do ponto de vista profissional e científico, adquirindo um estatuto idêntico a outros campos de trabalho acadêmico e criativo. E, ao mesmo tempo, é essencial reforçar dispositivos e práticas de formação de professores baseadas numa investigação que tenha como problemática a ação docente e o trabalho escolar.

Sendo assim, a partir da narrativa (auto)biográfica, busco *espaçostempos*, práticas instituintes que me constituem como pessoa e profissional, de modo a considerar o que vivi, também, antes dessa pesquisa em si, pois considero como Geraldi (1993, s/p.), que “os dados de pesquisa, produzidos anteriormente à pesquisa propriamente dita e trazidos como um conjunto de (guar)dados, possam contribuir com outras professoras e formadoras da escola básica”.

Sou professora orientadora pedagógica de educação infantil há quatorze anos, sempre afirmando as relações, pessoais e profissionais, que interferem em nosso cotidiano. Quero aprender e mudar e, por isso, estou ciente dos riscos. Retomando a Nóvoa (2015, s/p.), “é preciso assumir riscos. Se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à possibilidade de produzir algo interessante com significado para nós e para os outros”. Faz-se necessário assumir riscos e, como professora pesquisadora narradora, vou me constituindo nos diferentes *espaçostempos* do cotidiano na, com e pela escola, buscando na universidade, mesmo que

distante, diante das mudanças de (per)curso³, compreender que as tessituras da teoria e da prática serão sempre inacabadas, transformadas, múltiplas em significados, histórias, memórias e experiências.

Tendo como referência a pesquisa narrativa (auto)biográfica e feita a revisão de literatura nas plataformas digitais da Biblioteca da Unicamp – Faculdade de Educação, da Scielo Brasil e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, pude perceber que as pesquisas desenvolvidas sobre *vidaformação* de professoras, pesquisadoras, narradoras são amplas no sentido de formação continuada e pouco específicas para as (auto)biografias de professoras coordenadoras. O levantamento foi feito nessas plataformas digitais, durante a disciplina no mestrado profissional, Metodologia do Trabalho Acadêmico, no primeiro semestre de 2022, com a professora Miriam Cardoso Utsumi, além do banco de dados do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) - coletivos Polifonia e Grupo de Terça⁴.

Do rol de trabalhos levantados, fiz opção de dialogar com aqueles desenvolvidos no âmbito do GEPEC e que tematizam, especialmente, a coordenação, a formação docente e as práticas pedagógicas, a saber: *A (des)constituição da orientadora pedagógica na escola pública*: uma trama de muitos fios, vários laços e alguns nós, de Adriana Stella Pierini (2007); *A professora pesquisadora iniciante e seus outros*: caminhos partilhados na invenção de ser professora, de Vanessa França Simas (2018); *Entre encontros e travessias*: a formação da coordenadora pedagógica nas linhas e entrelinhas do cotidiano escolar, de Renata Lúcia de Moraes Fernandes (2021); *A professora é da mesma natureza que as crianças*: reflexões singulares de uma militante freinetiana, de Lucianna Magri de Melo Munhoz (2022); *Guardados de professora*: bordados da prática docente e emaranhados de linhas de pesquisa, de Patrícia Yumi Fujisawa Cândido (2020); *Do diário de uma parteira ao diário de uma professora das infâncias*: memórias, histórias e formação docente, de Eliete Marcelino Dias Andrade (2024); *Narrativas da infância em um quintal de pesquisaformação*, de Camila Petrucci dos Santos Rosa (2022) e *Os fios da constituição da*

³ Destaco, ao longo desta dissertação, a palavra (per)curso grafada de tal modo, a fim de ressaltar os cursos realizados no decorrer da vida profissional, de modo a percorrer diversos caminhos, trajetos, itinerários, deslocamentos, em busca de produzir conhecimentos.

⁴ O Grupo de Terça é um coletivo de estudos e reflexões sobre a prática pedagógica com o caráter de acolher as discussões que permeiam o cotidiano dos mais variados profissionais que atuam no ensino formal e/ou informal, direta ou indiretamente e o Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* - Polifonia que reúne professores/as pesquisadores/pesquisadoras da universidade e da escola básica, estudantes de graduação e pós-graduação, em um diálogo entre a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP) e a Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/ UERJ) e as escolas. (<https://grupopolifonia.wordpress.com>).

professorapesquisadoraalfabetizadora no diálogo com o coletivo de professoras, de Fernanda Camargo Damalti Alves Lima (2024).

Considero que escrever sobre a minha trajetória em caminho de (trans)formação pode potencializar meu próprio processo formativo, bem como apoiar outras profissionais que visam refletir sobre a própria prática, o que pode reverberar em muitos/as profissionais da educação na escola básica, bem como na universidade. Segundo Soligo (2015, p. 06), “podemos somente ajudar as pessoas a aprender e a mudar – não podemos obrigá-las a aprender, tampouco podemos mudá-las, ainda mais se não desejarem”.

Dessa forma, procuro compartilhar os movimentos de (trans)formação vividos como professora, pesquisadora, narradora, ao longo de minha *vidaformação*. Explicito momentos de conflitos, desafios, dúvidas, incertezas, desconfianças, acertos, errâncias, equívocos e inquietações que, no decorrer da vida, transformam e produzem conhecimentos para quem vive a experiência.

Diante da narrativa sobre o vivido, cerco-me de questões que me acompanham nessa *pesquisaformação*, como: Como me constituí professora orientadora pedagógica pesquisadora? De que maneira as ações singulares-plurais da professora orientadora pedagógica pesquisadora, envolvendo as professoras, demais funcionárias educadoras e as crianças/familiares podem ser potencializadas, visando práticas instituintes na creche? Como aprendi e continuo aprendendo a ser professora orientadora pesquisadora e posso compartilhar com outras profissionais, também, militantes na profissão, os saberes aprendidos nesse (per)curso de (trans)formação?

De acordo com Linhares (2007, p. 144), o instituinte faz parte do cotidiano escolar, pois evidencia

a importância dos pensamentos impensados que tanto contribuem para os desalentos, como fomentam posições aguerridas, potentes, que têm uma longa fermentação histórica, reaparecendo em várias e inesperadas frentes, que urgem por interligações com intensidade no acompanhamento de movimentos instituintes nas escolas e em seus entrelaces com a formação docente.

Ao longo dessa *pesquisaformação*, com autoras e autores para dialogar e refletir, espero potencializar futuras ações para mim e outras profissionais da educação contextualizando a *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, as experiências instituintes, a formação continuada vivida de maneira singular-plural na, com e pela escola.

Esse texto é escrito em primeira pessoa do singular, mas narra histórias plurais de outras professoras, pesquisadoras, narradoras, mulheres, mães, filhas, netas, estudantes, educadoras. Além disso, optei por escrever no feminino ao me referir às professoras/

educadoras/ profissionais da educação, pois na educação infantil, por todas as escolas em que passei, majoritariamente, tive contato com elas, mesmo tendo nesses quatorze anos no trabalho público, como professora orientadora pedagógica, o convívio nas creches com um professor, um auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), um auxiliar de serviços gerais (ASG), um secretário e um escriturário.

Evidencio, na diagramação e com as letras diferentes, as narrativas e as cartas, pois tenho a intenção de distinguir, nessa dissertação, os dispositivos usados. Revelo que não é uma dissertação elaborada em capítulos, como geralmente ocorre, pois os movimentos vividos pela professora pesquisadora narradora, ao longo dessa *pesquisaformação*, serão narrados entrelaçando o passado, o presente e o futuro. Já no sumário é possível perceber que será contada uma história que envolve muitas “caixas” e que possibilitará conhecer o tema dessa pesquisa, de modo a ressaltar os indícios sobre a narrativa (auto)biográfica.

O campo problemático da presente *pesquisaformação* consiste em refletir sobre ações da autora, professora, pesquisadora, narradora de uma creche, tendo em vista compreender os movimentos de (trans)formação, diante da prática, singular e plural, no cotidiano escolar, por meio de histórias, memórias e narrativas, tecidas a partir dos (guar)dados que ampliam o conhecimento teórico, prático, reflexivo e crítico, potencializando práticas instituintes com as professoras, demais funcionárias educadoras e as crianças e familiares.

Saliento, ainda, sobre a experiência de uma “professora orientadora pedagógica que, na horizontalidade e igualdade, narra e pesquisa, pesquisa e narra o vivido com a equipe na, com e pela escola”, assim como a partilha e a construção de novos conhecimentos, junto de outras professoras pesquisadoras narradoras no grupo de pesquisa na universidade. (Rezende, 2023, p. 264).

Tudo isso faz parte da formação continuada e fundamental, evidenciando o trabalho e o estudo diários, que não se encerram aqui, mas a professora seguirá aprendendo a cada (per)curso novo trazendo a (trans)formação a cada um/a dos/as envolvidos/as, direta ou indiretamente, perto ou longe, da escola e da universidade.

Nessa *pesquisaformação*, trago a metáfora das caixas e, assim como Pandora, ao abri-las, revelo minhas reflexões, por meio de narrativas, histórias e memórias, curiosidades e desobediências, na *vidaformação*, ancoradas na esperança, luta e resistência, de maneira a viver uma escola mais humanizadora. Apesar de cada questão estar relacionada a uma caixinha, elas se entrelaçam de forma rizomática e uma complementa a outra.

Início apresentando o que há *dentro de uma caixa, um memorial de formação que transborda* e revela os caminhos e os descaminhos que experienciei ao ultrapassar fronteiras,

margens, limiares, nunca antes pensados e planejados, de *vidaformação* no Brasil e em Singapura. Em seguida, publicizo *uma caixa que se fecha para que outra seja aberta... práticas pedagógicas e formativas no cotidiano da creche* e assim narro as histórias vividas na, com e pela escola, junto a tantas pessoas que me constituem. Já a terceira caixa é *uma caixa que abro para todo o mundo no mundo... algumas lições aprendidas nessa pesquisaformação*.

Busco com a *pesquisaformação* no, do e com o cotidiano escolar, aportes teóricos e suportes que dialogam com minha *vidaformação* e que venham a contribuir com tantas outras formadoras-pesquisadoras-narradoras, afinal ressaltado em Rezende (2023, p. 264), “essa pesquisa não tem fim, é apenas uma contribuição e/ou, talvez, inspiração” para seguir *a vivernarrarpesquisarformar!*

Dentro de uma caixa, um memorial de formação que transborda...



Imagem 02 – Caixas, gavetas, pastas abertas para inventariar - Acervo Pessoal



Novo dia, mês, ano, 04 de fevereiro de 2020, primeiro dia letivo, adaptação para todos da escola, crianças e adultos, familiares e profissionais da educação. A rotina da creche começa na acolhida, já no portão. Lá está aquela moça que é da diretoria, a moça novinha e que fala baixinho. Sempre educada, gentil e sorridente, com um sotaque bem mineirinho. Ela dá colo para as crianças pequenas e grandes. Do lado de fora do portão da sala de referência, onde o filho foi “deixado” com um “estranho”, está uma mãe com olhos cheios de lágrimas, um choro guardado e o coração apertado por deixar seu bem maior para trás.

Nesse momento, lá está ela, a Karine, a orientadora pedagógica, a O.P., a professora, a vice-diretora, a “tia”, a educadora, a moça da creche... Bem serena,

coloca a mão no ombro da mãe para ampará-la, acalentá-la, acalmá-la. Aos poucos, Karine vai conversando e passando segurança àquela figura materna que precisa de “colo”. Logo, os olhos marejados vão se firmando. A OP diz: “Calma, logo seu filho ficará bem. Ele vai brincar e interagir com tudo e com todos. Brincando, nem verá o tempo passar. Daqui a pouco, chegará a hora de vir buscá-lo. Hoje, seu filho está chorando por ficar na escola, mas, daqui alguns dias, verá, vai chorar é para não ir embora”.

Cada um tem seu tempo... Eu, você, ele, nós! Assim vou me descobrindo a cada dia, sob o meu olhar e o do/a outro/a. Busco, constantemente, por formação para a (trans)formação, não só minha, mas do/a outro/a que quiser e se permitir (trans)formar.

Quando eu contava para minhas colegas da rede, outras professoras orientadoras pedagógicas, que fazia uso de minhas horas, abonadas, férias, recessos, fins de semana e feriados para estudar, seja de forma presencial ou on-line, antes, durante e depois do período de isolamento social, devido à pandemia do Covid-19, ouvia que não sabiam como eu dava conta, afinal, diante de tantos outros afazeres, como mulher, mãe, filha, amiga, vizinha, profissional, estudante etc., ainda arrumava tempo para estudar e fazer tantos e tantos cursos, me deslocando ao percorrer outros caminhos, em busca de uma formação continuada, que me possibilitasse novos olhares, novos saberes, novos conhecimentos.

Não fosse a rede de apoio a contar, meu marido Cláudio, minha mãe que por algum tempo visitou-me em casa, vindo de Belo Horizonte, minhas funcionárias do lar, Helena, Michele e Sônia, minhas amigas e vizinhas, Karla, Christina, Wanda, Ana Vanessa, minhas colegas de profissão, conhecidas e desconhecidas, que surgiam na hora certa, no lugar certo, para o apoio certo. Sem a participação dessas pessoas, essa *pesquisiformação* não seria possível.

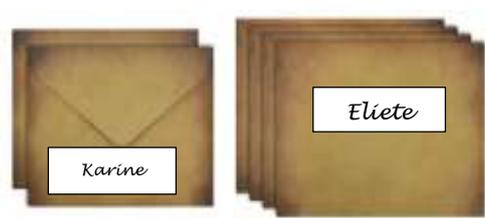
Assim, configura-se o contexto de tantas professoras que seguem, persistem, resistem, apesar de contextos desfavoráveis e do não apoio de políticas públicas. Quantas colegas professoras e pesquisadoras têm dificuldade, inclusive, de cursar as disciplinas do mestrado profissional, assim como eu que tive para me desdobrar para me deslocar entre um município e outro, concluindo os créditos necessários em um tempo cronológico tão curto.

Tudo isso que vivi foi experienciado e partilhado com outras estudantes, professoras, pesquisadoras, narradoras que participam do grupo do GEPEC e ressalto aqui uma colega que mesmo sem nunca ter visto, pessoalmente, também me constitui.

Eliete Andrade ingressou no mestrado profissional no mesmo ano que eu, em 2022, e, juntas, caminhamos, mesmo que distantes fisicamente, acompanhando, estudando, pesquisando e compartilhando saberes uma com a outra. Eu, mestranda em educação escolar, na área de Formação de Professores e Profissão Docente, pela Faculdade de Educação FE-UNICAMP, e ela, mestranda pelos Processos Formativos e Desigualdades Sociais, pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro FFP-UERJ.

Além dos momentos de participação coletiva no Polifonia, nos reunimos para estudo e fizemos trocas de e-mails e mensagens pelo WhatsApp. Logo após a sua apresentação no Seminário de Pesquisa do GEPEC, em 24 de maio de 2023, escrevi-lhe uma carta que relata nosso companheirismo, convivência, intimidade, afetividade e parceria, a partir de nossa orientadora e que segue, permanentemente, a cada reunião-aula on-line.

Carta 01



Singapura, 25 de maio de 2023.

Querida Eliete!

A vida nos proporcionou a oportunidade de estarmos perto, mesmo longe. De início, eu no Vale do Paraíba e você aí em São Gonçalo. Agora, eu aqui em Singapura e você aí no Brasil.

Iniciamos o (per)curso do mestrado juntas e com a mesma orientadora, a querida Inês Bragança. Considero um privilégio tê-la nos guiando com tamanha maestria e sutileza pelos caminhos da pesquisaformação, afinal temos aprendido a cada momento a narrar e a pesquisar, a pesquisar e a narrar.

Conheci seu projeto de pesquisa, quando li seu texto para o encontro do Polifonia, que aconteceu em 07 de abril de 2022. Desde lá, já havia me encantado por sua trajetória de vidaformação. Ter conhecido a sua Dindinha, foi muito especial, pois me reportou

lembranças de minha avó Maria, de minha afilhada Maria Luiza, das memórias de infância, da escola, enfim quanta recordação importante para minha história.

Ao longo desse tempo, a cada reunião do Polifonia, encontro para estudo, mensagens no grupo de WhatsApp, aprendi muito com você e, também, com todos/as os/as outros/as polifônicos/as e participantes do GEPEC.

Ouvir e ler você, hoje, me traz esperança de dias de luta e dias de glória, como diz a música do Charlie Brown Jr., "quanto mais a gente rala, mais a gente cresce".

Desempenhar inúmeros papéis no cotidiano, sendo mãe, mulher, filha, trabalhadora, estudante, amiga, não é nada fácil, mas é assim, a vida vai nos ensinando a nunca desistir, pois estamos sempre evoluindo e seguindo firmes e fortes com uma rede de apoio que nos fortalece e ampara a cada dia.

Ficou bem marcado para mim o momento de nosso estudo do capítulo 4 – Memória, narração e experiência: um "círculo virtuoso", do livro "Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal", de Inês Bragança (2012, p. 95-130).

Tivemos um diálogo bastante enriquecedor para nossas pesquisas. Não fosse o tempo cronológico, ficaríamos, ainda, mais horas e horas a conversar sobre o conhecimento científico, o caminho da pesquisa e das histórias de vida, as memórias, a experiência instituinte, os afetos, enfim como renderam nossos assuntos e foi bom...

Hoje, após pouco mais de um ano, li seu texto atual e acompanhei sua apresentação/ carta, durante o Seminário de Pesquisa do GEPEC, e mais uma vez, me enchi de alegria. Fiquei surpresa ao ler o trecho "A 'vivência reflexiva' revela uma atitude de abertura a experiência, para o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (Larrosa, 2002, p. 21) e, por isso mesmo nos (trans)forma". Essa citação foi feita por mim, no chat do Polifonia, em 10/03/2022, e nesse trecho me trouxe para pertinho de Larrosa e assim, desde lá, continuo a refletir, constantemente, sobre a teoria e a prática, na, com e pela escola.

Você me remeteu às aulas da disciplina de verão, "Narrativas Fílmicas e Pesquisas em Educação", em janeiro deste ano, com o professor Guilherme Prado e a professora Adriana Varani, quando traz em seu diário que as artes cinematográficas também ajudam a escrever.

O texto "Me ajuda a olhar!" - O cinema na formação de professores(as), de Inês Assunção de Castro Teixeira, Maria Jaqueline de Grammont e Ana Lúcia de Faria e Azevedo (2014) evidencia a potência (trans)formadora e a força educativa que o cinema é para nós,

educadoras, de maneira a nos ajudar a olhar, entre cenários, cenas e enredos, o que transborda na vida e na formação.

Ouvir as contribuições da Eda Henriques, da Camila Rosa, do Guilherme Prado e do Clóvis Piauí foi muito importante para nós, pois agora será a hora de selecionar o que irá seguir conosco, a partir de já e o que ficará para outros momentos.

Trago Larrosa (2002, p.21) em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, que enfatiza que as palavras têm poder e força, “creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco”. Muito foi dito e escrito até então, sendo assim, é chegada a hora de refletirmos sobre “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

Era uma vez, como diz a música de Kell Smith, “É que a gente quer crescer/ E quando cresce quer voltar do início”, pois muitas vezes queremos o colo de vó, as brincadeiras da infância, a inocência... tudo isso para continuar a acreditar na felicidade real, entender que percorremos um caminho e que a cada novo dia aprendemos mais e mais com tudo e todos, afinal não há um final.

Desejo-lhe sabedoria e discernimento para as escolhas ideais, daquilo que te forma e transforma, seguindo nessa formação em processo contínuo, perene e potente.

Parabéns, ontem, hoje e sempre!

Um forte abraço,

Karine Rezende

Assim, seguimos ao longo de nosso (per)curso formativo com trocas pessoais e profissionais. Além do investimento no tempo, tem, também o financeiro, pois, afinal, estudar, no Brasil e fora dele, fica caro, bem caro. São as taxas de inscrições e os custos com as viagens, acomodação, alimentação, livros etc. Investimentos esses que valorizo tanto e que almejo para todos/as que buscam e acreditam numa educação mais humanizadora. Estudar sempre foi e continuará sendo fundamental para uma (trans)formação real, consistente, potente para quem se envolve e se dedica dia a dia.

Uma vez, ouvi de meu filho João um questionamento sobre porque eu não estudei, antes de ser mãe, assim eu poderia ficar mais tempo com a nossa família número um, como chamamos, carinhosamente, entre nós quatro: eu, meu marido, Cláudio, e meus dois filhos, João e Maria. Foi um susto e, confesso, tive que pensar em como respondê-lo, diante de tal questão.

São anos que vivo imersa nessa rotina de trabalho e estudo e, mesmo assim, sou muito feliz e grata por tudo o que faço. Às vezes, chego até a me questionar como é que dou conta de tudo isso. Talvez, um dia, eu tenha essa resposta.

Ao ingressar no mestrado profissional, no primeiro semestre de 2022, nas disciplinas da professora Liana Arrais Seródio, Oficina Pedagógica I e II, elaborei meu “Inventário de (guar)dados como Instrumento de Reconhecimento do Percurso de Formação e de Pesquisa” e o “Memorial de Formação/Pesquisa”. Com esses materiais, mergulhei na busca, reflexão, leitura, releitura, escrita e reescrita de vividos noutros *espaçostempos* que foram primordiais para que eu percebesse o (per)curso que tenho em minha *vidaformação*. Numa das questões que me acompanha, como me constituí professora orientadora pedagógica pesquisadora, fui me deslocando, desde a iniciação no mestrado, nessa disciplina, e ao longo da *pesquisaformação*, em busca de resposta.

Ao iniciar pelo inventário, organizei as materialidades e percebi, de acordo com Prado e Morais (2011, p. 152) que “talvez inventariar materiais de pesquisa seja, de certo modo, fazer um inventário de nós mesmos”. Fiz uso do *padlet* e, nesse recurso tecnológico, por meio de imagens e documentos diversos, registrei o início da minha busca, abrindo caixas, gavetas, pastas que fui adquirindo pelo caminho, em meu (per)curso de *vidaformação*, no movimento de ir e vir, almejando novos saberes, lugares, experiências.

A princípio, parecia uma desordem, mas depois de alguns dias, tudo foi se ajeitando e muitas memórias fui revisitando. Percebi que eu pesquisava e narrava, narrava e pesquisava, ambos juntos, de maneira indissociável, assim como é a pesquisa, a narrativa, a formação, a (trans)formação pessoal e profissional que acontece em tempos e espaços diversos, em nós e em e com outros/as que nos constituem.

Segui nesse exercício de *vidaformação* como uma linha do tempo, mas sem a rigidez de datas consecutivas. De professora iniciante até o que hoje me constituí, como professora pesquisadora narradora, da infância à vida adulta, trago a versão de uma história, uma vida, uma profissão.

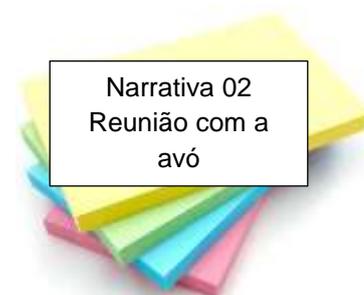
Tenho como grande mestra minha avó, Maria, referência de amor e sabedoria, coragem e fé. Como afirma Dominicé (2014, p. 81), “aquilo que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda. Na narrativa biográfica, todos os que são citados fazem parte do processo de formação”.

“Vó, tenho escrito semanalmente para o maior jornal do país. Gosto muito da experiência de me comunicar pela escrita, assim posso dar continuidade a tantos anos escrevendo nos meus cadernos de anotações” (Ribeiro, 2021, p. 122). Lendo Djamila que

escreveu para a vó dela, lembro-me da minha avó e das avós da creche. Como tínhamos tantas e tantas avós, figuras maternas, que cuidavam e educavam netos e netas com tanto zelo e amor, pois as mães, trabalhadoras, nem sempre tinham a possibilidade de acompanhar a entrada e a saída dos/as filhos/as, bebê/ criança pequena, na creche, devido ao horário de trabalho.

Eram muitas as avós que acompanhavam a rotina escolar, bem como as reuniões de pais e professoras e equipe gestora – Diretora (DE) e Orientadora Pedagógica (OP), as reuniões da Associação de Pais e Mestres (APM) e do Conselho de Escola (CE), os eventos de acordo com o calendário escolar, enfim a vida escolar dos/as alunos/as matriculados/as na instituição - creche.

Lembro de minha avó, pois foi ela quem teve esse papel em minha vida e no meu ofício docente e vejo tantas outras avós desempenhando esse papel. Agora, mais do que nunca, na vida adulta, como pessoa e profissional, vejo o quanto foi importante minha relação com ela. O carinho que tinha pela minha avó reforçou ainda mais o carinho que eu tinha pelas avós da creche. A cada uma delas que por ali passava, a hora que fosse, eu estava lá para acolher e esclarecer toda e qualquer dúvida que porventura surgisse.



Um dia, durante uma reunião de encerramento de semestre, a professora da sala de referência coordenou o momento e eu a acompanhei, quietinha, observando a participação de todos/as. Estava eu ali para que, se fosse necessário, pudesse dar o suporte e o apoio conveniente, de modo que a professora conduzisse a oportunidade de estar junto aos familiares. Tratava-se de uma ocasião para a apresentação e a autoria de todos, docente e discentes.

Primeiro, a professora com um sorriso sincero e palavras de acolhimento recebeu a quem foi chegando, depois, leu um texto e explanou sobre ele, ressaltando a importância da parceria entre escola e família, em seguida, explicou sobre o que e como trabalhou ao longo dos meses com as crianças e, por fim, leu o relatório geral com os vividos pela turma toda nos diversos espaços educativos da

creche, partilhando as vivências realizadas no cotidiano, bem como entregou o relatório individual de cada uma das crianças aos responsáveis presentes, se colocando à disposição para esclarecer qualquer dúvida.

Nesse momento, cada familiar com o seu relatório, em mãos, compenetrado na leitura individual, e eu percebi uma senhora, uma avó, olhando o papel, passando folha a folha, sorrindo ao ver as fotos das crianças, levando sobre os óculos os olhos para a professora que adiante, sobre a mesa, ajeitava os demais relatórios dos pais/responsáveis que não puderam estar presentes, por alguma razão, naquele momento. A avó olhava tudo e todos os outros adultos presentes e, sem ter muito o que fazer, ficou a repetir essa ação, várias vezes. As folhas iam e vinham em suas mãos e a expressão no olhar cabisbaixo e discreto aguardavam a próxima consigna a ser dada pela professora.

Bem discretamente, de onde eu estava, caminhei e me pus ao lado da senhora, perguntando se ela precisava de alguma ajuda. Ela, timidamente, com a voz bem baixinha, me respondeu que não sabia ler e que estava apreciando as fotos até que todos terminassem. Foi, então, que eu perguntei se poderia ler o texto para ela. Ao me dizer que sim, ao balançar a cabeça, me entregou o relatório e iniciei o texto. Durante a minha leitura, fui relembando algumas das vivências propostas pela professora naquela creche e vendo o semblante feliz com tudo o que a avó ouvia, além de lembrar de minha avó e de meus tantos cadernos de anotações que sempre apreciei fazer, ter, guardar.

Hoje, não escrevo para o maior jornal do país, mas escrevo para mim, para outras professoras-pesquisadoras-narradoras, para minha amiga-crítica, Eliara Coelho, minha amiga-presente, Fernanda Damalti, minha colega orientadora pedagógica, Camila Rosa que adiante, nessa dissertação estarão bastante presentes. Benjamin (1987, p. 205) afirma que “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. Busco o cuidado, a sensibilidade, o apreço, a amorosidade em cada trecho que narro e pesquiso, pesquiso e narro, pois trago a minha história e de tantas outras pessoas que me constituem na *vidaformação*.

Como Larrosa (2002, p. 21)

eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras.

As palavras lidas, escritas, refletidas, dialogadas, publicizadas nos permitem produzir conhecimentos, narrar a vida, relatar experiências que nos atravessam e nos formam diante das mais diversas lições da *vidaformação*, sendo humanamente criadas em nossas histórias, práticas, reflexões, (trans)formações. De acordo com Bragança (2012, p. 72), “nas ciências da educação, a utilização da perspectiva teórico-metodológica das histórias de vida vem atrelada à formação, entendida como processo permanente ao longo da vida”. Sendo assim, considero a minha avó, as avós da creche, a avó de Djamila e de tantas outras pessoas que nos constituíram, nos formaram, nos transformaram.

Ainda com Bragança (2012, p. 70), “deparamo-nos, nas ciências humanas, com uma mudança paradigmática que reconduziu o olhar do geral para o particular, da totalidade ao fragmento, da quantidade à qualidade, do instituído ao instituinte”. Ao abrir as caixas, gavetas, pastas, malas, nessa *pesquisação* de professora, pesquisadora, narradora, vou me deparando com as inúmeras mulheres guerreiras e que se apoiam, se enredam, se entrelaçam e vão se comprometendo com outras, construindo identidades, nas tessituras da vida, na, com e pela escola.

Assim somos nós, professoras pesquisadoras narradoras, que ainda acreditamos que é sim possível termos uma escola, humanizada, que aposta, acredita, resiste e luta pelo cotidiano onde todas são respeitadas, valorizadas, sensibilizadas para uma formação outra. Afirma Bragança (2012, p. 31), “a escola e a formação buscam essas pontes, um entrelaçamento complexo entre as diversas dimensões formativas, entre saberes acadêmicos e experienciais, memórias e narrativas, práticas e teorias”.

De acordo com Josso (2007, p. 413)

um trabalho transformador de si, ligado à narração das histórias de vida e a partir delas, tornou-se indispensável a uma Educação Continuada, digna desse nome. As narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto.

Foi vivendo experiências junto de minha avó, família, professoras, amigas-crítica e presente, colegas pesquisadoras, equipe de professoras da creche, a diretora que eu tinha como parceira, as outras orientadoras pedagógicas, as educadoras, as profissionais da

educação, os familiares da creche, os/as bebês e as crianças que fui percebendo que a nossa educação é continuada e que ao ressignificarmos nossas histórias, nossas memórias, nossas experiências e compartilharmos, vamos percebendo os caminhos percorridos pela vida, pela escola, pela docência, pela formação de professores.

“A escuta atenta, às vezes silenciosa, mas sempre dialógica, buscando perceber a melodia vem da experiência gerada pela pesquisa e que se abre como um convite de experiência também aos leitores”, ressalta Bragança (2012, p. 30). Considero que, ao publicar essa *pesquisaformação*, outras professoras pesquisadoras narradoras terão a oportunidade de rememorar os vividos ressignificando-os para ações futuras, de modo a reverberar em outras profissionais da educação básica e universitária. No cotidiano escolar e na academia, vamos nos dando conta de que é disso, também, de que todas nós precisamos.

De acordo com Josso (2007, p. 414)

os lugares educativos, sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma perspectiva de formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações a respeito da formação e dos diplomas referem-se, tanto a problemáticas de posicionamento na sua vida cotidiana e na sua ação em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à compreensão da natureza dessas próprias mutações.

Estamos em constante movimento, vivendo diversas experiências, no (per)curso da vida e assim vamos nos (trans)formando.

Larrosa (2011, p. 06) ressalta que

a experiência é um movimento de ida e volta. Um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. E um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc.

Nessa *pesquisaformação*, fui me conhecendo nas relações, perto, mesmo longe, longe, mesmo perto, e produzindo conhecimentos ao interagir nos *espaçostempos* entre as dimensões pessoal e profissional, trazendo as experiências sociais da docência num processo de formação e construção de saberes que deseja ser mais humana, existencial, autoral, colaborativa, afetiva e efetiva, plena ao partilhar as experiências instituintes, de modo a desencadear no/a outro/a uma recriação de experiências outras.

Não se trata de uma pesquisa-narrativa-linear, pois há em mim, muitas vozes, no ir e vir, no escrever e reescrever, no ler e reler, no refletir e no dialogar que foram me compondo e

me (trans)formando. Preservo em mim, objetos, lembranças, memórias, histórias individuais e coletivas, de minha avó e de tantas outras que tive comigo na *vidaformação*. Evidencio com Bragança (2012, p. 63), de modo que “pensar a formação traz o humano para o centro de nossa reflexão. Como sujeitos históricos, construímo-nos a partir das relações que estabelecemos com nós mesmos, com o meio e os outros”, ou seja, vivemos um processo educativo que dura a vida inteira.

Em “Cartas para minha avó”, Ribeiro (2021, p. 18) afirma “acredito que contar minha própria história é um modo de revivê-las, de mantê-las vivas. Quero escrever sobre você, vó, e te contar o que não tive tempo de contar antes”. De onde está, acredito que ela, minha avó, está a acompanhar minhas lutas, conquistas e vitórias, na vida e na formação. Ela seguirá sempre comigo em cada *espaçotempo* por onde vivo, pois busco o seu amor, a sua sabedoria, a sua coragem e a sua fé para seguir adiante, superando desafios, em busca de novas conquistas, mas não apenas para mim, para todas aquelas pessoas que almejam fazer o bem, sem olhar a quem.

Ressalto a dissertação de Fernandes (2021, p. 16), que publicizou, em sua *pesquisaformação*, a trajetória profissional que teve ao percorrer pelas escolas públicas de Ilhabela e que narrou sobre *espaçotempo* vivido em suas travessias, da ilha para o continente, até chegar a Campinas. A autora descreve “atitudes e comportamentos, procurando revê-los, ressignificá-los e compreendê-los, sem deixar de enxergar as cicatrizes que a viagem deixou, tendo a certeza de que cada uma delas também me ensinou e me constitui”.

Assim como minha avó, outras grandes mulheres, Renata Fernandes, Heloísa Proença, Idelvandre Santos, Adriana Pierini, Vanessa Simas, Patrícia Fujisawa, Fernanda Damalti, Camila Rosa, Ana Luiza Lima, Eliete Andrade, Thaís Motta, Lucianna Munhoz, Juliana Batista, Rosaura Soligo, Inês Bragança e tantas outras professoras pesquisadoras narradoras foram inspirações e, com elas, perto ou longe, segui em busca constante por saberes, também, em livros, cursos, formações. Trago comigo uma trilha formativa da educação básica à universidade e confirmo, de maneira convicta que a busca por conhecimentos é intensa e deve ser sempre constante, seja onde for. Trata-se de tudo um pouco, todo dia, de pouquinho em pouquinho, de forma a perceber que tudo e todas são importantes em minha *vidaformação*.

As histórias estão em mim e foram constituídas ao contato com outras pessoas. Questiona Alves (2013, p. 86), “em nós mora um outro?”. Digo que sim. Ao elaborar meu inventário foi que revivi ao retomar, em meus Cadernos de Anotações, apontamentos e desapontamentos. De tudo um pouco vivi e aprendi. Luta, resistência, resiliência, individualidade, coletividade, desafios, conquistas, planejamentos, dúvidas, inquietações,

mudanças, acertos, errâncias, equívocos.

Em meio à materialidade de meus (guar)dados, me deparei com uma grande fonte de pesquisa ao revisitar meu percurso formativo. Pude perceber o conjunto de experiências formativas que produziram aprendizagens ao longo de minha vida, pesquisa e formação. Como afirma Soligo (2007, p. 33)

o convívio com familiares e/ou pessoas significativas desde a infância, a escolaridade/a vida acadêmica, o estudo, as leituras, o acesso às mídias, a pesquisa, a produção escrita, as amizades, as viagens, as situações-problema vividas, a reflexão pessoal e compartilhada, a interlocução com pessoas tomadas como referência, a discussão das ideias, a psicoterapia, a militância em grupos ou movimentos, a participação nas instituições, a atuação profissional, o contato com a espiritualidade, a possibilidade de fruir das artes, das manifestações culturais, da literatura e de todo tipo de conhecimento [...].

Tudo isso possibilitou-me a construção de conhecimentos na *vidaformação*.

Os materiais de estudo são inúmeros, impressos e digitais, portfólios de uma professora, pesquisadora, narradora e que ampliam o meu repertório a cada ressignificado. Ao compartilhar esse material de *pesquisaformação*, darei mais sentido ao meu (per)curso, assim como aos (guar)dados, afinal as vivências coletivas transformadas em experiências subjetivas tendem a ampliar horizontes outros para mim e para os/as outros/as, também (Rezende, 2023, p. 258-259).

Fernandes (2021, p. 19) ressaltou “releio e interpreto hoje, de outro lugar, tendo a consciência de que o passado atua no meu presente, ampliando meu olhar sobre o vivido, possibilitando novos significados, novos conhecimentos”. Ao reler e interpretar as materialidades de outros *espaçostempos*, fui produzindo novos conhecimentos.

A partir do registro do inventário, fiz o percurso para o memorial, subsidiando novas fontes, realizando assim o levantamento sobre as memórias, as histórias, as narrativas e os sentimentos que contribuíram com a minha *vidaformação*. Revivi algumas das experiências que me afetaram e me constituíram.

Soligo (2015, p. 01) relata que “quanto mais clareza tivermos da real dimensão dos nossos problemas, mais chances terão de encontrar algumas respostas”. Assim, vou em busca de tematizar minhas dúvidas, incertezas, desconfianças, inquietações, errâncias. Afinal, quem eu sou? Qual o meu nome, de onde venho e aonde quero ir?



Início da semana. Segunda-feira. Previsão da Professora Orientadora Pedagógica para o dia... Acompanhamento da entrada e acolhida das crianças, familiares e funcionárias da creche. Entretanto, ao observar o movimento daquela manhã, no portão de entrada, vi a diretora ao longe, na sala de referência do Infantil I. Caminhei até lá para saber se estava tudo bem. Sim. Estava apenas dando apoio a auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), pois a professora da turma estava em Horário de Trabalho na Escola (HTE) e a professora eventual, ainda, não tinha chegado. Na classe em frente, a turma do Maternal e a professora efetiva estavam sozinhas, pois lá, também, a professora eventual ainda não tinha chegado e a auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) da turma entrava, naquele dia, às 8h e as crianças chegavam às 7h30. Dessa forma, fui eu até lá para dar apoio naquilo que fosse necessário. Foram momentos de tamanho encantamento que vivi ali... Sentada ao chão, junto a um grupo de crianças, brincamos com os bichinhos de borracha elaborando cercas que os abrigavam. Imitamos, também, os sons de cada um. Múúúú, cocoricocó, pocotó, pocotó, pocotó e vários outros. Nesse meio tempo, fiquei observando quando uma criança convidou a outra para brincar de esconde-esconde. Uma delas, o menino, foi até a parede, escondendo o rosto e a outra, a menina, saiu pela sala sem bem saber onde esconder. Eu disse para ela, bem baixinho... vem aqui, esconde atrás de mim. E assim fez. Ao terminar a contagem, veio logo o menino à procura da menina. Ao vê-la, foi uma risada bem gostosa deles dois e minha também, afinal quem resiste à alegria das crianças? Logo, em seguida, entrou uma nova auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), pouco tempo ali na creche, e ao ver o cadarço do tênis de uma das crianças da classe desamarrado, abaixou-se para arrumar aquilo. Ao ver aquela nova adulta ali amarrando o cadarço do tênis da criança, com alegria, foi encantador. Logo em seguida, essa criança veio a me dizer... Ela sabe amarrar o meu sapato! Daí adiante, minha segunda-feira foi

imensamente produtiva, naquele início de semana, com esse momento admirável junto às crianças e tudo mais o que eu havia previsto para o dia.

Ferreira, Cunha e Prado (2021, p. 184) afirmam que

memória não é sinônimo de lembrança, nem de reminiscência. Se lembrar significa reconectar-se com algo vivido intensamente, que não foi esquecido, a reminiscência se configura como marca que emerge do passado involuntariamente, no contato com elementos da atualidade. Já a memória é viva, ativa!

Momentos assim continuam vivos, ativos em mim, pois tive a alegria de viver com as crianças pequenas, junto aos adultos, outras profissionais da educação, momentos de tamanho encantamento, bem como desafios. Por tudo isso, também, sigo firme, militante na profissão, pois segundo a Soligo (2015, p. 39)

militância na profissão foi definido como um tipo de atuação própria das pessoas que não poupam tempo e esforços para desenvolver um trabalho de qualidade, que não se satisfazem com nada que não seja “o seu melhor”, que em geral desempenham um papel instituinte não só no âmbito de sua atuação específica, mas na instituição como um todo.

Seja lá, cá, em qualquer lugar, acredito na Educação, nas crianças, nas profissionais da educação que, mesmo diante de tantos obstáculos diários, os enfrentam desenvolvendo uma rotina criativa, ações, interações e reflexões de grande relevância para a aprendizagem de todas, de modo a seguir dialogando sobre as necessidades da prática docente.

Munhoz (2022, p. 25) afirma que “adultos e crianças apenas estão em fases diferentes da vida, mas têm as mesmas necessidades de aprender, de se expressar, de trabalhar e de se comunicar”. Sigo tendo as mesmas necessidades que as crianças, pois aprender, expressar, trabalhar e comunicar fazem parte de meu cotidiano na, com e pela escola, seja no Brasil e/ ou em Singapura.

Atualmente, com o deslocamento do Brasil para Singapura, participo do contexto escolar no lugar de mãe, representando João e Maria, e não deixo de ser professora, pesquisadora, narradora. Tenho me esforçado muito para aprimorar o idioma e, assim, me comunicar melhor aqui, de modo a dialogar com a escola, efetivamente, reforçando e valorizando a importância da parceria entre escola e famílias.

Ter participado de uma conversa informal com a diretora da escola, Tammy Murphy, a convite da coordenadora pedagógica, Amanda Green, me possibilitou levantar com as

crianças de casa, João e Maria, sugestões de futuras ações como o uso do refeitório, o transporte escolar, as reuniões entre pais e professores/as no início do ano, entre outras que possam beneficiar a outros que não meus filhos, bem como outros familiares e, também, a equipe escolar. Vimos questões do cotidiano que necessitam de ajustes e logo já têm sido discutidas, avaliadas e adaptadas. Às vezes, o que parece óbvio, está obscuro e por isso quem está a certa distância consegue perceber, ver, analisar e sinalizar para a equipe gestora que visa atender as necessidades da comunidade escolar, envolvendo os/as estudantes, os familiares, os/as professores/as, os/as demais profissionais da educação.

Ao lidarmos com as dúvidas, as incertezas, as inquietações, temos a possibilidade de entender melhor as relações envolvidas nas experiências vividas e que apoiados, teoricamente, potencializamos nossas ações, reflexões e a produção de conhecimentos.

Benjamim (1987, p. 197) afirma que “a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Nessa *pesquisaformação*, não sei ao certo se narrei ou não devidamente, mas acredito que pesquisei e produzi conhecimentos que me constituíram como uma professora orientadora pedagógica pesquisadora. Foi na busca por ações singulares-plurais, de práticas instituintes na creche, que aprendi e continuo aprendendo muito e que, portanto, quero compartilhar com outras profissionais, também, militantes na profissão. Foram saberes dos mais diversos, em diversos *espaçotempos*, num (per)curso de (trans)formação para mim e muitos/as outros/as.

Já Nóvoa (1997, p. 12) ressalta que “os professores vivem tempos difíceis e paradoxais. Apesar das críticas e das desconfianças em relação às suas competências profissionais exige-se-lhes quase tudo. Temos que ser capazes de pensar a nossa profissão”. Pensar, lutar, resistir, existir!

Tais reflexões conduzem às questões que me acompanham nessa *pesquisaformação*: Como me constituí professora orientadora pedagógica pesquisadora? De que maneira as ações singulares-plurais da professora orientadora pedagógica pesquisadora, envolvendo as professoras, demais funcionárias educadoras e as crianças/familiares podem ser potencializadas, visando práticas instituintes na creche? Como aprendi e continuo aprendendo a ser professora orientadora pesquisadora e posso compartilhar com outras profissionais, também, militantes na profissão, os saberes aprendidos nesse (per)curso de (trans)formação?

Afirma Alves (2012, p. 89), “o nome é uma gaiola onde o que somos mora”. Hoje moro em Singapura, estou em afastamento da escola onde sou professora orientadora pedagógica, no Vale do Paraíba, estudo em Campinas, sendo aluna mestranda pela Faculdade de Educação e participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada,

especialmente, nos coletivos Grupo de Terça e Polifonia.

Sou nascida em Belo Horizonte/ MG e tenho em meus (guar)dados o que vivi em cada *espaçotempo* por onde passei. Já em meus sonhos, em minhas caixas, pastas e, agora, malas, trago a esperança e a luta por uma escola humanizadora. Tenho trilhado meu (per)curso em busca disso, mesmo distante, bem distante, no sudeste asiático, com o fuso horário de 11 horas, adiante do Brasil, e mesmo assim, com o relógio pronto, preparado para despertar, a cada aula, curso, encontro, *live*, charla, seminário, *meet*, dia e noite, noite e dia, estive e estarei sempre pronta para novos saberes, para mim e para o/a outro/a.

Hoje, moro e estudo em Singapura, por motivo de trabalho do meu marido. Cláudio mudou de empresa e, com isso, de país. Aceitamos, juntos, o desafio de um nova vida, num outro país, e temos tido nesse novo mundo, do outro lado do mundo, uma experiência de vida e profissão. Não fosse isso, nem pensaria na possibilidade de afastamento sem remuneração para seguir estudando integralmente. A vida me presenteou com esse *espaçotempo*, exclusivo, de dedicação à família e à pesquisa.

Fui criada por minha avó Maria. Era com ela que eu passava o tempo junto aos meus primos, Plínio e Alexandre. Brincávamos e interagíamos, aprendendo e ensinando, uns com os outros, desde sempre. Inseparáveis, fomos nós três para a nossa primeira escola. Estava localizada no mesmo quarteirão onde morávamos e era por lá que passávamos toda a tarde. Foi a primeira instituição escolar de nossas vidas.

Pela manhã, tínhamos a liberdade para brincarmos na rua, num coletivo de crianças maiores e menores. Nossa infância foi repleta de brincadeiras, como amarelinha, elástico, corda, bola, bambolê, pega-pega, esconde-esconde, taco, casinha, escolinha, entre outras tantas. Tenho a plena convicção de que vivi a infância intensamente.

Talvez tenha sido nessa época que aprendi sobre a importância do acolhimento, do convívio, do olhar sensível, empático, respeitoso, crítico e, também, de equipe. Segundo Sobral (2013, p. 02) “coconstrução, diálogo, interação, responsabilidade ética constituem a base da existência humana, pois só nos tornamos sujeitos, ‘eus’, no contato com outros sujeitos, outros ‘eus’, que são ímpares, ainda que compartilhem de elementos comuns”.

Quantas lembranças e memórias daquela rua de ladeira e que me possibilitou ampliar as habilidades corporais, subindo e descendo o morro, subindo e descendo em árvores, subindo e descendo em muros. É possível que sejam essas aventuras que me deixaram com as cicatrizes no joelho que vivia ralado, mas também uma marca, uma história, uma lembrança do vivido com e na brincadeira.

Depois, da educação infantil, numa escola particular da professora Márcia, amiga da

minha tia Beth, no mesmo quarteirão onde morávamos, segui para a escola pública, ensino fundamental I, no bairro vizinho onde morava. E lá ia minha avó levar e buscar o trio na escola. Estudei ali por dois anos e, então, retornei para a escola pública do bairro, onde estudei até o ensino médio.

No terceiro ano do ensino médio, estudava no período da manhã e trabalhava no período da tarde, numa escola privada de educação infantil, como auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI). Minha prima Cássia já era professora e soube de uma vaga em aberto. Logo, pensou em mim, telefonou-me perguntando se me interessava trabalhar como auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) numa outra unidade escolar, filial da escola onde era docente. Minha resposta foi imediata e positiva. Naquele mesmo dia, de acordo com o horário e local agendado, fui carregando minha vontade de trabalhar e aprender com outros, adultos e crianças, sobre a escola, estando num outro lugar, não mais como estudante, mas como profissional da educação. Foi uma primeira experiência pessoal e profissional de grande valia.

A escola do bairro vizinho onde eu morava, em Belo Horizonte, foi minha primeira experiência profissional e de Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) já registrada, como auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI).

Sem muitos conhecimentos sobre o fazer pedagógico, eu cuidava das crianças que lá estavam tendo sempre meu olhar atento, a minha escuta ativa e a sensibilidade. Queria eu aproveitar a oportunidade do primeiro emprego para aprender sobre a *vidaformação*.

Cada dia naquela escola, junto às professoras mais experientes, percebia algo novo e tinha ali a oportunidade de reconhecer no/a outro/a, o que eu tinha de melhor: a vontade de aprender, de ensinar, de cuidar. Nessa tríade da educação infantil, aprender, ensinar e cuidar, vi e vivi, por algum tempo, o fortalecimento de laços entre e com as docentes e os/as discentes, bem como a proximidade com as famílias das crianças que ali eram agentes ativas de mudança, cuidado, encantamento e (trans)formação, minha e de tantos/as outros/as.

Segundo Munhoz (2022, p. 29), “somos apenas seres humanos aprendendo uns com os outros”. Pude, assim, perceber que a educação não é uma preparação para a vida, mas sim a própria vida, independentemente da faixa etária, e essa experiência de auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) me fez compreender que espaços, tempos e ritmos tão diferentes, dos adultos e das crianças, são potentes. Notei, então, que a escola nos possibilita sermos melhores, como pessoas e profissionais, em busca de ler e interpretar o mundo, visando aprender para também poder “ensinar”.

Portanto, em companhia das crianças daquela escola, mas principalmente de Fernando, fui aprendendo a conviver, a brincar, a participar, a explorar, a expressar e a conhecer o outro e a mim mesma, de maneira singular. Vi e vivi momentos que foram necessários para valorizar o sentido do/a outro/a.

Bem pequeno, Fernando vinha de van escolar, chegava primeiro à escola e era o último a sair, como eu, e, juntos, passávamos horas e horas ali. Nesse *espaçotempo*, fomos aprendendo e ensinando um ao outro sobre as insignificâncias (do mundo e as nossas), como afirma Barros (2015, p. 125). Enquanto todos os outros da escola não chegavam, Fernando e eu, tínhamos *espaçotempo* livre para fazer de tudo um pouco. Ora ele propunha a brincadeira com os materiais disponíveis na sala de referência, ora pedia para ficar deitado no colchonete, ora pedia para brincar no pátio da escola, ora pedia para desenhar na lousa. Assim, no tempo dele, dialogávamos e aprendíamos um com o outro.

De acordo com Munhoz (2022, p. 36-37)

assim como as crianças que precisam de liberdade para explorarem o mundo ao seu redor, os professores e professoras precisam também explorar, investigar, refletir e agir no mundo escolar onde atuarão em conjunto com seus pares para construir novas possibilidades frente às questões que emergem das salas de aula.

Tive ali muitas aprendizagens e, em parceria, com muito respeito, junto à professora efetiva, compartilhei ideias e possibilidades de vivências que eram muito bem recebidas e, depois, propostas a todos/as de modo curioso e cooperativo.

Como afirma Krenak (2020, p. 30), “vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos”. No cotidiano escolar, tanto a criança, quanto o adulto precisam ser ousados, de modo a sentir prazer em aprender e ensinar. No coletivo, se um aprende, todo mundo aprende, ensina, partilha e produz conhecimento.

De tal modo, revisito minha trajetória, considerando meus (guar)dados e as experiências vividas noutro *espaçotempo* e, como lampejos, reflito sobre o que trago como lembrança e experiência, como prática e teoria, como forma e conteúdo, afinal tudo depende de como foi, é e será feito.

Vivo, aqui, em Singapura, uma busca constante que rememora, recupera e articula o passado, o presente e o futuro, do modo como partilha Bragança (2012, p. 103-104), “onde o olhar para o passado potencializa o presente e nos ajuda na construção dos projetos de futuro, pois é ancorada em uma memória que é capaz de prometer”.

Viver essa *pesquisaformação* me reporta a experiências com muitos/as outros/as e com Fernandos e professoras que trazem limiares nas relações, “a relação com implica o encontro, o diálogo, o círculo virtuoso entre palavra e escuta” (Bragança, 2018, p. 69). Essa é uma pesquisa na, com e pela escola, tendo como referência a profissional que pesquisa a própria prática e que tem a creche como espaço de construção do conhecimento e de (trans)formação, valorizando as relações entre todos os sujeitos com suas vozes e histórias. Linhares (2007, p. 145) afirma que:

é impressionante visitar escolas e sistemas escolares que, a despeito, de tantas dificuldades, abrigam sonhos e desenvolvem projetos, fazem relampejar relações instituintes de formas de aprender e ensinar, com curiosidade e empatia em relação à vida e com um sentimento de solidariedade aberto às incluídas.

Na creche, pude viver junto a todos/as da equipe escolar, diretora, professoras, auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs), estagiárias, auxiliares de serviços gerais (ASGs), merendeiras, secretária, familiares e, principalmente com os/as bebês e as crianças pequenas, experiências instituintes que nos possibilitaram movimentos entrelaçados com a formação docente, de modo afetivo e efetivo, bem como esperançoso e sonhador.

Josso (2014, p. 62) evidencia o “sujeito que aprende na elaboração de um saber sobre a sua formação e as suas aprendizagens”. Nos encontros de formação continuada, Horário de Trabalho Coletivo (HTC), Horário de Trabalho Coletivo com os/as funcionários/as (HTCF), Reunião Pedagógica (RP), Reunião de Pais e Mestres (RPM) e demais eventos, conforme o calendário escolar, elaborávamos, eu e a diretora da creche, pautas formativas, buscando as necessidades, tanto das docentes, quanto dos discentes, de modo a estabelecer relações valorizando e conduzindo a produção de conhecimento de e para todos/as.

Nóvoa (2009, p. 13) ressalta que “a defesa de uma educação pública depende, hoje, de uma mudança dos sistemas de ensino, de modo a possibilitar o desenvolvimento de escolas diferentes”. O autor, eu, e tantas outras profissionais da educação lutamos e resistimos, porque acreditamos nisso e queremos uma escola humanizadora.

Nóvoa (2009, p. 15) perspectiva:

Promover a aprendizagem é compreender a importância da relação ao saber, é instaurar formas novas de pensar e de trabalhar na escola, é construir um conhecimento que se inscreve numa trajetória pessoal. Falar de um olhar complexo e transdisciplinar não é recusar o papel das disciplinas tradicionais, mas sim dizer que o conhecimento escolar tem de estar mais próximo do conhecimento científico e da complexidade que ele tem vindo a adquirir nas últimas décadas.

Assim desejo que essa *pesquisiformação* reverbere em outras professoras pesquisadoras narradoras, do mesmo modo como tantas outras pesquisas narrativas (auto)biográficas e autores e autoras aqui lidos e relidos repercutem em minha *vidaformação*, constituindo-me como pessoa e profissional.

Ver e viver tantas experiências na vida, na pesquisa e na formação me fez acreditar que afetividade e aprendizagem são indissociáveis, assim como cuidar e educar. Amei cada uma das crianças que tão pequenas me ensinaram tanto. Percebi, como Prado (1992), que a gente “vai se descobrindo professor ao narrar a própria história, descobrindo e abrindo novos caminhos pela Educação, enquanto estuda, pesquisa e trabalha”.

Mesmo assim, gostando tanto das crianças e do que eu fazia, não almejava, noutros tempos, ao ingressar na faculdade, ser professora. Ao prestar vestibular, resolvi me arriscar em outra área que, também, me fazia acreditar que eu poderia ajudar outras pessoas, aplicando leis e normas jurídicas vigente em nosso país, compartilhando solidariedade e respeito aos mais vulneráveis.

Concorria uma vaga para o curso de graduação em Direito, mas “fiz tudo errado” e não passei no processo de seleção para ingresso no ensino superior. Foi, então, que fui fazer um cursinho pré-vestibular para alunos carentes e encontrei uma professora de Redação que me encantou com todo o seu amor pelas palavras.

Em “O mito da infância feliz” (Abramovich, 1983, p. 103), Ruth Rocha narra que “mais difícil do que escrever ficção é, certamente, escrever sobre a realidade. Mais difícil do que inventar é, na certa, lembrar, juntar, relacionar, interpretar-se”. Juntei aquela admiração pela professora de Redação, Viviane, com a relação que modifiquei ao estudar inglês com um professor particular que me proporcionou, gratuitamente, mais que as aulas do idioma. Ele, Sérgio Murilo, me ensinou com tamanha atenção o que até então não tinha aprendido por tantos e tantos anos, na escola de educação básica. Complementando os escritos de Ruth Rocha, “a história é mais real do que qualquer explicação”.

No ano seguinte, fiz vestibular para Letras e, na Universidade Federal de Minas Gerais, fui para a segunda etapa do vestibular, mas não fui aprovada na etapa final para cursar a graduação. Tentei, logo, na faculdade particular e ao ter o resultado de aprovada, chorei de emoção e desespero, pois o que eu tinha como remuneração em meu emprego, como digitadora terceirizada de uma instituição financeira brasileira, não era suficiente para pagar nem mesmo a mensalidade daquele curso universitário.

Assim como Mantoan (2015, p. 08)

penso que sempre existe a possibilidade de as pessoas se transformarem, mudarem suas práticas de vida, enxergarem de outros ângulos o mesmo objeto/ situação, conseguirem ultrapassar obstáculos que julgam intransponíveis, sentindo-se capazes de realizar o que tanto temiam, sendo movidas por novas paixões. Essa transformação move o mundo, modifica-o, torna-o diferente, porque passamos a enxergá-lo e a vivê-lo de um outro modo, que vai atingi-lo concretamente e mudá-lo, ainda que aos poucos e parcialmente.

Resolvi me arriscar e fazer a matrícula. Ao iniciar a faculdade, completei minha renda com outros ofícios e assim fiz minha primeira graduação. Inesquecível foram os dias de comemoração pela minha formatura. Ganhei um cheque com o valor total para os gastos com o culto, a missa, a colação de grau e o baile dos/as formandos/as. Tudo isso era muito caro e não teria condições de participar não fosse meu primo, Plínio, recém-formado em Medicina e empregado, inicialmente, no Programa de Saúde da Família (PSF). Com o primeiro salário dele, fui presenteada e participei, então, de todas as festividades! Quanta emoção viver tudo isso. Até os dias atuais, mantenho contato com alguns colegas da turma de Letras. A última vez que nos encontramos foi, em Belo Horizonte/ MG, durante o recesso escolar de julho de 2022, ano que completamos 21 anos de formados. Tivemos uma tarde muito agradável, relembrando os momentos vividos ao longo de todo o (per)curso.

Quanta gente começou e parou o curso universitário, antes de terminá-lo, quanta gente passou por nossa turma, uns mais, outros menos tempo, fazendo disciplinas isoladas para cumprir com a grade obrigatória e os créditos necessários para tornar-se professor e professora. Nós que nos reunimos, após tantos anos, rememoramos do início ao fim, os momentos de desafios e de conquistas até o dia da formatura e da mesma forma como foi ingresso e a continuidade do trabalho docente nas escolas públicas e privadas, no Brasil. Com o tempo, os espaços escolares foram sendo habitados por muitos/as de nós. Alguns permanecem como professores e professoras especialistas, outros gestores e gestoras nas instituições escolares, alguns outros/as não continuaram a vida docente e seguem outros rumos, viagens, percursos na área do Direito, da Religiosidade, da Moda.

Uma outra caixa aberta... formação inicial e (trans)formação

Terminado o curso de Letras, em dezembro de 2001, logo passei de estagiária da empresa privada de crédito imobiliário em que trabalhei para funcionária. Isso não durou muito, pois, no início do ano letivo, em fevereiro de 2002, uma amiga, Daniela Miranda

também professora me chamou para a atribuição de aulas nas escolas do Estado.

Lá fui eu fazer jus ao meu título de professora. Iniciei dando aulas de inglês e, assim, foi minha primeira experiência profissional, numa escola pública. Cheguei com a inexperiência profissional de uma professora recém-formada, que aprendeu muitas teorias, mas não tinha prática como docente. Eu trazia, em minhas caixas e pastas, os cadernos com as anotações das aulas e os livros referenciados pelas professoras e professores universitários que conheci no ensino superior.

Fui me tornando professora, à medida que me inseri na sala de aula, na escola, nos ambientes educacionais e em contato com as crianças e os jovens, outros professores e professoras, outros e outras estudantes em busca de formação continuada. A cada ano, nova atribuição, nova escola, pois na educação pública mineira, professores e professoras eram contratados para o ano letivo, conforme os concursos e as atribuições de aulas e de acordo com a sede e o tempo de serviço de cada um. Sentia muito a cada fim de ano, quando eu tinha que deixar a escola que, durante aquele período, havia criado vínculo, pois outro professor ou outra professora, efetivo/a ou por designação, ou seja, em trabalho permanente ou contrato temporário, assumia as aulas em cada escola/ atribuição/ ano. Tudo passou a ser bem diferente do que havia pensando, planejado e estudado na faculdade.

A afetividade e a aprendizagem que devem caminhar juntas, muitas vezes, tanto para as crianças, quanto para os adultos, se separam ao atender às inúmeras questões legais. Quando os laços afetivos eram feitos, estreitados e ampliados com os estudantes e as estudantes, os familiares e a equipe escolar, dava-se o tempo do trabalho ali e tudo tinha que ser realizado de novo, num ano novo, numa outra atribuição, em uma escola nova. Uma luta a vida de professora iniciante, que chega sonhadora, idealizando fazer um trabalho consistente, eficiente, potente e, na verdade, acaba é tendo que ser resistente. Resistência essa que permanece ao longo de todo o (per)curso formativo, até hoje, pois formar-se, exige tempo, custo, dedicação.

Com toda a rotatividade de escola a escola, nem mesmo tempo de estabelecer troca e diálogo com os pares, outras docentes e equipes gestoras, era possível acontecer. Desse *espaçotempo* nas escolas públicas por onde lecionei, trago as histórias e as memórias das crianças e dos/as jovens com os/as quais me relacionei. Recordo os momentos de proximidade com as crianças que chegavam cedo e saíam tarde da escola, das conversas sobre quaisquer assuntos nas salas dos/as professores aguardando a hora de iniciar a aula, dos avisos burocráticos discutidos ou não pelas gestoras e a Secretaria de Educação, das músicas em inglês que cantávamos procurando aperfeiçoar o idioma estudado. Não tenho registros

reflexivos desse tempo, apenas algumas fotos reveladas e folhas soltas que mantive (guardadas) em minhas caixas e pastas da *vidaformação*.

Hoje, sinto o quanto seria importante lembrar as narrativas de uma professora iniciante, afinal, como ressalta Fernandes (2021, p. 103)

a escola é um espaço privilegiado de aprendizagens pedagógicas, sociais, culturais e discursivas e, como tal, se constrói entre a disciplina e o aprendizado da crítica e da autonomia, uma vez que as mudanças e inovações escolares se dão no embate com as instituições sociais e políticas às quais pertencem e que tendem à dirigi-la e a controlá-la.

Ano novo, tempo de (re)começar tudo de novo. Passei por algumas escolas estaduais, em Belo Horizonte/MG. Durante esse período, procurei me especializar e lá fui eu estudar mais um pouquinho. Minha primeira especialização, *Lato Sensu*, foi em Psicopedagogia. Foi um curso que me encantou e costumava dizer que se não me valesse como professora, valeria como mãe, tia, madrinha, amiga, vizinha. Aprendi muito, inclusive no estágio, clínico e institucional que fiz aos sábados. Esse foi meu percurso formativo, curto em *espaçotempo*, num movimento de (trans)formação, em Minas Gerais.

Depois, ampliei meu horizonte, fiz as malas, carreguei minhas caixas e pastas, cadernos e livros e fui morar no Vale do Paraíba. Novamente, assumi novos riscos e, como professora, fui me constituindo nos diferentes *espaçotempos* do cotidiano na, com e pela escola, tendo a certeza de que as tessituras da teoria e da prática são sempre inacabadas, porém múltiplas em significados, histórias e memórias.

Logo que me mudei para o Vale do Paraíba, em 2005, ano que me casei com Cláudio, fui trabalhar como professora de Língua Portuguesa, numa escola da rede privada. Eu lecionava gramática, redação e literatura para as crianças e os adolescentes de 6º e 7º anos. Para complementar minha renda, dava aulas particulares para estudantes de 8º e 9º anos.

Passava a manhã, na escola, à tarde, em casa, em meu segundo ofício, e à noite, preparando as aulas. Assim é a vida de professora, pois a gente sai da escola, mas a escola não sai da gente. Até quando estamos de férias, recesso, feriado, fim de semana, enfim, em todo e qualquer *espaçotempo*, estamos sempre pensando na escola, nos/as alunos/as, nas famílias, nas professoras, na equipe gestora, nas colegas-profissionais da educação, nos planejamentos, nos relatórios, nos eventos, tudo que está no ambiente educativo e que nos motiva a buscar sempre a fazer mais e melhor por todos/as os/as envolvidos/as na, com e pela escola.

Trabalhei como professora, nessa escola particular, em unidades de dois municípios, de 2005 até 2010, quando passei no concurso público de um terceiro município e assumi o cargo de professora orientadora pedagógica, numa escola de educação infantil.

Na escola particular, tive uma coordenadora pedagógica que muito me inspirou e foi um grande exemplo de pessoa e profissional. Muito do que fiz, foi espelhado no que vi Giselda fazendo pela escola, pelos/as discentes, pelos/as docentes. A cada final de ano letivo, a coordenadora pedagógica chamava uma a uma das professoras e dava uma devolutiva de como foi o trabalhado ao longo do ano. Numa dessas conversas que tivemos, ela primeiro me aconselhou a buscar uma formação continuada direcionada à área em que eu atuava. Logo, fui fazer o curso de pós-graduação *Lato Sensu* em “Gramática e uso da língua portuguesa”. Num outro diálogo que tivemos, ela me disse que via em mim o perfil de gestora e que, portanto, eu deveria investir nisso. Sendo assim, fui eu para outro (per)curso, minha segunda graduação, desta vez, Pedagogia. Tive a companhia de uma colega professora da escola, a Natércia, e juntas, íamos para São Paulo, em busca de novos saberes.

Antes mesmo de terminar a segunda graduação, sendo essa Pedagogia, surgiu o concurso para professora orientadora pedagógica, num município próximo de onde eu morava e lá fui eu, prestar o processo seletivo, em 2009. Aprovada, em fevereiro de 2010, tive como presente de aniversário minha efetivação. Voltei, então, para a escola pública.

Quando fui conversar com a minha coordenadora pedagógica da escola privada sobre a minha aprovação e convocação para assumir a vaga no cargo público, numa escola pública, como funcionária pública, ela tentou persuadir-me para que eu desistisse, oferecendo-me aumento de salário para que eu continuasse na escola privada. Convicta sobre o que eu realmente queria, disse que a valorização teria que ser constante, não apenas no momento de perda de uma boa profissional, como me consideravam.

Mesmo tendo o salário menor na escola pública do que naquela escola privada, tinha o propósito de retornar e desenvolver meu trabalho fazendo a diferença na vida das pessoas, como foi na minha, quando na escola pública estudei, quando fiz cursinho pré-vestibular num espaço para jovens de baixa renda, quando tive aulas gratuitas de meu professor de Inglês, quando fiz trabalho voluntário na igreja do bairro onde morei e mais ganhei do que ofertei, enfim, ser professora de escola pública é para mim uma forma de retribuição por tanto que recebi de cada uma das pessoas que foram tão importantes em minha *vidaformação*.

Sendo assim, após prestar o concurso público, numa cidade do interior de São Paulo, para o cargo efetivo de professora orientadora pedagógica, assumi o cargo, vivendo uma constante (trans)formação, como vivo até os dias atuais.

Diante de tantos desafios do cotidiano escolar, busco, em minhas lembranças do passado, as boas referências e aquelas que nem tão boas foram assim, mas que me fizeram, na *vidaformação*, uma pessoa e profissional melhor, afinal o profissional ‘mora’ dentro de uma pessoa, já dizia Soligo (2015, p. 06).



Estive uma manhã, numa sala de berçário I. Entrei para tentar ajudar a equipe, pois numa segunda-feira, a classe sempre é mais e mais agitada... são choros de sono, cansaço, fome, cólica, de irritação pelo choro do outro. Há de tudo um pouco.

Na melhor das intenções, tirei meu tênis, deixando-o do lado de fora da sala e adentrei. Encontrei uma auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) no banheiro, trocando uma bebê, outra, ajoelhada no chão da sala, com uma criança no colo, tentando acalmar um outro bebê que, na almofada, chorava, incansavelmente. Ela, a ADI, então, lhe oferece a mamadeira. Ao ver uma outra bebê deitada, no colchão, e chorando também, logo perguntei para as ADIs presentes se eu poderia pegá-la no colo para tentar acalmá-la, acolhendo-a. Diante do sim delas, com a cabeça, peguei a bebê, que suava bastante.

Primeiro, tirei um de seus agasalhos, e, após colocá-la no suporte de seus pertences, comecei a cantar com a bebê em meus braços, “O que é que tem na sopa do neném... o que é que tem na sopa do neném...”. Essa música da dupla musical, Paulo Tatit e Sandra Peres, do Palavra Cantada é bastante presente como repertório para e com os/as bebês. Vi, ali, no espaço educativo que tinha alguns objetos e utensílios de cozinha e isso me reportou a essa música. Foi como uma mágica, os/as bebês me ouviram e logo o chororô foi diminuindo, diminuindo e cessou. Nisso, vi uma outra bebê com uma forma de bolo e, logo, olhando para ela, perguntei se ela estava a fazer um bolo gostoso para dividir com os amigos e as amigas da creche. Foi aí que ela começou a bater palmas. Sendo assim, iniciei a cantoria com a música “Parabéns para você”, canção popular, e logo os/as outros/as

bebês começaram, também, a bater palmas.

Quando a professora da classe retornou, pois estava lá no refeitório alimentando e acalmando os/as que estavam com fome, arregalou os olhos ao ver que o ambiente estava mais calmo e sem choro algum. Com a entrada dela na sala, dei um sorriso de felicidade em nome de toda a equipe e coloquei a bebê, bem mais tranquila, no suporte que a apoiava sentada, oferecendo um brinquedo que ela já conseguia segurar sozinha.

Segui, então, cantando uma outra música, a “alecrim dourado”, canção popular e que minha filha, Maria Fernanda, amava ouvir. Ao terminar a melodia, perguntei à equipe se estava tudo bem para que eu pudesse continuar o que eu estava fazendo, antes de ali chegar. Dito a mim um ok, pelas três educadoras, segui para minha rotina prevista e planejada.

Algumas de minhas experiências vividas com os/as bebês, as crianças pequenas, as professoras, as auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs) nos *espaçostempos* foram primordiais para refletir sobre a própria experiência, a observação da prática, as ações individuais e coletivas, as conquistas e os desafios, pois estar perto, junto e com toda a equipe escolar, me mobilizou e me provocou reações de encantamento, alegria, tristeza, sutileza, afetividade, amorosidade, indignação e AÇÃO.

Ver todos/as aqueles/as bebês, num mesmo espaço e com número insuficiente de adultos, me mostra o quanto temos para aprender, aprimorar, ressignificar e lutar para que nossa prática, na realidade, seja transformadora. Os/As bebês me ensinavam, diariamente, que é preciso sensibilidade e disponibilidade para garantir, com amorosidade, o respeito na, com e pela escola.

Ao narrar, registrar e refletir sobre a minha prática profissional, bem como a das docentes e educadoras, busco apropriação teórica para produzir conhecimentos que possam amparar, auxiliar e melhorar a prática em nosso cotidiano na expectativa de que tenhamos uma escola mais humanizadora e que valorize a pessoa e o/a profissional que ali está a cada momento.

Ferreira, Cunha e Prado (2021, p. 179) ressaltam que “os profissionais da educação documentem o que fazem, documentem o que pensam sobre o que fazem, assim como as inquietações, dificuldades, conquistas, sua produção intelectual”, pois com a ampliação da

consciência de si e da realidade, buscaremos mobilizar outras profissionais para dialogar e lutar pelos sentidos e significados da docência.

Já Galzerani (2021, p. 166) afirma que “Benjamin oferece-nos, por meio dessas construções imagéticas, brechas instigantes para questionarmos o distanciamento que tem prevalecido entre o sujeito e objeto no ato de produção de conhecimento, sobretudo ante o avanço da modernidade capitalista”. Diante da realidade da escola, com o número grande de crianças para adultos responsáveis pelo cuidar e o educar, nem sempre é possível garantir e atender, imediatamente, a real necessidade de cada uma delas, ou seja, num momento como o narrado, numa segunda-feira, cedo, numa sala de berçário I, com mais ou menos 15 bebês entre 3 e 18 meses e 3 adultos.

É, humanamente, impossível desenvolver qualquer que seja a proposta educativa, estampada no currículo, tendo condições de trabalho assim. Entre desenvolver uma proposta de vivência e dar o colo tão necessário ao/à bebê, esse é o mais importante e deve ser priorizado, como sempre foi ressaltado em nossa equipe.

Nesse dia, quando entrei e comecei a cantar para tentar acalmar os/as bebês, felizmente, deu certo, mas nem sempre era assim. Nem sempre eu ou outro adulto, profissional da educação, estará ali na escola, perto, para atendê-las. Como professora orientadora pedagógica eu tinha, assim como a professora, um planejamento diário com propostas das mais diversas a serem realizadas ao longo de cada dia da semana com todos/as da equipe escolar, mas naquele dia, naquela hora, os/as bebês precisavam ser atendidos/as imediatamente.

Galzerani (2021, p. 169) evidencia o “questionamento do estilhaçamento das relações sociais, à racionalidade instrumental gerando a hierarquização dos saberes, a desqualificação da criança, seja como produtora de conhecimentos, seja como pessoa inteira, portadora de singularidades”. Como as crianças estão sendo respeitadas em suas individualidades? Como os adultos, a professora e a auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), naquele espaço educativo, conseguirão desenvolver uma educação humanizadora, uma vez que se vive uma situação desumanizadora?

Barbosa (2017, p. 115) ao escrever o posfácio do romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, salienta que “se a memória é a vida de acesso de Ponciá ao seu autoconhecimento, é também através dela, do que a voz narrativa reconstrói, que nós, leitores, penetramos no âmago das suas emoções e passamos a conhecer a história pessoal de cada um”. Nessa *pesquisafomação*, outras profissionais da educação conhecerão minha história pessoal e profissional, repleta de vidas outras que me habitam, bebês, crianças pequenas,

adultos. Narro o movimento de (trans)formação em mim, em nós, e que, mesmo que com tantos desafios, ainda assim, luta, resiste e quer produzir conhecimento, a partir dos atravessamentos diários, visando à formação como um processo contínuo para novas experiências instituintes.

Segundo Munhoz (2022, p. 19)

para Freinet (1998a) o professor é um trabalhador como em tantos outros, um trabalho entre o intelectual, o físico, que precisa ter uma cabeça pensante e mãos habilidosas. Por ter sido escolhido em nossa sociedade para ser o responsável pela educação das futuras gerações carrega consigo uma característica especial, é aquele que junto com seus colegas pode tornar realidade mudanças na sociedade.

É pensando nas mudanças, como diz Moraes (2020, p. 147), “muitos deixaram marcas positivas e outros nem tanto” que, mesmo tão longe, aqui em Singapura, continuo a pesquisar, a narrar e a produzir conhecimento, porque acredito na importância de registrar os caminhos e as experiências, bem como o que me constituiu, como pessoa e profissional, como professora pesquisadora narradora.

Uma caixa (trans) formação... formação continuada e sem fim

No mestrado profissional,

busco novos conhecimentos para me afetar e afetar o outro, a fim de colaborar, compartilhar, dividir, publicizar, sempre, com a pesquisa e a formação continuada, além da melhoria no atendimento de toda a comunidade escolar, seja essa onde estou e por onde passo e passarei. Seja direta ou indiretamente, percebo o quanto é possível ampliar os horizontes, caminhando com meus pares, em busca de uma educação de qualidade para todos. Que esse meu percurso sirva como inspiração e contribuição para outras formadoras, pesquisadoras, narradoras, que fazem o melhor a cada dia, dentro das condições que têm. É compartilhando o nosso melhor que a gente vai melhorando a cada dia. Assim como eu, outras tantas professoras, também, têm memórias afetivas de um percurso formativo e um movimento de (trans)formação (Rezende, 2023, p. 262-263).

Afirma Galzerani (2021, p. 161) ao se reportar a Walter Benjamin que “a memória constitui para o pensador frankfurtiano uma viagem no tempo até as impressões matinais da pessoa humana, com direito à ida e à volta”. Sendo assim, vou produzindo lembranças com significados outros em minha própria história, em *espaçostempos* e sensibilidades que me acompanham em todo e qualquer lugar.

Uma das ações que me move é compartilhar minha *vidaformação*. Continuarei narrando meus vividos, de forma a mobilizar movimentos reflexivos (auto)biográficos,

prenhes das relações de si com os/as muitos/as outros/as. “Não quero que ninguém pense e/ou faça como eu, mas que pense e faça a diferença na vida de cada ser humano que compartilha do dia a dia” (Rezende, 2023, p. 263) nas, com e pelas escolas. Pierini (2007, p. 27) expressou que “a generalização reduz, que as coisas se explicam, mas não se esgotam, há sempre outros elementos e outras relações”. Assim como a autora citada,

perspectivo a necessidade de circunstanciar a prática e afirmar o lugar de onde se dialoga com a prática. Melhor não há do que os espaços da escola básica e da universidade que, juntas, constroem e ampliam os saberes de todos/as os/as envolvidos/as nos processos de ensino e aprendizagem. Acredito que toda professora, pesquisadora, narradora, orientadora pedagógica, educadora, profissional de uma escola tem algo para lembrar, pesquisar e narrar sobre a *vidaformação* (Rezende, 2023, p. 263).

Por gostar tanto do meu trabalho, na, com e pela escola, que me inscrevi no processo seletivo para o mestrado profissional. Participei do processo seletivo três vezes.

Na primeira vez, não tive meu projeto de pesquisa aprovado. No ano seguinte, nova tentativa e um outro projeto de pesquisa, outro foco, outro olhar. Tive, então, uma etapa avançada, mas com o número tão restrito de vagas, não fui adiante. Já no terceiro ano, em 2021, nova tentativa e com o projeto ajustado, olhar mais apurado e entrevista feita, fui aprovada. Um dos meus sonhos foi realizado. Eu, aluna no mestrado profissional, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Hoje, posso dizer que é o meu lugar. Por sonhar tanto com isso, que retomo Freire (1996, p. 94) “me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente”.

Além de tudo isso, ainda tenho o que chamo de privilégio ter, como professora-orientadora, Inês, doce, meiga, sabida e querida. Minha admiração por ela vem de outros tempos. Em nosso primeiro encontro de orientação individual, ao falarmos de minha pesquisa, relembro que o diálogo se estabeleceu em relação ao outro. Ela me diz mais do que consigo ver em mim mesma. Assim tecemos nossos encontros, sempre. Vou narrando e pesquisando, pesquisando e narrando, num intenso movimento de (trans)formação.

Em minha *pesquisaformação*, busco, nas memórias, histórias e narrativas, (guar)dados que possam contribuir com minha própria prática formativa, bem como de outras professoras, numa formação continuada. “Acredito que as reflexões, a partir das ações, possam favorecer, tecer e reverberar um processo formativo e constitutivo, como pessoa e profissional, para mim e para tantos/as outros/as” (Rezende, 2023, p. 263).

Assim como Pierini (2007, p. 31), “é na vida social que vamos nos singularizando”, insisto nisso.

Conduzida pela minha professora-orientadora, demais professoras de cada uma das disciplinas, ao longo do mestrado profissional, colegas de profissão e (per)curso, tenho me afetado com novas ideias sobre quem eu sou, como me veem, o que conheço e o quanto desconheço sobre o que faço ou não faço, o quanto tenho a conhecer e fazer. Vivo com e nas relações, profissionais e pessoais, e assim vou me constituindo nas investigações, nas ações, nas reflexões, nas narrativas e nas formações, diante do vivido em meu cotidiano (Rezende, 2023, p. 264).

Com a experiência da pesquisa narrativa (auto)biográfica, constatei no vivido que é possível construir conhecimentos em novos (per)curso formativos, estendendo-os aos/às professores/as, demais funcionários/as e crianças/ familiares da creche. Em Rezende (2023, p. 255), resalto que “cada um tem sua história, seu (per)curso, sua trajetória de *vidaformação*. As experiências instituintes vão sendo elaboradas a cada sentido, trajetória, tessitura. São múltiplos os modos de expressão, as histórias de vida e as narrativas atreladas às pesquisas”.

Em *O homem que amava caixas*, Stephen Michael King (1997) traz as caixas que são usadas por um homem e seu filho compartilhando de uma maneira especial o amor de um pelo outro. Eram caixas grandes, altas, redondas, pequenas, de todos os tipos e pela dificuldade em dizer o que sentia, o pai usou das caixas para dizer ao filho o que as palavras não davam conta. Mesmo parecendo estranho para alguns, tendo risos pelas costas, ainda assim nada disso o preocupava, pois o que para ele era importante foi narrado de modo outro.

Abri, como Pandora, muitas caixas ao longo de minha *vidaformação* e vi que nelas carrego histórias positivas, outras, nem tanto, mas que foram me constituindo, como professora pesquisadora narradora. Utilizando a metáfora das caixas, narro e pesquiso e pesquiso e narro, de maneira a refletir, a partir de ações já vividas, o que reverbera em mim e em tantos/as outros/as que me constituem. Em Rezende (2023, p. 264) também resalto que “vivo com e nas relações, profissionais e pessoais, e assim vou me constituindo nas investigações, nas ações, nas reflexões, nas narrativas e nas formações, diante do vivido em meu cotidiano”.

Cândido (2020, p. 234) evidencia que “o registro das reflexões da prática cotidiana favoreceu não só a revisão do trabalho como professora, mas também o estabelecimento da parceria na relação coordenador/ professor, via construção do conhecimento”. Para a autora, os registros favoreceram o estreitamento de vínculos, possibilitando a construção de novos conhecimentos, por meio de histórias que geraram mudanças na prática, favoreceram a construção da identidade profissional, contribuíram com a sistematização do trabalho e a organização dos saberes, possibilitaram diálogos, trocas de experiência e acrescento o afeto em diferentes formas de agir e pensar na, com e pela educação de todos, adultos e crianças.

Assim, ao narrar e pesquisar, pesquisar e narrar, trago Soligo (2007, p. 18), que afirma que “Benjamin (1987), dentre tantas afirmações instigantes, defende que a experiência é compartilhada, através da narrativa e que a base de qualquer narrativa, ficcional ou não, é a própria experiência”. Trago nessa pesquisa algumas das experiências vividas na escola e na universidade, na *vidaformação*, como professora pesquisadora narradora, lá e cá, no Brasil e em Singapura. Além disso, a autora ressalta Jorge Larrosa (2000, p. 22), “talvez os homens não sejamos outra coisa que não um modo particular de contarmos o que somos. E para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para aí tentar recolher as palavras que falem por nós”.

Desse modo, sigo aqui, abrindo caixas, pastas e malas, pois acredito que quando ficamos por muito tempo no mesmo lugar, não percebemos outras formas de ver, entender, desenvolver novas ações. É imprescindível a nossa (trans)formação, a formação de formadores, a relação com os pares, a interlocução com amigas-críticas, tudo isso nos possibilita construir novos conhecimentos. Considerar o olhar da outra, faz com que melhoremos o nosso olhar. Ao estudar, ler, reler, escrever, reescrever, ouvir e falar sobre o cotidiano escolar, tudo isso nos possibilita a percepção de que por melhor que seja a situação, a formação, a educação, ainda assim, é possível fazer melhor. Além disso, nessa reflexão é possível perceber que os problemas, as dificuldades, os obstáculos são tidos para mim, para outros/as, para nós. As ações, reflexões, ações são, às vezes, as mesmas, aqui, lá e acolá, bem como os desdobramentos, entretanto ao narrar o (per)curso e escrever/ reescrever sobre a partida, a caminhada e a provável chegada, em *espaçostempos* outros, por meio de sínteses reflexivas, bem como cartas às professoras/equipe escolar e pares/pesquisadores, ficava cada vez mais nítido o quanto havíamos percorrido juntas, num coletivo, o quanto uma pessoa-profissional constituía a outra, o quanto é possível fazer mais e melhor a cada novo dia para nossas crianças familiares/comunidade.

Perceber o que acontece na escola/universidade e dialogar com outros/as, em busca de possíveis soluções, ao considerar o/a outro/a, configura o intuito de tornar todos/as responsáveis e responsivos/as, de forma a ampliar as relações de maneira efetiva e afetiva, tendo a consciência da coerência entre teoria e prática. Ao escrever/ reescrever sobre o que deu certo ou não, ampliamos as reflexões tendo assim um olhar sensível e uma escuta ativa para a (trans)formação. Os problemas passam a ser mais perceptíveis, diante do contexto em que estávamos inseridos, assim como as possíveis soluções, individuais e coletivas, de maneira a promover novos saberes para a prática docente, na, com e pela escola.

Ao planejar, escrever, reescrever e desenvolver as pautas formativas, refletia, via,

sentia, discutia, dialogava sobre qual a necessidade de cada um/a de nós na escola. Via como fundamental percebermos sobre a necessidade de todos/as e, portanto, o debruçar diário que deve ser por fazer um exercício colaborativo, respeitoso, humano, potente, de modo a organizar, pensar, planejar, refletir sobre os tempos, os espaços, as rotinas e os materiais utilizados por cada uma das pessoas, profissionais da educação, na, com e pela escola. Afirma Simas (2018, p. 109), “se são as relações sociais que produzem a consciência, a partir do momento que essa consciência é produzida, ela também tem o poder de permitir que o sujeito aja de forma outra para produzir outras relações, outras ações e outras reflexões”.

Complemento ainda que provocar a busca por novos conhecimentos, de maneira consciente, estando em diferentes momentos e lugares com diferentes interlocutores e pares, considerando a devolutiva de todos/as os/as envolvidos/as, dentro e fora da escola, faz com que escrever, refletir e reescrever novas narrativas ocasione uma (trans)formação, ao considerar as impressões do/a outro/a, numa horizontalidade respeitosa e afetuosa.

Com os grupos de pesquisa, Grupo de Terça e Polifonia – GEPEC, tinha *espaçotempo* para ver, ouvir, escrever, ler, sentir as conquistas, os desafios, os equívocos, as errâncias minhas e dos/as outros/as que buscam dialogar sobre a vida na, com e pela escola. A cada encontro, mesmo que à distância, lá no Brasil e aqui de Singapura, era possível perceber a realidade educacional de tantas outras militantes na profissão, que escutam, acolhem, dialogam com os pares, de maneira a pensar no coletivo, constituindo uma a outra, refletindo juntas por uma escola humanizadora.

Ter uma amiga-crítica faz toda a diferença, pois nos percebemos no olhar externo, de modo a perceber um olhar diferente e a escuta sensível às considerações da outra. Enxergar e ouvir de outros *espaçotempos* possibilita novas compreensões e futuras ações, após reflexões.

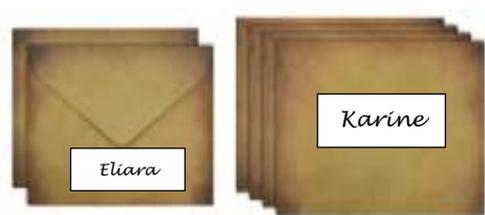
Quando ouvi sobre o amigo-crítico, pela primeira vez, de Rosaura Soligo, durante o curso de férias “Formação e Coordenação – Desafios Metodológicos, fiquei a pensar em alguém em quem confiasse, empenhado/a em me ajudar a melhorar, dialogando, apoiando, encorajando-me, sem deixar de dizer, de maneira construtiva e afetuosa, principalmente, aquilo que é desconfortável para se ouvir. Ter um parceiro/ uma parceira solidária que está disposto/a e disponível a escutar e ajudar a encontrar soluções possíveis, viáveis, aceitáveis, diante dos desafios do cotidiano, pensei em quem seria a minha melhor companhia. Não tive dúvida, de que primeiro seria meu marido Cláudio, pois está sempre por perto fazendo-me perceber que a vida nos traz desafios que nos fortalecem e que as conquistas vêm para quem se debruça sobre o que almeja. Tendo-o como profissional de outra área, que não a da

Educação, amplia-me o olhar de modo a perceber que nem tudo o que nos parece tão óbvio, muitas vezes é. Por isso, devemos dizer, escrever, explicar, explicitar ao outro, nosso interlocutor, o que nos parece claro, simples, habitual. É preciso entender, perceber, sentir, como afirma Simas (2018, p. 102), que, no cotidiano escolar, “escrevia para alguém, não somente para mim”. Portanto, meu (per)curso não é somente meu, mas sim de muitos/as outros/as, por isso, cabe a mim levá-los/as comigo, bem como trazê-los/las também para cada (trans)formação.

São nas horas mais inesperadas que o importante nos acontece. Assim foi quando conheci minha amiga-crítica Eliara Coelho. Sem ao menos nos conhecermos, seguimos juntas, para São Paulo, em busca de novos olhares, saberes, conquistas, desafios. Nossos propósitos eram os mesmos, a esperança por dias melhores, com condições melhores, com pessoas melhores, na, com e pela escola. Assim, continuamos caminhando, juntas, mesmo que distante. Ter em quem confiar, trocar vitórias e derrotas, confidencializar sobre o que e quem nos faz bem, mas também o que não faz, é primordial. Ao encontrarmos, falarmos e escrevermos uma para a outra, víamos caminhos possíveis a serem trilhados, repensados, reconsiderados. Ao usarmos das cartas, uma para a outra, víamos a potência desse recurso para além da prática social, de modo a se fazer um registro reflexivo, um exercício dialógico comigo e com o/a outro/a, evidenciando uma prática autoral, formativa, de memórias do passado-presente-futuro que nos constitui.

Dentre tantas e tantas cartas trocadas por mim e Eliara Coelho, partilho uma muito emocionante.

Carta 02



Taubaté, 27 de outubro de 2023.

Karine, minha amiga-crítica!

É com muita alegria que compartilho com você esta carta que já está escrita no meu coração há muito tempo e, agora, materializada nestas palavras singelas que dedico a

você.

Que privilégio o meu de ter te conhecido! Esse encontro resultou em mais do que uma amizade, uma parceira de trabalho, uma interlocução da minha/sua trajetória profissional. Antes mesmo de conhecer o termo “amiga-crítica” apresentado por você, já éramos amigas-críticas. Que gostoso e gratificante essa aprendizagem pela experiência vivida, sentida, repetida. Tenho orgulho da nossa história juntas.

Sabemos o quanto os começos são importantes e cruciais para a construção de vínculos e segurança na relação. Lembro-me com muita clareza do momento em que nos conhecemos. Vale a pena recordar, brevemente. Minha irmã trabalhava em Caçapava e com frequência me falava de sua colega que tinha paixão pela educação infantil e era muito estudiosa. Ela dizia que deveríamos nos conhecer, pois sabia da minha paixão também. Certo dia, ela me disse: _Mana, a Karine vai fazer um curso na escola que você sempre fala (Escola da Vila) e perguntou se você quer ir com ela. Não nos conhecíamos nem mesmo por mensagens, mas pensei: _Que oportunidade incrível! Na mesma hora eu disse sim! Então, nos encontramos na rodoviária de Pinda para partimos juntas para uma viagem de dois dias. _Você é a Karine? Sim! E você é a Eliara, irmã da Elisa! Pronto, partimos! Pensei: Teremos tempo para nos conhecer melhor. No ônibus, seguimos nos revelando e nos reconhecendo como parceiras. Nossas trajetórias de vidas, diferentes, nos uniram ainda mais. Você casada com dois filhos, eu, na época, tinha acabado de me separar e sem filhos. Nós duas seguimos dividindo nossas histórias e a mesma paixão pela educação. Depois desse dia, o encontro se repetiu por muitas outras vezes.

A afinidade resultante da admiração pessoal e profissional contribuiu para encontros “formativos” informais, como churrascos e cafés e sempre foi uma alegria compartilhar da sua companhia, juntamente com a sua família que eu admiro muito e tenho grande carinho. Nesses encontros, sentia que não deixava de ser formativo. Havia sempre aprendizados envolvidos! Agradeço por tanto!

Seu interesse em buscar “no dente” a sua formação e aprimoramento da prática em participação de cursos e seminários e sua busca por conhecer outras escolas, outras realidades, sempre foi muito inspirador pra mim. Nosso primeiro encontro, foi nessa circunstância e até hoje me sinto inspirada por isso!

Um fato interessante dessa relação de amiga-crítica que construímos juntas foi que a

cada dia, a cada conversa e a cada troca, fui aprendendo que paixão pela educação infantil é sim essencial para um trabalho bem feito, porém não é o suficiente. É preciso conhecer e dominar técnicas e desenvolver coragem e resiliência para continuar tentando, para superar os desafios, para concretizar transformações verdadeiras e profundas em nós mesmas e nas pessoas que encontramos pelo caminho, pessoas grandes e pequenas.

Quando a conheci, fazia pouco tempo que havia passado, “magicamente”, de professora para coordenadora pedagógica e, como acontece com muitas, não tinha saberes práticos sobre essa função tão complexa. Acompanhar a sua prática pedagógica foi iluminador de possibilidades para mim, pois é diferente ser professora e ser coordenadora. Além de que a identidade do coordenador pedagógico ainda é fragilizada, visto que fazemos de tudo na escola e ao mesmo tempo sentimos que não fazemos nada. Para mim, essa sensação era constante e ao entrar em contato com a sua prática e os materiais que produzia, ou seja, sua estratégia da documentação pedagógica, comecei a perceber que esse seria um caminho assertivo de trabalho. Realizando registros, compartilhando registros, utilizando registros para planejar, avaliar e formar. Esse aprendizado valioso, aprendi na prática e “de graça” com você, minha amiga-crítica.

Hoje fico pensando sobre essa necessidade de interlocutores interessados em nos ouvir e compartilhar o que fazem, pensam e sabem. Sinto muita falta desse tipo de diálogo dentro das escolas. Penso que deveria ser constante essa troca entre os professores, os coordenadores e gestores, em geral. Vale ressaltar a qualidade dos seus registros sempre reflexivos e bem escritos, feitos por diversas fontes, como: fotos, escritos, vídeos, entre outros.

Lembro-me com muita gratidão e carinho quando, impulsionada por você, fizemos visitas uma na escola da outra. E lembro-me do quanto isso foi mobilizador para minha prática em vários sentidos. Por exemplo, precisei fazer todo um protocolo para autorização da secretaria de educação para essa sua visita técnica. A burocracia, às vezes, atrasa a realização de bons projetos, de boas ideias, mas aprendi que precisamos ser persistentes.

De início fiquei um pouco frustrada por essa burocracia, depois achei que foi maravilhoso, pois foi preciso o acompanhamento de uma supervisora que, na época, quase não tinha tempo para nos visitar e atender as demandas pelas quais precisávamos

de atenção. Ela precisou nos incluir na sua agenda para nos acompanhar nesta sua visita.

Para mim foi uma grande felicidade, fiquei orgulhosa da minha amiga-crítica que promoveu isso e orgulhosa de mim, pois, nessa visita, a supervisora pôde me ouvir explicando sobre várias ações que aconteciam na escola e ela não sabia, pôde conhecer melhor o trabalho de várias professoras, pôde olhar com mais atenção, tempo e cuidado para as nossas crianças.

Foi quase que uma tematização da prática, oral, porque eu contei sobre o que havia nas paredes e sobre os materiais produzidos por nós. Ver você, minha amiga-crítica, com o seu caderninho, o seu olhar atento, o seu jeito educado e simpático com todos, (todos mesmo), fazendo suas anotações, seus registros valiosos, fazendo perguntas, valorizando os profissionais da escola, foi tão formativo para mim e para a minha equipe! Senti que meu trabalho era importante, me senti importante! Ainda mais sabendo da sua qualificação, como coordenadora pedagógica. Foi um dia inesquecível, incrível, um jato de inspiração e motivação que está vivo em mim até hoje. Gratidão mais uma vez!

Com você não tenho medo de errar. Não sinto que seria julgada se estiver errada, pois sei que você sabe a importância do erro, sabe que quem mais erra é quem está tentando, fazendo coisas novas e cometendo erros novos, afinal somos “aprendentes”, pois somos errantes.

Depois desse dia, foi a minha vez de brincar de ser observadora. Marcamos minha visita na sua escola e foi ainda mais formativo! Repetimos a experiência, agora, eu com o meu caderninho na mão, celular para as fotos e as perguntas na cabeça. Saí ainda mais encantada pela educação infantil, porque nunca tinha entrado em uma escola tão bem organizada, com pessoas tão alegres e crianças tranquilas, além do espaço incrível que possui a EMEIPI “Prof^a Márcia Aparecida Faria”, de Caçapava. Outro dia que está registrado na minha mente e no meu coração! Queria morar naquela escola! Voltei nutrida de ideias e esperança!

Você, minha amiga-crítica, além de ser tão organizada, criativa, sensível e compromissada, me encanta com sua atenção e cuidado na relação com as pessoas, grandes e pequenas.

Confesso que minha decisão de aceitar o convite para trabalhar em Caçapava foi

bastante motivada pela sua presença por lá. Ouvi dizer que “é no meio dos bão que ficamos mió”. Ter um contato ainda mais próximo com o seu trabalho só me trouxe aprendizados. Fui sua “chefe de divisão”, mas nossa relação continuou firme, como “amiga-crítica”, e me sentia mais segura e confiante com você por perto. Eu escolhi me juntar a pessoas que acreditam e trabalham com o seu melhor para educação infantil e, perto de você, quero ficar por muito tempo.

Mas, e quando os desafios parecem ser maiores do que a gente? Sentia uma impotência que, às vezes, me paralisava. Quantas vezes chorei com você em nossos cafés, sentia vontade de desistir e recebia um abraço tão potente, um diálogo tão construtivo e, então, percebia que sou parte do processo, que eu precisava me incluir. Você me ajudou a desenvolver um olhar generoso para o meu processo, o direito de desanimar, de chorar, de cansar, mas também me deu a mão para levantar, olhar mais adiante, aprender estratégias novas, tentar ferramentas novas ou tentar apenas um olhar diferente.

Sempre vi a escola como transformadora da sociedade e levo isso muito a sério, mas, com o tempo de experiência nesta função, percebo também que nem todos continuam acreditando nisso, muitas vezes atuam como em um trabalho quase que mecânico e, por vezes, se não nos nutrirmos de fontes seguras, corremos o risco de desistir, de acreditar e ligamos o automático.

Ouçó muito: _Isso que você apresenta é muito lindo na teoria, mas não acontece na prática. Mas eu vi acontecendo, sei que é possível e quando a chama fica fraquinha, busco combustível nas minhas memórias e nos nossos encontros. Eu quero e vou colocar em prática! Tê-la como amiga-crítica-formadora me faz acreditar na potência dos diálogos, das trocas de experiência, dos registros, que sempre ativam a criatividade, o planejamento, o estudo sistematizado e me instrumentaliza para o trabalho efetivo com as crianças.

Ao escrever essa carta, fui abrindo várias páginas no computador, pois fui ativando a memória e criando ideias para atividades na escola, como pauta de HTPC, devolutivas, tematizações, propostas para a reunião com os pais, enfim. E sempre foi assim, nossa conversa permanece em mim por muitos dias, sinto a nutrição dos nossos encontros, volto para um texto, um vídeo, uma imagem que foi compartilhada por você e trago para a minha realidade. É muito gostoso esse movimento!

E essa ideia das cartas! Que ferramenta potente para todos os envolvidos, quem escreve se forma, quem se comunica se forma e quem lê se forma também. Quero lhe contar que na nossa escola estamos vivendo uma experiência de trocas de cartas, neste mês de outubro, em comemoração pelo dia dos professores. Eu sou a carteira e faço as entregas. Sorteamos os nomes dos professores como em um amigo secreto e estamos escrevendo as cartinhas. É gratificante acompanhar a reação tanto ao chegar a carta como ao ler a carta recebida. Estamos superando a cultura da lembrancinha de esmalte e partindo para o valor das palavras e das ideias! E você tem grande influência nisso!

Tenho tanto ainda a dizer... UNICAMP, Pipocas Pedagógicas, Planos futuros... Mas, por enquanto, paro por aqui! Obrigada por me ajudar a rever o mundo com os olhos de criança, que é pesquisadora, curiosa, criativa, encantada, interessada pelo novo, flexível para mudança e que estabelece relações sinceras e positivas!

“As crianças acham tudo em nada, os homens não acham nada em tudo”.

Giacomo Leopardi

Um forte abraço!

Eliara de Oliveira Coelho

São experiências em momentos assim, com cartas como essa, de amigas-críticas, de amigas-presente, de professoras-presente, que reafirmamos o compromisso ético, político, estético, poético. Nico, no prefácio de Bragança (2012, p. 17), afirmou que “ser professor é uma circunstância vital que une milhões de seres humanos em todo o planeta” e é bem isso, eu aqui, em Singapura, minhas amigas, colegas de profissão, professoras, pesquisadoras, narradoras, seguem lá, no Brasil, em busca de formação, de identidade profissional, de ideal e de reforço no exercício profissional, diante de vitórias e derrotas, problemas e soluções, luta e resistência por uma escola mais humanizadora.

Por sermos professoras que reconhecem o fazer docente, mesmo com dores e alegrias, medo e insegurança, amorosidade e sensibilidade, é que seguimos em busca de outras formas mais sensíveis e afetivas de aprender, pesquisar e partilhar, pois como afirma Linhares (2007, p. 141) “importa que sejamos capazes de, com nossas pesquisas, ‘tocar também em nós’ e nas diferentes maneiras com que estamos implicados na vida política e educacional”.

Segundo Pacitti e Passos (2018, p. 132)

Sabe-se que muitos coordenadores pedagógicos assumem o cargo ou função sem qualquer experiência ou conhecimento profissional para o atendimento das tarefas demandadas pela posição que ocupam e necessitam, portanto, de formação para isso. Uma das alternativas encontradas por esses profissionais tem sido o retorno à universidade. Nela buscam apoio teórico e prático para o desenvolvimento de sua tarefa de formador e na direção de ter suas necessidades formativas atendidas. Esse retorno também é motivado pela expectativa de coletivizar suas experiências, seus saberes e, especialmente compreendê-lo de forma situada, bem como de compartilhá-los num processo de interação com seus pares.

Os encontros formativos, mesmo que informais, com nossos/as interlocutores/as, amigos/as-críticos/as nos possibilitam uma escuta ativa, um olhar atento e a sensibilidade para a pessoa e o/a profissional que nos faz pensar, aprender, ensinar, caminhar, buscar novos (per) cursos que irão nos possibilitar (trans)formar a nós mesmos/as e a outros/as tantos/as.

Ter a confiança em alguém que valoriza o diálogo, que preza pela aprendizagem, que tem coragem para enfrentar as mudanças, que luta para superar os obstáculos, que diante dos desafios não desanima e que, além de tudo isso, ainda produz conhecimento ressaltando a importância da consciência pedagógica e a política de uma profissional da educação é um modo outro de refletir sobre o próprio processo de formação docente.

Quando passamos a ter a prática de dialogar de modo mais fluido, na horizontalidade e igualdade, com outros/as profissionais da educação e com autores/as de referências, passamos a viver sentidos outros na, com e pela escola, de modo a valorizar ainda mais as relações, as trocas, as experiências instituintes, as formações de professores, as narrativas e as pesquisas.

Vivemos, diariamente, luta, resistência, resiliência, individualidade, coletividade, desafios, conquistas, planejamentos, dúvidas, incertezas, desconfianças, inquietações, mudanças, acertos, equívocos, sonhos, esperança. Assim como para mim, para Eliara Coelho, para Renata Fernandes, como para tantas outras professoras orientadoras pedagógicas, o começo foi desafiador. Ressalta Fernandes (2021, p. 35) que “os começos para mim são intensos, permeados de planos e expectativas. São necessários. Ao escrever o memorial vou me dando conta das vezes em que (re)comecei, que busquei nos inícios a força para continuar no caminho”.

O entrelaçamento entre a vida e a profissão nos possibilita construir projetos futuros, na perspectiva de novas possibilidades para partilhar saberes. Bragança (2012, p. 118) afirma “narrativas de formação, orais e escritas, constituem, como vimos, uma tessitura de intrigas; trazem a força da linguagem humana e da reconstrução pessoal/ coletiva como processo essencialmente formador, por suas potencialidades transformadoras”.

Como Fernandes (2021, p. 60), “não imaginava que, enquanto professora e coordenadora, pela forma como atuava, eu já era uma profissional pesquisadora”. Era, sou e quero continuar a ser uma professora pesquisadora narradora que, em movimentos de (trans)formação, valoriza cada uma das experiências constitutivas de quem hoje sou, independentemente do tempo e da prática na profissão.

Encontros, diálogos, trocas são encaminhamentos metodológicos potentes e que favorecem as experiências formativas de todos/as os/as envolvidos/as, seja na experiência pessoal, única e intransferível, seja para favorecer qualquer tipo de experiência no/a outro/a. Aprendemos todos os dias, nos mais diversos espaços e contextos, seja com os/as bebês, as crianças, os jovens, os adultos, os idosos. Cada um tem algo para ensinar e todos nós temos algo a aprender.

Eliara Coelho lembrou bem em sua carta direcionada a mim que o meu interesse em buscar “no dente” a formação e o aprimoramento da prática não é de hoje. Sempre reconheci a potência dos cursos, seminários, visitas a outras escolas, conhecer outras realidades na escola pública e privada, tudo isso que vivi foi fundamental e inspirador para seguir o (per)curso de (trans)formação. A paixão pela educação infantil é, sim, importante para um trabalho bem feito, porém não é o suficiente. Quando fazemos os registros, sejam de que modo forem, vamos documentando pedagogicamente os caminhos que foram trilhados em nosso trabalho. Planejar, avaliar, formar está implícito em nosso cotidiano e compartilhar tudo o que aprendemos é um ato de generosidade. Fato é que o trabalho coletivo é melhor do que o individual, portanto, se comigo deu certo e foi assertivo, pode ser que com outras formadoras, outras equipes, outras professoras, também dê certo, uma vez ajustada a realidade de cada uma, bem como a necessidade, a inquietação, a dificuldade no cotidiano escolar.

Ter vontade própria de aprendizagem, podendo contar com o olhar generoso, sensível, cuidadoso, compromissado de um outro alguém nos dá esperança para seguir adiante, pois com a atitude humana e afetiva haverá possibilidade muito maior de que se tenha uma prática assertiva e não perversa como para muitos de nós foi na vida escolar. É preciso uma desconstrução do que foi feito conosco, pois como afirma Soligo (2015, p. 02)

a ideia é de experiência como algo que ora se tem, ora se faz, que requer de nós uma disponibilidade para interrogar o vivido e refletir sobre ele, constituindo um jeito implicado de agir, que não admite as coisas irem se passando simplesmente, que pressupõe pensar-se em relação ao que acontece.

Desse modo, conhecer as impressões, por meio dessa carta de Eliara Coelho que viu e viveu a troca de experiência, o diálogo, o estudo, a tematização da prática, tudo isso evidencia o valor desse aprendizado que é possível e necessário para mim, para ela e para tantas outras professoras que dormiram professoras e acordaram coordenadoras pedagógicas e que, de uma hora para outra, tiveram que descobrir a melhor estratégia para lidar com o seu grupo no cotidiano escolar.

Quando as caixas, as gavetas, as pastas, os arquivos, os cadernos, as malas vão sendo revisitadas, vamos nos percebendo em cada ação-reflexão-ação realizada.

A aprendizagem é de todos/as e para todos/as. De professora, pesquisadora, narradora para outras professoras, pesquisadoras, narradoras, pois só assim as palavras, as ideias, as teorias farão sentido tornando a escola mais humanizadora, com os olhos de criança que pesquisa, cria, encanta e se interessa pelo novo, que está flexível para as mudanças e que estabelece relações sinceras e positivas, como foi dito por Eliara Coelho em sua carta dirigida a mim.

Conheci, também, o trabalho incrível e sensível realizado, em 2017, por meio das cartas da coordenadora pedagógica Sibéria Carvalho⁵, em São José dos Campos, para orientar as professoras da escola onde ela trabalhava. Trata-se de um recurso potente, de linguagem acessível e de muito afeto que complementava as formações internas, de maneira a tecer elogios e orientações, visando melhorar o trabalho de todos/as no cotidiano escolar.

Na pesquisa narrativa (auto)biográfica, a escrita de cartas tem sido utilizada por Vieira e Nakayama (2023, p. 117), pois as autoras partem da tríade memória-experiência-narrativa e reforçam a relação com as experiências vividas na escola, como professoras dos anos iniciais do ensino fundamental e estudantes na universidade, de maneira a ressaltar que “há lentes para todos os tipos de olhos e olhares, a depender dos sujeitos, das escolhas teórico-metodológicas, dos objetos, objetivos e contextos, sem que percamos de vista os aspectos éticos e o rigor necessários a toda pesquisa”.

Assim, ressalto a importância do registro narrativo da ação e da reflexão sobre os inéditos viáveis e as práticas instituintes, os vividos na, com e pela escola, que temos no (per)curso, proporcionando uma grande (trans)formação de todos/as os/as envolvidos/as nos *espaçostempos* da escola. Retomo Vieira e Nakayama (2023, p. 121) para afirmar que

⁵ O trabalho da coordenadora pedagógica Sibéria Carvalho foi publicado por Tory Oliveira, na revista Nova Escola, em 02 de outubro de 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12614/como-uma-coordenadora-usa-cartas-para-se-aproximar-de-professoras> (Acesso em 23 jul. 2023).

as narrativas pedagógicas, segundo Prado (2013, p. 150), são compreendidas como dizeres e escritos dos professores e profissionais da escola, tais como: memoriais, cartas, depoimentos, relatos, diários, relatórios, crônicas pedagógicas, dentre outros, produzidos com o propósito de compartilhar saberes e conhecimentos, a partir da reflexão sobre a própria experiência, podendo contribuir para o aprofundamento das teorias sobre a epistemologia da prática (Prado, 2013, p. 150 *apud* Vieira; Nakayama 2023, p. 121).

Ao narrarmos a pesquisa, construindo conhecimentos, temos professoras pesquisadoras narradoras que se (trans)formam, de maneira singular-plural, pois a vida na escola é repleta de individualidades num coletivo, portanto esta é uma *pesquisaformação* viva e real.

Ressalto aqui os encontros realizados nos coletivos do GEPEC – Grupo de Terça, Polifonia e Seminários de Pesquisa que ocorrem, mensalmente, quando, em movimento de orientação coletiva, estudamos textos, seja uma dissertação ou uma tese, colaborando com o/a narrador/a-pesquisador/a, de maneira a ampliar o olhar, o saber, as referências, as direções, que poderão ser pensadas, repensadas e/ou replanejadas tendo novo trajeto, caminho, itinerário.

Assim como nesses seminários, numa das disciplinas obrigatórias do mestrado profissional, vivenciamos com a professora Cláudia Bortolato o Seminário de Pesquisas do Mestrado Profissional em Educação Escolar & Narrativas de formação - Seminário com Pesquisadores Egressos do MP, compondo o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. São momentos ricos em aprendizagens para além da sala de aula na universidade, *espaçotempo* que se estende, de maneira a termos apoio, auxílio e amparo dos/das colegas da escola básica e dos professores e das professoras da universidade.

Elaboramos, para esse encontro, um banner sobre o projeto de pesquisa, que ficou exposto na Faculdade de Educação (FE), e fizemos a apresentação, em sala, sobre esse projeto de mestrado. Tivemos um professor ou uma professora da Faculdade de Educação, como principal debatedor, escolhido previamente pela professora da disciplina, a professora Cláudia Bortolato e os discentes. Compondo a programação, contamos com palestra de professores renomados, como foi, em 2022, com o professor Miguel Arroyo e com a professora Mara Regina Lemes de Sordi. Momentos assim nos envolvem e comovem, pois vivemos a escola e a universidade juntas, de maneira singular-plural, com respeito, união e produção de conhecimento.

Cada vez fica mais evidente a riqueza dos caminhos construídos no *viverpesquisarnarrarformar*. Corroboro, assim, com Bragança (2018, p. 65) que

nos unimos em princípios que apontam para a potência das narrativas e memórias, a circularidade entre palavra e escuta, a tessitura de uma epistemologia outra, mas também nos diferenciamos em uma diversidade de referenciais *teoricometodológicos*, na (re)construção dos mais diversos modos de viver a *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica.

Outros momentos formativos e coletivos foram os de apresentações de dissertações e teses às bancas examinadoras realizados pelas participantes do GEPEC – Grupo de Terça e Polifonia, fosse para qualificação e/ou defesa para obtenção do título de mestra ou doutora. Ao ouvir a cada uma, fosse mestranda ou doutoranda, Idelvandre Santos, Thaís Motta, Eliete Andrade, Heloísa Proença, Fernanda Damalti, Camila Rosa, Renata Fernandes, Renata Frauendorf e outros e outras, professores e professoras, registro o quanto aprendi ao ouvi-los/las, atenta, em suas sugestões para a escrita e referências. Afirma Cunha (2007, p. 62) “conhecer as pessoas faz-nos lembrar e reconhecer nossa humanidade comum”.

Uma outra caixa, um outro (per)curso... diálogos Brasil e Singapura e a continuidade dos movimentos de (trans)formação

A mudança do Brasil para Singapura reafirmou, ainda mais, que estar junto não significa estar perto. Mesmo tão longe, continuei perto, nesse (per)curso de (trans)formação. Quando me mudei de Belo Horizonte/ MG para o Vale do Paraíba, em 2005, continuei tendo contato com alguns amigos de infância, da escola básica, da universidade e até os dias atuais, seguimos encontrando razões para lembrar e reviver outros *espaçostempos* tão primordiais em nossa *vidaformação*.

Agora, em 2023, vivendo em Singapura, de forma mais convicta ainda, ressalto, perto ou longe, mas juntos/as, de mãos dadas, sem largar a mão de ninguém, seguimos. O ciclo de amizade se amplia, à medida que os *espaçostempos* se estendem também. Trago comigo os/as amigos/as que fiz em Pindamonhangaba, Taubaté, Tremembé, Caçapava, São José dos Campos, Jacareí, São Paulo, Campinas... Tive o privilégio de conviver, durante meu (per)curso de (trans)formação com pessoas muito queridas e sabidas na Faculdade de Educação (FE).

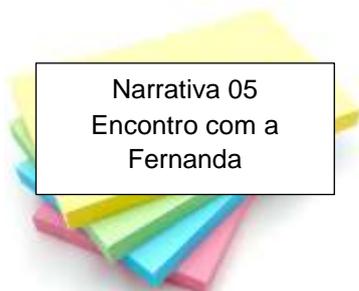
Como estudante da Unicamp, ao participar das disciplinas do mestrado profissional (MP), da disciplina de verão e dos coletivos do GEPEC – Grupo de Terça e Polifonia, conheci e me aproximei de muita gente. A cada aula do mestrado profissional - MP, inicialmente online, devido à pandemia do Covid-19 e, depois, presencial, pude conhecer a riqueza do trabalho de tantos/as outros/as que, na escola básica e na universidade, lutam e resistem por

seguir como profissionais da educação, buscando, a cada dia, mais e mais conhecimentos para que na, com e pela escola sigamos firmes nesse (per)curso de (trans)formação.

Após horas de trabalho intenso na escola, afastada de minha família, marido e filhos, enfrentava os deslocamentos, os itinerários, os caminhos pelas estradas que me levavam até Campinas, e sentada nas carteiras das salas da FE eu, encantada, agradecia por ali estar e participar das aulas naquela universidade pública. Mesmo diante de tantos e tantos sacrifícios, segui acompanhada de muitos/as e sem o apoio de cada um/a, certamente seria mais difícil ainda. Tive que deixar, por muitas vezes, minha família para dar conta dos estudos, ao longo da madrugada, e me desdobrei nos intensos e seguidos períodos de trabalho, tendo apoio da diretora Cláudia e de todos/as da equipe com quem convivia, pois com eles e elas partilhava o meu ir e vir para a universidade, compartilhando histórias e materiais de estudo tão potentes e condizentes ao nosso cotidiano.

Em Campinas, digo que encontrei anjos, pessoas do bem e que me fizeram muito bem, como a Dona Teresinha, que sem ao menos me conhecer, acolheu-me em sua casa, onde eu passava as noites e nas manhãs seguintes, seguia viagem direto para a creche. A cada noite, após as aulas, quando lá chegava, estava ela, o Snoopy e a Jade, seus companheiros de quatro patas, me esperando com o chá quente, a sopa, o lanche. Esse carinho e nossas conversas me alimentavam a cada semana.

Mesmo diante de tantos e tantos desafios, seguia firme a cada dia, resistindo e lutando por uma escola humanizadora para mim e para tantas outras pessoas. Desde o início do mestrado, busco tematizar de que maneira as ações singulares-plurais da professora orientadora pedagógica pesquisadora, envolvendo professoras, demais funcionárias educadoras e as crianças/ familiares podem ser potencializadas, visando práticas instituintes na creche e, ao longo desta *pesquisiformação*, vou adentrando pelas caixas, gavetas, pastas e malas, em busca de respostas ou reflexões sobre isso.



Narrativa 05
Encontro com a
Fernanda

Amanhece e vejo o sol nascer ao longo do meu trajeto de Pindamonhangaba, onde residia, naquele tempo, até Campinas, onde buscava seguir narrando e

pesquisando, de modo a construir novos saberes em minha *vidaformação*. Em 07 de novembro de 2019, no auditório da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, promovido pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - NEPP e Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença – LEPED, lá estive o dia todo, usufruindo de minhas horas “livres”, para participar do VIII Fórum de Educação Infantil como Política Pública de Educação e do X Fórum Internacional de Educação Infantil. Foi, sem dúvida alguma, mais um momento para ampliar o olhar, de modo a refletir sobre a prática e a teoria que, juntas, transformam a mim e aos/às demais profissionais da educação na, com e pela escola.

Durante toda a manhã, fomos tomados de muitas partilhas e, após o intervalo para o almoço, ao retornar para o auditório, sentei-me para seguir, no período da tarde, aprendendo um pouco mais. Surpresa foi a minha, nesse momento de espera, quando olhei para o lado e lá estava uma pessoa que havia conhecido no Grupo de Terça do GEPEC. Mal pude acreditar em tamanha coincidência, sentarmos ali, juntas, lado a lado, naquele auditório imenso. Fiquei tão feliz por tamanha sincronia; ter ali pertinho de mim, alguém que já havia visto no grupo de pesquisa e que lá mesmo não havíamos ainda nos aproximado.

Naquele instante, estávamos dividindo o *espaçotempo*, em busca de novos saberes para o nosso cotidiano escolar. De imediato, ao nos percebermos, levantamos, demos um forte e acolhedor abraço e seguimos até o início da palestra a conversar. A partir dali, não nos afastamos mais, nem mesmo morando, estudando, trabalhando e vivendo em cidades distantes.

Segundo Ricouer (1991, p. 205), “essa necessidade está ligada não só àquilo que há de ativo e inacabado no viver junto, mas também à espécie de carência ou falta ligada à própria relação do si com a própria existência. [...] É assim que a carência habita o coração da mais sólida das amizades”. Trocamos, a partir de então, Fernanda Damalti e eu, e-mails, cartas e mensagens, e agora, mesmo aqui, de Singapura, em países tão distantes, estamos bem perto. Seguimos dialogando, narrando e produzindo conhecimentos.

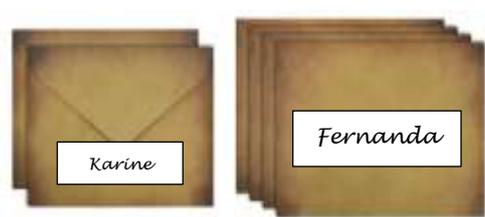
Terminamos aquele ano de 2019, acompanhando os/as colegas da *pesquisaformação* e participando do processo seletivo para ingresso no mestrado profissional. Na primeira tentativa, nem eu, nem ela, fomos aprovadas. No ano seguinte, 2020, sobrevivemos aos tempos pandêmicos e seguimos, juntas, participando dos coletivos do GEPEC e, novamente,

numa outra tentativa de ingresso no mestrado profissional. Avançamos mais uma etapa, mas, de novo, ainda não era a nossa vez de ingresso. Logo, 2021 chegou e persistimos, eu e Fernanda Damalti, com nosso propósito, trabalhar, estudar, pesquisar, narrar e viver a *vidaformação*, juntas. Novo processo seletivo, muito diálogo e afetividade, materiais diversos, referências bibliográficas, informações gerais, de tudo um pouco e, enfim, fomos aprovadas para o mestrado profissional (MP).

No fim da tarde de 17 de dezembro de 2021, tivemos por WhatsApp uma troca de mensagem muito especial. Foi quando Fernanda Damalti, minha amiga-presente, me perguntou se eu já visualizara o resultado do processo seletivo para o mestrado profissional. Como estava na escola, desde cedo, não havia acessado o portal da faculdade. Foi então que ela me enviou o *print* da tela compartilhando a publicação de nossa aprovação e a felicidade por termos passado e entrado juntas no mestrado, tendo eu, Inês como orientadora e, ela, o Guilherme. Retomo Ricouer (1991, p. 208) evidenciando “o que impressiona imediatamente é o contraste entre a reciprocidade da amizade e a dissimetria da injunção. Sem dúvida, o si é “convocado à responsabilidade pelo outro”.

Em janeiro de 2022, matrícula feita e iniciamos as aulas em algumas disciplinas juntas, também. Já no primeiro semestre, durante as aulas de “Oficina Pedagógica”, com a professora Liana Seródio, fomos leitoras do memorial uma da outra. Foi um momento muito especial e rico em aprendizagens e, por meio de afetuosas cartas, fizemos a troca de saberes, mais uma vez.

Carta 03



Pindamonhangaba, 19 de junho de 2022.

Querida Fer,

Que emocionante foi ler seu memorial. Uma “tarefa” para lá de especial, assim como você. Acredito que a Liana não sabia do presente que estava nos dando, ao propor a leitura do trabalho final na disciplina dela. Fui privilegiada por ter sido escolhida por você para ser

uma das suas leitoras, assim como ter você como a leitora de meu memorial, também. Delegar a outra essa primeira leitura é de grande confiança, afinal não saber ao certo o que é ou não o “certo”, causa-nos uma grande ansiedade. Aliás, pelos nossos diálogos em sala, acredito que não há certo ou errado num memorial.

Entreguei para você e Giselle, como colegas de turma, assim como para Liana, nossa professora da disciplina, e para Inês, minha querida orientadora, digo que a 1ª versão de meu memorial, pois a cada vez que li e reli, escrevi e reescrevi, pensava em algo mais para acrescentar, excluir e/ ou alterar. Chegou uma hora que finalizei e agora é aguardada a hora da apreciação e das sugestões de cada uma de vocês para seguir em frente nesse (per)curso que, felizmente, estamos seguindo juntas.

Assim, inclusive, foi nossa busca pela vaga no mestrado, época que trocávamos mensagens e mensagens, a respeito de cada novidade, prazo, inscrição, etapa, matrícula, a primeira aula... Que bom te ter como companheira de caminhada.

Ao ler seu memorial, fiz uma leitura apreciativa de sua história e trajetória como professora-pesquisadora-alfabetizadora e se já a admirava, agora, ainda mais. Sua busca por mais saberes e pelo respeito por todos, adultos e crianças, reforça a pessoa do bem que és e faz tanto bem a cada um/a de nós que tem você como integrante em nosso vivido.

Ler sobre o crochê me trouxe memórias afetivas de minha avó e de minha sogra, duas pessoas muito amadas que faziam arte com as próprias mãos, agulha e linha. Fosse com os pontos básicos ou o alto, o baixo e o baixíssimo, faziam combinações perfeitas que encantavam a todos/as que as conheciam. Assim, tenho a certeza de que é você e seu trabalho de professora-pesquisadora-alfabetizadora que a cada ponto, nó, correntinha, vai ajustando a teoria e a prática, a fim de chegar a um acabamento de excelência ao produzir, com o/a outro/a, novos conhecimentos para ambos.

Siga crocheteira, fazendo arte e história, pois, com certeza sua determinação, persistência e afetividade irão manter carreiras retas, pontos apertados e arremates entre os pontos, visando a laçada ideal para ajustar, ao cotidiano, o que há de melhor em seu trabalho que é único, criativo e maravilhoso, afinal mesmo que você siga as “receitas” de crochê, sua “peça” será uma arte especial.

Parabéns!!!

Obrigada por tudo, hoje e sempre.

*Um forte abraço,
Karine Rezende*

Assim, seguimos torcendo uma pela outra, dialogando, por e-mails, cartas e mensagens por WhatsApp, estando mais perto ainda, mesmo tão mais longe. Logo que soube de minha mudança do Brasil para Singapura, Fernanda Damalti, Fer, minha amiga-presente, parceira potencial, foi uma das primeiras pessoas que contei a novidade e ela me deu muito apoio. Ressalto a contribuição de Ricouer (1991, p. 2024) ao afirmar que “com a necessidade e a carência, o que passa para o primeiro plano é a alteridade do outro si. O amigo, em sendo esse outro si, tem o papel de prover aquilo que o outro é incapaz de obter por si mesmo”.

De tudo um pouco partilhei com a minha amiga-presente e, em janeiro de 2023, quando pela primeira vez estive em Singapura conhecendo o país, algumas escolas e em uma primeira aproximação com a cultura local, continuamos conversando sobre tudo de tudo. Retornando ao Brasil, fizemos, juntas, a disciplina de verão “Narrativas Fílmicas e Pesquisas em Educação” com a professora Adriana Varani e o professor Guilherme do Val Toledo Prado. Por uma semana inteira e intensa, vivemos, convivemos, estudamos, pesquisamos, narramos algo mais de nossas vidas de mestrandas. Além de troca e diálogos, que rememoramos, conhecemos filmes que atravessaram nossas vidas pessoal e profissional, ampliando repertório, confirmando o coletivo a favor do conhecimento e as diferentes culturas de modos outros de trabalho na escola. Dentro e fora das salas de aula da Faculdade de Educação/ Unicamp, no restaurante universitário, no estacionamento, na biblioteca, na lanchonete, em todo o lugar, vivíamos as nossas pesquisas. No nosso cotidiano, não separamos a vida, a pesquisa e a formação, ou seja, diante de nossos vividos, refletíamos sobre as experiências, pessoais e profissionais, de modo a questionar, pesquisar, dialogar e documentar o nosso cotidiano na *pesquisiformação*.

A cada novo estudo, podemos reafirmar que devemos apurar o olhar para os pontos positivos, bem como os pontos a melhorar. Sendo assim, cabe-nos pensarmos nas mediações para prever novas possibilidades de intervenção em futuras ações, a partir de nossas reflexões. De acordo com Ricouer (1991, p. 198), “mas em que condição esse outro será não uma reduplicação de mim, um outro eu, um alter ego, mas realmente um outro que não eu? Nesse aspecto, a reflexividade da qual procede a estima a si permanece abstrata, no sentido de que ignora a diferença entre mim e ti”.

Precisamos trabalhar com as singularidades, seja do/a estudante, do/a professor/a, do/a gestor/a, do/a pesquisador/a, potencializando a autoria e a coletividade, desencadeando possíveis reflexões sobre a prática, seja “bem” ou “mal” sucedida. Não basta o bom material, se o/a profissional da educação não souber ou mesmo quiser desenvolver um trabalho adequado para o/a outro/a.

Fernanda Damalti e eu dialogamos, conversamos, partilhamos, confidencializamos histórias e memórias que nos afetaram na vida profissional e pessoal, e que foram e possam vir a ser trabalhadas em nós e com os outros. Rosa e Lima (2023, p. 104) afirmam “quando falamos em vida, pensamos em *vidaformação*, pois ao mesmo tempo em que vivemos, estamos nos formando”. E assim são nossas trocas de sentido e de trajetória humana, repletas de certezas e incertezas, acertos e equívocos, felicidades e frustrações, atropelos e desafios, conquistas e sonhos.

Narrar e pesquisar, pesquisar e narrar nos possibilita refletir sobre nossas práticas, a fim de assumir responsabilidades ao dizer, como afirma Bragança (2011, p. 161) que

os processos educativos constituem práticas sociais, a formação é interior e liga-se à experiência do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. O estar no mundo, com as pessoas e a natureza, vai abrindo caminhos para uma transformação e, ao mesmo tempo, projeta-se nas relações do sujeito, numa dialética entre o “eu” e o “nós”.

Logo, trago o que para mim está prenhe de sentidos, de memórias, de narrativas do que me constitui em *espaçostempos* de uma *vidaformação* e que devem ser escritos e publicizados, de modo a partilhar saberes e conhecimentos produzidos, diante da própria experiência, da troca entre os pares, das práticas instituintes de estudo, pesquisa e formação, na, com e pela escola.

Eduardo Galeano⁶ foi entrevistado por Emir Sader, em 03/08/2013, para o Repórter Brasil e disse: “Somos feitos de átomos, segundo os cientistas, mas sobretudo, sobretudo, estamos feitos de histórias e algumas dessas histórias valem a pena, merecem ser contadas, contagiadas”. Portanto, conto, narro, pesquiso, escrevo sobre parte das histórias vividas para que não sejam esquecidas e para que as pessoas que me constituem sejam lembradas, registradas, valorizadas em tudo o que vivemos e que me possibilitaram de apropriação teórica e produção de conhecimento, constituindo meu (per)curso como uma professora pesquisadora narradora que vive movimentos de (trans)formação na, com e pela escola, seja no Brasil, em Singapura ou em qualquer outro lugar.

Nas trocas efetivas e afetivas de e-mails, cartas e mensagens com a Fernanda Damalti há muita escuta, logo muito diálogo. Isso nos permite escutar a outra, pois essa tem se tornado a prática mais difícil do ser humano, porém fundamental para todos nós, para a parceria, a confiança e o vínculo com o/a outro/a. Ao efetivarmos as trocas com nossos pares, amigos/as-

⁶ A entrevista está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=2VG0Zxi1HO8>. Acesso em 17 nov. 2023.

críticos/as, outros/as profissionais da educação, utilizamos de novas formas de aprendizagem e reaprendemos e refletimos sobre nossa própria prática.

É de suma importância ter o que, com quem e para quem falar, bem como o que e de quem ouvir, pois assim vamos aprendendo, refletindo e agindo de modos outros sobre o que fazemos, nossas inquietações, dificuldades e conquistas. Esse exercício de escrita, escuta, fala, troca é um importante recurso formativo para nós, professoras, pesquisadoras, narradoras, pois vamos ampliando a consciência sobre nós mesmas e da realidade vivida numa perspectiva que nos acolhe, mobiliza e convida à (trans)formação.

Segundo Ferreira, Cunha e Prado, (2021, p. 182), “as histórias são contadas com o objetivo de partilhar experiências e propiciar a interlocução com outras pessoas”. Assim tem sido entre nós duas, Fernanda Damalti e eu, quando partilhamos sobre nossos *espaçostempos* vividos na *vidaformação*. Nossos registros são compostos de fotos, vídeos e textos diversos que abordam sobre o nosso cotidiano, no Brasil e em Singapura, como: a mudança de moradia da Fernanda Damalti em Campinas e minha para Singapura, a família, o casamento, a efetivação no concurso público, o planejamento para educação infantil, as sugestões de vivências com as crianças dentro e fora da sala de referência, as orientações sobre os espaços educativos na escola, os eventos escolares, os relatórios das crianças, as matrículas e os trabalhos das disciplinas da Faculdade de Educação - FE, o termo de cada uma de nós para o comitê de ética – Plataforma Brasil, o inventário, o memorial, as conversas com nossos orientadores, Inês e Guilherme, os seminários, os cursos, os recursos, os casos de Covid, os jogos da Copa do Mundo, a suspensão de aula, as festas de fim de ano, o retorno às aulas presenciais, qual a sala para a nossa aula, os almoços no restaurante Aulus e no restaurante universitário, o lanche na cantina, os textos para os encontros de pesquisa, as leituras, as escritas, os arquivos nas buscas pela biblioteca da Faculdade de Educação – FE, os nossos banners para o Seminário de Pesquisa do Mestrado Profissional - MP, os bordados e crochês, a primeira vinda para Singapura e a visita às escolas, o retorno ao Brasil para o curso de férias e a organização da mudança, a partida com a mudança e a família para Singapura, as trocas diárias de mensagens nos primeiros momentos de moradia no exterior, o curso da Fernanda Damalti como formadora e o Grupad, as postagens sobre educação no *facebook* e *instagram*, o livro do Polifonia onde há um capítulo meu, o projeto da Idalina Caldeira Souza Pereira realizado pela Fernanda com as crianças e a comunidade escolar, a atividade com massinha que parecia simples e foi um grande desafio, a entrega das chaves do apartamento em Singapura, o nascimento da Laura, o Fala Outra Escola 2023, a adaptação de João e Maria na escola e o encerramento do ano letivo 2022/2023 por aqui, o calendário escolar diferente de

Singapura e Brasil, a mudança do primo de Fernanda para fazer o doutorado em Rochester – EUA, as Charlas do Reescritas – conversas e escritas sobre educação, nossos passeios de férias, fim de semana e feriado, o curso de inglês, o *Summer Camp* de João e Maria, o acompanhamento das apresentações de qualificação das colegas dos grupos de pesquisa do GEPEC, a escrita e reescrita de nossas dissertações, a nossa qualificação - nós duas no mesmo dia e nosso (per)curso para a defesa, em fevereiro de 2024. Eu, no dia 27, ela, no dia 28.

Enfim, posso dizer que a gente não se coloca no lugar da outra, mas se vê na outra. Há um pouco de nós mesmas em cada *espaçotempo* vivido. Para Fernanda Damalti e eu, a coragem, a determinação e a persistência em busca de sonhos e valores que refletem em nós, nos/as outros/as, por outros/as, reforça sobre a importância de tornar visível o que não é visível, de modo a compartilharmos nossa autonomia, nossa autoria, nosso sentimento de pertença, diante da necessidade do/a outro/a, de nós mesmas.

O olhar atento, a escuta ativa, a sensibilidade que nos move e nos mostra o interesse pelo/a outro/a naquilo que podemos deixar de bom e melhoria em cada *espaçotempo* com e para o/a outro/a nos ensina sobre o que a gente é e acredita.

Não é nada, nada, nada fácil desempenhar os mais diversos papéis na sociedade, sendo mulher, mãe, filha, amiga, vizinha, profissional etc., quando se tem princípios e valores que visam respeito e uma escola mais humanizadora, seja onde quer que estejamos. Afirmam Ferreira, Cunha e Prado (2021, p. 198) “é possível imaginar – e lutar por – uma escola outra, uma educação mais livre, dialógica e alteritária”.

Ter conhecido a Fernanda Damalti no Grupo de Terça do GEPEC, antes mesmo de nos tornarmos mestradas, e juntas, seguirmos em busca de nossos sonhos tem feito uma grande diferença em minha *vidaformação*. Nesse grupo de pesquisa, lá e cá, vivemos momentos inesquecíveis em nossas *vidaformação*, como por exemplo, o estudo da dissertação da Patrícia Yumi Fujisawa Cândido, “Guardados de professora: Bordados da Prática Docente e Emaranhados de Linhas de Pesquisa” (2020). Vi nessa pesquisa o quanto as miudezas e as grandiosidades do cotidiano escolar são potentes para todos/as, além do quanto é possível e porque não dizer, viável, ao pesquisar a própria prática e constatar que as perguntas vão surgindo à medida que se organizam os guardados no inventário.

Ressalto, ainda, a construção de novos conhecimentos da prática profissional que vão surgindo ao buscar respostas para as questões da pesquisa. Hoje não tem como ver, ler, perceber os bordados e não lembrar dessa minha amiga-presente, Fernanda Damalti, e agora, mesmo daqui de tão longe, se faz presente, em meus dias, trocando palavras marcantes e

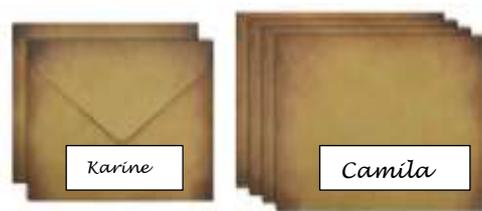
revigorantes em minha *vidaformação*, ajudando, apoiando e amparando-me nesta mudança tão intensa que passei.

Cândido (2020, p. 16) afirma “eu, professora, com tantas cartas, narrativas, fotografias, cadernos, desenhos, textos das estudantes e dos estudantes e muitos outros guardados de nove anos de docência, já não me espanto com os mistérios que surgem deles, porque narrei e pesquisei aqui alguns entendimentos”. Assim como ela, abri minhas caixas, pastas e, agora, malas de (guar)dados e pude ver, sentir, reviver nas cartas, nas fotos, nos vídeos, nos cadernos de registros, nas pautas comentadas, nos artigos relacionados à primeiríssima infância, dentre tantas outras materialidades o quanto tudo isso nos constitui. Segundo Simas (2018, p. 37), “ao narrar e pesquisar, percebi que minha vida está aberta à vida dos outros e que cada momento vivido por mim pode repercutir na vida de muitas outras pessoas”.

Vi, vivi, senti a troca de afetos e conhecimentos, pois é nas relações que cada um/a estabelece com os/as outros/as. Já dizia Freire (1996, p. 23): “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Como ela, constatei, ao narrar e pesquisar, afetos e conhecimentos construídos nas relações na, com e pela escola. Saio da creche, mas a creche não sai de mim e ao narrar e pesquisar sobre os momentos vividos, percebi os sentidos e os significados em minha *vidaformação*, bem como a necessidade de partilhar e colaborar com experiências instituintes futuras de tantas outras professoras orientadoras pesquisadoras narradoras. Acredito que os conhecimentos podem ser construídos e divididos e como evidencia Josso (2010, p. 64) ensinamos que “cada etapa do processo faz parte da biografia educativa e constitui tanto o fim de uma interrogação como o ponto de partida de uma outra”, pois ao recordar o passado, compõe o presente e reverberará memórias de futuro, afinal o que almejamos é uma escola humanizadora para todos e todas.

No coletivo de orientação do Polifonia – GEPEC, tive muitos entrelaçamentos que foram me constituindo. Uma outra polifônica, Camila Rosa, passou a exercer o cargo como professora orientadora pedagógica bem no tempo que eu estava vindo para Singapura. Daqui, pude ajudá-la a ampliar o olhar e ao abrir minhas caixas, pastas e malas e tive momentos de grande emoção.

Escrevi uma carta para ela, encaminhando, em anexo, inúmeros arquivos, e ressaltar sobre o trabalho árduo e desafiador, mas também, encantador e muito prazeroso, pois, na maioria das vezes, é solitário e solidário, entretanto estamos sempre em busca de algo para ofertar ao todo, o coletivo.



Singapura, 12 de maio de 2023.

Querida Camila,

Menina bonita, sensível e gigante de saberes potentes para as gentes, de todo e qualquer tamanho, idade, cidade, hoje, ao despertar por aqui bem cedinho, antes mesmo de o sol nascer, tive o prazer de participar de mais um encontro do Polifonia.

Li sua dissertação e percebi como que, com maestria, você nos convidou para caminhar pelo seu “quintal” trazendo para dialogar conosco Manoel de Barros, Walter Benjamin, Maria Carolina Bovério Galzerani, Jeanne Marie Gagnebin e Walter Kohan, entre outros autores. Com todos juntos, vivemos um transbordamento de conhecimento, por meio da poesia, da alegoria, das mônadas, de memórias involuntárias da infância e das errâncias.

Muito mais do que isso, Camila, você levou a cada uma das leitoras e expectadoras de sua bela apresentação, nesta manhã, a ver que ter firmeza e sutileza ao mesmo tempo, numa mesma pessoa, é totalmente possível.

Em sua pesquisa formação conhecemos a professora-narradora, da educação infantil e da universidade, que dos bebês aos idosos, nos ensinou que é nas miudezas, com delicadeza, que a gente se (trans)forma. Ressaltando Bragança (2018, p. 76), você, professora-narradora, nos disse sobre o inacabamento como modo de vida e de pesquisa. Que felicidade a minha de ter encontrado você, a queridíssima orientadora Inês, os polifônicos e os almefres⁷, ao caminhar pelo meu (per)curso no Mestrado Profissional.

Posso viver o presente, como a marinheira viajante e, também, como a camponesa que habita em terra. Lendo as mônadas, revivi momentos com minha filha Maria que assim como a Camila, criança, adora comprar e pintar com as canetas coloridas, reencontrei

⁷Almefre é o Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Étnicorraciais, sobre a coordenação da Prof^a Dr^a Mairce Araújo, pela FFP/UERJ.

minha avó que me fez perceber o valor das conversas “jogadas fora”, ouvi, de novo, a música do grupo “Balão Mágico” que fez parte de minha infância, revisitei a horta que tive em minha casa de Pinda com os temperos da comida e, também, da vida.

Assim como você, Camila, na creche, aprendi sobre a docência e a decência, as crianças e as infâncias, a pureza da resposta das crianças, que é bonita e não tem a vergonha de ser feliz, como já dizia o grande músico, Gonzaguinha, em “O que é, o que é”.

As crianças, as professoras, as pesquisadoras, as narradoras, todas nos trazem com as experiências da vida que ora é maravilha, ora é sofrimento, ora é alegria, ora é lamento, mas que não devemos deixar de ser felizes e de ter vergonha de ir sempre em busca de formações para que sigamos como eternas aprendizes, produzindo conhecimentos imersos ao espaçotempo das sensibilidades.

Que bom que “A ação docente se faz em um inacabamento, assim como a ação humana”, como muito bem ressaltou Rosa (2022, p. 73). Quero continuar curiosa para pesquisar a teoria e criticar a minha própria prática, sendo exigente de reflexão e de pesquisa, buscando no rigor metódico e metodológico, a consciência de meu inacabamento na vidaformação.

Quero viver, no presente, uma reflexão sobre o mundo, o meu mundo, o de todo mundo, a pesquisa, a formação, a pesquisaformação, os propósitos e os despropósitos do passado, de maneira a seguir adiante aberta para o futuro, seja onde for.

Percebi ao ler, reler, ver e rever você, Camila, que a escrita (auto)biográfica nos faz reconhecermo-nos produtores de conhecimento e pesquisa, sujeitos de questionamentos, de olhares para mim, para o outro, para nós que, em algum momento da vidaformação, tivemos os caminhos entrecruzados e as histórias partilhadas.

Como é bom estar perto, mesmo longe, de pessoas assim, que alimentam a mente da gente. Parafraseando Barros (2015, p. 11), agradeço, porque “meu fado é o de não saber quase tudo”.

Obrigada por tudo, ontem, hoje e sempre.

*Um forte abraço,
Karine Rezende*

Trocamos muitas mensagens pelo WhatsApp e e-mails e pude perceber que meu (per)curso traz para mim e para o/a outro/a uma grande (trans)formação, direta e indiretamente, pois iniciou num *espaçotempo* e seguiu para outros bem diferentes, não

planejados e, mesmo tão distante, continuou sendo compartilhado junto aos meus pares, professoras, orientadoras, pesquisadoras, narradoras e, ainda, outras crianças/ familiares, durante essa pesquisa.

Vim construindo e sistematizando, durante e na pesquisa, o diálogo com outras professoras pesquisadoras narradoras e ao lembrar o passado, viver o presente e esperar ações futuras que narro pesquisando e pesquiso narrando. Isso me reporta à pesquisa narrativa em três dimensões. De acordo com Simas (2018, p. 21), “as três dimensões de abordagem metodológica de pesquisa a que nos referimos são: a narrativa como fonte de dados, a narrativa como registro do texto da pesquisa, realizado durante toda a pesquisa, e a narrativa como forma de produção de conhecimento”.

Trago minhas narrativas como fonte de dados, ou seja, meus (guar) dados, que estão registrados nessa dissertação, evidenciam a minha trajetória, durante o meu (per)curso e que se converteu em uma grande (trans)formação, além da produção de conhecimento, aliás, põe conhecimento nisso, pois hoje sou outra pessoa e profissional. Como Soligo (2007, p. 08) expôs em sua dissertação, reafirmo que “eu sempre soube o quanto o diálogo com o outro é fundamental para a minha aprendizagem e para a minha produção intelectual”. Quantos diálogos foram realizados a cada aula, encontro, reunião, mensagem, e-mail, texto lido, relido, escrito e reescrito.

Daqui de Singapura, sigo em contato com meus amigos de infância, de profissão, amiga-crítica, amiga-presente, pares na escola básica e na universidade, que tanto me acolhem, apoiam e sustentam, ofertando palavras de carinho nos momentos difíceis. Mesmo estando longe, fisicamente, de tudo e de todos/as, recebo incentivo para continuar aprendendo e partilhando saberes a cada material, livro, arquivo, carta, mensagem, foto e vídeo enviados e recebidos, tudo isso alimenta minha esperança de que as histórias e as memórias que construímos ficam no *espaçotempo* por onde vivemos. O contato diário não é mais o mesmo, entretanto, mesmo que, ocasionalmente, tem um poder gigantesco, de maneira a aquecer o coração, estimular a mente, praticar a gratidão, assumir a responsabilidade de ser e viver num coletivo, de modo que as singularidades são respeitadas, as autorias são valorizadas e a parceria que permanece na memória e no coração.

Assim, também, foi durante o XI Fala Outra Escola, “Professora, presente! Resistindo a abismos, reafirmando coletivos”, realizado em julho de 2023. Pude acompanhar alguns momentos vividos pelos participantes dos grupos de pesquisa dos quais faço parte, por meio de fotos, vídeos e mensagens, das apresentações transmitidas pelo *YouTube*, de maneira a emocionar-me a cada palavra proferida e narrativa lida. Ressalto, ainda, a comoção, durante a

Sessão de Diálogos, on-line, quando apresentei o trabalho “Formação continuada à distância, bem distante, mas presente e resistente”, de modo a compartilhar a pesquisa em andamento – “Uma professora pesquisadora narradora: Movimentos de (trans)formação”.

Nesse terceiro “Fala Outra Escola” que participo, resisto às adversidades da vida, confirmo a certeza de que é com, pela e na escola-universidade que eu quero estar e que estar no coletivo é bem mais potente do que estar só.

O primeiro “Fala Outra Escola”, em 2019, que participei, foi a convite da Renata Fernandes. Foi ela quem me apresentou o GEPEC, com quem convivi, durante os cursos com a Rosaura Soligo, que me inspirou ao compartilhar o seu trabalho de pesquisa de mestrado, “Entre encontros e travessias: A formação da coordenadora pedagógica nas linhas e entrelinhas do cotidiano escolar”. Fernandes (2021, p. 16) traz sua pesquisa apresentando a própria história de vida, pessoal-profissional, contando de forma narrativa, o percurso trilhado desde a infância e, mais tarde, como professora e coordenadora pedagógica. Segundo a autora, “dou um significado todo especial para os (des)caminhos, compreendendo a importância da reflexão sobre meus registros escritos em diálogo com tantos outros, na minha constituição”.

Assim como Renata Fernandes, eu tive um (per)curso de grande (trans)formação ao longo da *vidaformação*, planejando algo que se modificou bastante, mas que ainda assim continuou me ensinando e possibilitando compartilhar com os meus pares, outras profissionais da educação, que assim como eu, acreditam e querem fazer mais e melhor para todos/as os/as envolvidos/as na, com e pela escola-universidade.

Conheci pessoas que, assim como eu, buscavam aprimorar a prática e compartilhavam reflexões e ações sobre a formação continuada e as metodologias dialógicas que favoreciam experiências formativas para todos, docentes e discentes.

Durante o curso “Formação e Coordenação Pedagógica: Desafios Metodológicos”, durante as férias de inverno no Centro de Estudos da Escola da Vila, em São Paulo, procurei aprimorar meus conhecimentos. Senti, como foi citado em Alves (2013, p. 168-169), “um prazer que nunca sentira antes. Meus olhos já não eram os mesmos. Estavam possuídos por uma potência psicodélica. Vi o que sempre tinham visto de um jeito como nunca tinha visto”. Quando me deparei com tanta gente mais experiente, vi e entendi um pouquinho sobre o saber da experiência. Percebi que quanto mais eu estudo, mais tenho ciência sobre o tamanho de minha ignorância. Quanto mais estudo, mais necessidade tenho de saber mais e mais de tudo, seja na minha área de atuação como um todo ou com relação ao todo que se faz necessário para uma formação não apenas profissional, mas também pessoal.

Pude ter, com precisão, a importância de uma formação continuada, seja essa

proporcionada pelo sistema de trabalho ou mesmo por uma busca e investimento próprios. “A força de uma profissão define-se, em grande parte, pela sua capacidade de comunicação com o público” (Nóvoa, 2009, p. 24).

Constatei, em dois dias de curso de férias que, conhecimento, também, se constrói com muita troca. Tanto a formadora quanto as colegas de profissão potencializaram minhas ações, fazendo-me refletir sobre a parceria com as demais gestoras e as professoras, a fim de levar às crianças o que há de melhor a cada dia, sempre e em todo e qualquer lugar.

Apurei que confiança, segurança e vínculo se constroem no cotidiano de cada escola e diante de uma busca constante para que se possa melhorar, não apenas individualmente, mas num coletivo, ressalto que o limite e a potência de cada uma devem ser respeitados, além do profissional, ou seja, antes de mais nada faz-se necessário ver o/a outro/a como ser humano.

Vi, nesse curso, que só sabia que um pouco sabia e que muito eu tinha a aprender. “A escola, lugar intrigante, me incita a querer saber mais sobre seus tempos, seus espaços, seus sujeitos” (Pierini, 2007, p. 21).

Nesse *espaçotempo*, no cotidiano escolar e de (trans)formação, compartilhei minha prática e diante disso, fui incentivada por uma colega de profissão a apresentar meu projeto “Dentro da Caixinha”. Com ele, fui uma das 50 finalistas, no ano de 2017, no prêmio “Professor Nota 10”, da Fundação Victor Civita. Participei, ainda, em 2019, do IX Fala Outra Escola – Co-lectionar: Práticas humanizadoras com e para a liberdade, e, numa Sessão de Diálogos – Subjetividades, memórias e educação das sensibilidades, apresentei o projeto de formação continuada em horário de trabalho coletivo: “Dentro da Caixinha”, de Guilherme Reis, Postura Digital. Assim, os vividos da *vidaformação* foram ampliados e compartilhados em outros territórios.

Nesse (per)curso de (trans)formação que vivo, ultrapassei fronteiras, estiquei o *espaçotempo*, no Brasil e em Singapura. Sigo em busca de resposta para a questão que me acompanha, desde o ingresso no mestrado, nesta *pesquisaformação*: Como aprendi e continuo aprendendo a ser professora orientadora pesquisadora e posso compartilhar com outros/as profissionais, também, militantes na profissão, os saberes aprendidos nesse (per)curso de (trans)formação? Trago Bragança (2018, p. 66) comigo, “somos viventes com palavras, elas nos fazem, nós as fazemos e, nesse movimento, (re)construímos o mundo”. De uma hora para outra, o meu (per)curso mudou, as caixas guardei, as pastas embalei e as malas fiz. Segui numa viagem com deslocamentos, além das estradas do Vale do Paraíba até Campinas, voei por 25 horas até Singapura e cá estou, resistindo, militante na profissão, de modo a aprender de modos outros.

“As palavras como limiares benjaminianos; diferenciado da fronteira, ‘o limiar é uma zona, mudança, transição, fluxo’ (Benjamin, 2006, p. 535). Enquanto a fronteira estabelece limites, diferencia conceitos e visa dificultar ultrapassagens indesejáveis e perigosas, o limiar aponta para desejos, idas e voltas, entre-lugar”, afirmou Bragança (2018, p. 66) e reafirmo ao chegar até a qualificação e, agora, à defesa da presente dissertação de mestrado, que muito aprendi com essa *pesquisaformação*, num limiar aberto, cheio de desejos, sonhos, esperanças, sentidos que trago comigo e muitos/as outros/as que me constituem.

Ao dialogar com tantos/as outros/as autores/as, professores/as, pesquisadores/as, narradores/as, que, assim como eu, trazem suas próprias histórias e a investigação narrativa ao longo da experiência vivida narrando e pesquisando, pesquisando e narrando, acredito que não fecho mais uma caixa de minha *vidaformação*, mas abro-a para todo o mundo no mundo. O que fiz, faço e devo fazer em minha *vidaformação*, pode ou não contribuir com outras professoras, orientadoras pedagógicas, pesquisadoras, narradoras, caberá a cada um/uma perceber que as ações, assim como as reflexões são singulares-individuais, mas refletem num plural-coletivo e que podem mudar a vida de muitos outros, adultos e crianças, na, com e pela escola.

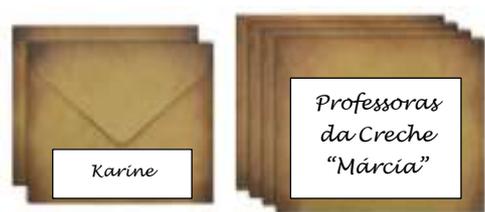
Passada a qualificação, ocorrida no Brasil, em 30 de agosto de 2023, segui ainda mais e mais entusiasmada para narrar e pesquisar, pesquisar e narrar. Tive a primeira orientação com a Inês, numa sexta-feira, lá e cá. No Brasil, às 9h, em Singapura, 20h. Era a emenda do feriado da Independência do Brasil e pela tela, pela janela, estávamos reunidas para uma nova etapa do mestrado, rumo à defesa.

De tudo um pouco, falamos sobre a minha manhã e a noite de todos/as os/as outros/as que puderam participar desse momento tão marcante em minha *vidaformação*. As professoras da banca, Juliana Batista e Lucianna Magri, foram genuinamente sensíveis e atentas ao fazer a leitura da dissertação em andamento, trazendo a mim, a Inês e a todos e todas as participantes palavras afetuosas, potentes, sabidas para ampliar ainda mais o meu olhar para seguir nessa *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica.

Conversamos, ainda, sobre a continuidade da escrita do texto, após a leitura de cada uma das considerações feitas, assim como a data prevista e os procedimentos necessários, a partir de agora. Levantamos, ainda, outros referenciais teóricos que serão importantes para que eu me (re)encontre nesse (per)curso de (trans)formação, bem como os delineamentos que serão “tramados”, desde então.

Portanto, continuei a revisitar os meus (guar)dados e iniciei pela última carta que escrevi para as professoras da equipe da creche, lida e entregue, em nosso Horário de Trabalho Coletivo (HTC), encerrando aquele ano letivo.

Carta 05



Caçapava, 13 de dezembro de 2022.

Encerramento do ano de 2022

Chegamos a mais um final de ano. Esse diferente um pouco de tantos outros que vivemos juntas. Éramos umas, agora somos outras, mas sempre seremos, aqui, lá ou em qualquer lugar, Creche "Márcia".

Quanta mudança em tão pouco tempo. Vamos nos fortalecendo, ainda bem, afinal, precisamos ser fortes para carregar nossa bagagem pelo novo (per)curso, nossa (trans)formação, no próximo ano. Quanto aprendemos e temos, ainda, que aprender. Quanto ensinamos e, ainda, temos a ensinar. Quanto sonhamos/ conquistamos e, ainda, temos que concretizar. Sonhei muito com as mudanças, mas pouco fiz, talvez por tentar fazer sozinha e sozinha ninguém faz verão, já diz o ditado. Tanto planejamento, regulamento, relatório, rotina e, no cotidiano, fomos todas "atropeladas" pela falta de tempo, devido ao tempo do outro... Nossos momentos de formação continuada, na escola, foram se tornando descontinuados, escassos, minguados... A cada mês, nossos momentos, juntas, para rir, chorar, estudar, trabalhar, ouvir, falar, sentir, agir foram diminuindo, diminuindo, diminuindo e, agora, de repente, acabaram. Foi-se o tempo e, junto, o nosso tempo. Vi e vivi com cada uma de vocês momentos de acolhida, escuta, fala, voz, vez, talvez. Discutimos e refletimos, juntas, mas, também, sozinhas. Vejo que de muito pouco vale a formação se não houver reflexão para nova ação. Vi, refleti, mas não em conjunto, no coletivo, como costumávamos fazer e valer para nossa equipe. Conversando com uma, outra, aqui, lá, no HTE ou mesmo em LLE, fomos nos fortalecendo para seguir adiante, a todo o instante, para não deixar ninguém para trás.

Vou levar vocês comigo, na memória e no coração, pois certamente, viverei, futuramente, mais uma (trans)formação. Não digo adeus, mas até logo. Nos veremos, não em HTC, online, mas em rodas de conversa, virtual para tomar um café gostoso em minha xícara especial que traz escrito: “uma vez creche “Márcia”, sempre creche “Márcia”.

Cuidem-se! Lutem pela educação emancipatória, que respeita as infâncias e resiste a insensatez!!! Sejam cada dia mais e mais inteligentes para dizer NÃO com coerência E sabedoria, evidenciando que o saber da experiência vale mais que qualquer discurso, título, cargo, função. Acredito em vocês.

Forte abraço,

Karine Rezende

Quando escrevi essa carta, já havia solicitado o meu afastamento sem remuneração, devido à mudança para Singapura, junto à minha família. Oficialmente, não tinha tido da Secretaria Municipal de Educação (SME) a resposta documentada do aceite, mas já estava decidida a vir para cá, afinal, eu, meu marido, Cláudio, e meus filhos, João e Maria, estávamos dispostos a viver uma nova experiência, pois acreditávamos nas inúmeras oportunidades que teríamos ao viver noutro país. Assim tem sido, pois cada novo dia é uma nova aprendizagem para nós quatro.

Afirma Emilião (2023, p. 89), “fazer pesquisa narrativa é uma forma de viver”, e tenho vivido intensamente, em relação ao mundo e a mim mesma, uma *pesquisiformação*. Não fosse a vinda para Singapura, seguiria trabalhando, formalmente, por 40 horas semanais, na, com e pela escola, e não teria tido a oportunidade de me dedicar, exclusivamente, ao mestrado profissional, revisitando as histórias vividas que estavam (guardadas) em caixas, pastas, arquivos e malas.

Dessa forma, passei a ter disponibilidade temporal, (re)encontrando em minhas memórias do passado, possíveis encaminhamentos às questões que me acompanham ao longo da *vidaformação*. Ressalto Oliveira (2023, p. 172) que traz para bem perto de mim, mesmo aqui tão distante, o que ela e eu aprendemos com Bakhtin (2011, p. 341)

eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (com o tu)... [...] Não se trata do que ocorre dentro, mas na fronteira entre a minha consciência e a consciência do outro, no limiar. Todo o interior não se basta a si

mesmo, está voltado para fora, dialogado, cada vivência interior está na fronteira, encontra-se com outra, e nesse encontro tenso está toda a sua essência (Bakhtin, 2011, p. 341 *apud* Oliveira, 2023, p. 172).

Ao escrever que “Sonhei muito com as mudanças, mas pouco fiz, talvez por tentar fazer sozinha e sozinha ninguém faz verão, já diz o ditado”, quis evidenciar que foram solicitados de nós tantos e tantos planejamentos, regulamentos, relatórios, rotinas que acabamos “atropeladas” e não tivemos tempo para nós nos reunirmos, dialogarmos e pensarmos, juntas, experiências instituintes outras para as nossas crianças, a nossa equipe escolar, o nosso cotidiano na, com e pela escola.

As formações externas tomaram um rumo em nossa rede que quase não tivemos nosso *espaçotempo*, na própria creche, para ação, reflexão e ação. A formação continuada que tanto acredito, luto e resisto é necessária e potente, mas foi se perdendo, sendo desprovida em nossa equipe. Acredito que todo e qualquer *espaçotempo* na escola é importante, bem como todos/as os/as profissionais da educação, pois tudo e todos/as têm seu lugar e devem ser valorizados/as, com respeito e reconhecimento, inclusive salarial.

Trago uma reflexão sobre as coisas desimportantes, como diz Manoel de Barros, como o momento do café, durante os encontros pedagógicos que, na maioria das vezes, são de quinze minutos, mas que tomam uma proporção imensurável, diante da grandeza dos assuntos ali tratados, informalmente. Nesses momentos, falamos das situações cotidianas que envolvem a vida pessoal e profissional de muitos que ali se encontram. Nesses momentos, as amigas-críticas se aproximavam para conversar sobre o vivido, o real, o inédito viável, que acreditamos ser tão fundamental para as aprendizagens de todos, adultos e crianças.

Ainda assim, persisti, ultrapassando fronteiras, limiares, conversando com uma aqui e outra lá, durante os escassos cafés, Horário do Trabalho na Escola (HTE) ou mesmo em momento de Local de Livre Escolha (LLE), quando de casa, da rua, de onde fosse, pudéssemos compartilhar algo em quem confiamos, nos fortalecendo para seguir adiante, a todo o instante, para não deixar ninguém para trás.

Sinto que vivemos, constantemente, uma resistência por continuar lutando por aquilo que tanto acreditamos, sonhamos, esperamos. Sigo com as leituras, as releituras, as escritas e as reescritas aproveitando a todo *espaçotempo*, relação e interação nos encontros de pais na escola de João e Maria, bem como nas salas de espera e estações de metrô no percurso e permanência durante as aulas extras das crianças, além dos encontros com os grupos de pesquisas, reuniões e conversas por e-mails e WhatsApp junto a outras profissionais da educação, ao longo de cada dia, semana, mês, ano, de modo a produzir novos conhecimentos.

São muitas as mensagens que chegam sobre a escola básica, a creche, a educação infantil, a universidade etc., por correio eletrônico, e tudo isso facilitou e agilizou muito a troca de informações e a busca por novos saberes, independentemente do *espaçotempo* onde nos encontramos.



Em meio a muitos e muitos e-mails, recebi, na creche, um que me chamou bastante atenção. Era de uma empresa oferecendo materiais pedagógicos idealizados pela Dra. Emmi Pikler. Tratava-se de um Triângulo de Pikler com rampa, dobrável, feito de madeira e com cantos arredondados, resistente e reforçado, de modo a garantir segurança ao ser explorado pelas crianças, independentemente do modo que fosse utilizado. Fiquei ali, na tela, já imaginando isso em nossa creche.

Maravilhoso, mas não era nada barato para o que tínhamos em nosso saldo bancário da Associação de Pais e Mestres (APM).⁸ Além desse, outros tantos materiais tínhamos em nossas listas de brinquedos, livros, tecidos e acessórios, móveis e utensílios para os cantinhos pedagógicos, ateliês de artes, dentre tantos outros materiais.

Como diz o ditado popular, o “não” a gente já tem, então mostrei a tela para a diretora Cláudia, ali mesmo em nossa sala compartilhada, e ela achou diferente e interessante. Sendo assim, mostrei para professoras para que pudessem, também, opinar. Imaginei que elas iriam gostar, também, daquele novo material e tudo o que poderíamos oferecer com isso para as crianças. Posteriormente, levamos a sugestão de compra desse material para a reunião da Associação de Pais e Mestres (APM) e do Conselho de Escola (CE) e, de acordo, foi feita a obtenção.

⁸A Associação de Pais e Mestres mantém uma conta bancária com todos os recursos financeiros recebidos em nossa escola, a fim de utilizar inteiramente para uso dos/as alunos/as. Os valores depositados são contribuições voluntárias dos pais, familiares e funcionários/as da creche, bem como arrecadados em ações entre amigos, rifas, eventos escolares organizados pela Equipe Gestora em parceria com a Equipe Escolar. Como os recursos públicos não suprem todas as necessidades do cotidiano escolar, a creche recebe as contribuições voluntárias e doações espontaneamente. Para uso desses valores, depositado em conta corrente própria da creche, é discutido e aprovado o que será adquirido, pelos membros do Conselho de Escola e Associação de Pais e Mestres para as aquisições de materiais para uso, exclusivo, das crianças.

Dias após a aquisição, chegou pelos correios nossa caixa, diria até que dos sonhos, pois poderíamos vivê-los com as crianças da creche. Não pude conter minha alegria ao ver que as crianças e as professoras poderiam ter algo novo, algo mais, algo diferente para fazer uso e criar, ousar, explorar nesse novo material, nos espaços da escola, lá fora, para além da sala de referência.

Logo, fui pedir ajuda ao Cristiano, nosso auxiliar de serviços gerais (ASG) que estava sempre pronto para colaborar no que fosse preciso. Ele, sem demora, carregou a “caixa dos sonhos” e a levou para a lavanderia, onde lá, com o manual de instruções, foi montando tudo aquilo como um quebra-cabeça. Depois de pronto, ele nos chamou e fui eu, a diretora Cláudia e algumas professoras que fomos encontrando e chamando pelo caminho para ver como poderíamos iniciar a exploração daquele novo material.

Passados alguns poucos dias, recebi, dentre um dos cadernos de registro, um planejamento semanal com a proposta de vivência fazendo uso do Triângulo de Pikler. No primeiro dia de uso, estavam lá no gramado, em nossa área externa que denominávamos como “o maior quintal do mundo”, lembrando o poeta Manoel de Barros, as crianças, a professora, a auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) e eu. Foi uma euforia só ver tantas e tantas formas de montar e explorar o novo e, com tudo isso, passamos a ter novas possibilidades de percurso, vivência, experiência.

Desse modo, experiências centradas na formação ao longo da vida, como afirma Josso (2007, p. 413), nos “revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto”. Logo, essa prática foi tematizada em nosso Horário de Trabalho Coletivo (HTC), de modo a inspirar outras professoras para que levassem, também, para o planejamento semanal propostas outras, com novos materiais a serem explorados pelas e com as crianças.

Relembrar esse momento ao caminhar, ver e participar de mais um encontro na nova escola de João e Maria, aqui em Singapura, me faz olhar para o passado, potencializando o presente e o futuro, de modo a seguir, narrando, pesquisando e produzindo conhecimentos outros, tendo a esperança por algo mais e melhor para as crianças, as professoras e a equipe de profissionais da creche, no Brasil.

Ter um espaço lindo, estruturado, equipado com os melhores e mais modernos materiais, livros, brinquedos, parques, tudo isso é importante, mas nem sempre é possível. Como professora orientadora pedagógica, inúmeras vezes, precisei buscar maneiras diversas

para desenvolver práticas formativas na, com e pela escola. Vivia um desafio a cada novo dia, de modo a me conscientizar de que era difícil, mas também possível, fazer os encaminhamentos metodológicos potentes, coerentes e evidentes, de modo a refletir sobre a prática pedagógica, numa abordagem dialógica, inspirando novos conhecimentos, tanto para as crianças quanto para os adultos também. Evidencia Soligo (2023, p. 05):

se as questões em relação à docência e os dilemas cotidianos não são tomados como conteúdos das pautas de formação, muitos professores tentam, nem sempre com sucesso, entender as teorias que ouvem e leem, ou então fazem que ouvem e leem, mas seguem o curso da profissão sem os saberes necessários e, conseqüentemente, seus alunos seguem, tal e qual, sem os saberes necessários, também.

Situações do cotidiano, quando a professora orientadora pedagógica se faz presente, acompanhando a prática, conhecendo a metodologia, estudando e dialogando com autores/as e professores/as, reconhecendo cada protagonista da aprendizagem e da ensinagem, fazem a diferença no todo, processo formativo de todos/as os/as envolvidos/as, adultos e crianças.

“Forma é conteúdo”, sustenta Soligo⁹ (2023, p. 06), bem como “atuar como formador/a é uma tarefa social da maior importância, pois a formação continuada de professores é uma ação estratégica em favor da qualidade da aprendizagem dos estudantes, e também dos profissionais que são os seus professores”. Ressalto, ainda, a relação com os pais/responsáveis pelas crianças, pois desde o acompanhamento do desenvolvimento pessoal, social, emocional e educacional até a aquisição de novos materiais para a escola, em cada um desses momentos e de tantos outros, é fundamental a participação e o envolvimento nessa parceria entre família e escola.

Não é só num ou noutro evento do calendário escolar que a família precisa e deve participar, mas sim do dia a dia, por mais difícil que seja conciliar escola e trabalho, pois assim, estará participando do Projeto Político Pedagógico (PPP), de modo afetivo e efetivo, contribuindo com uma gestão democrática em que todos têm voz e vez. Freire (1996, p. 137), ressalta “como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?”. Faz-se necessário conhecer, ouvir e falar com e para a comunidade escolar, as crianças e os familiares, as professoras e os/as profissionais da educação que ali estão, pois assim será possível compreender a realidade e a necessidade de cada um/a e de todos/as.

Retomando Freire (1996, p. 62), “saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira

⁹ A autora escreve a citação na carta escrita, em maio de 2023, endereçada aos colegas de profissão.

inautêntico, palavreado vazio e inoperante”. Ter uma equipe em que a diretora, a orientadora pedagógica, a professora, a auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), a estagiária, a auxiliar de serviços gerais (ASG), a merendeira, a secretária, todos e todas, nenhum/a a menos, sabem quem é cada criança e familiar, pelo nome, pela história, pela convivência, faz toda a diferença diante dos propósitos, princípios, objetivos e sentimentos construídos na, com e pela escola.

Hoje, como mãe de João e Maria, em Singapura, ao participar das reuniões cotidianas que acontecem, frequentemente, na escola, tenho a oportunidade de ver e reafirmar que o trabalho realizado pela equipe da creche, onde sou professora orientadora pedagógica, não se difere no sentido de aprendizagens, valores, acolhimento, respeito e coletividade. Já dizia Freire (1996, 142), “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

A cada vez que adentro pela escola de João e Maria, em Singapura, vou reafirmando as oportunidades de fazer a diferença na vida dos/as outros/as. Recordo os momentos vividos na creche e o quanto sonhamos, desejamos, trabalhamos, estudamos, lutamos, resistimos em busca de melhorias para todos/as, adultos e crianças, seja nas relações humanas ou pela busca das materialidades que possam contribuir com a produção de novos conhecimentos.

Revisitei algumas outras materialidades minhas, mais uma vez, voltadas para a proposta de atividade, por meio de carta afetuosa de Rosaura Soligo¹⁰ aos participantes de uma Roda de Conversa, em 23 de setembro de 2023. Nela, havia o motivo de inspirar-nos a pensar, antes do dia do encontro, sobre a Formação Continuada e a Coordenação Pedagógica, tema do estudo naquele dia.

Foi tão envolvente que aproveitei essa oportunidade de reflexão para agir, narrar, pesquisar um pouco mais e acabei criando o *padlet: Vidaformação*¹¹ com as experiências constitutivas do que sou hoje. Nesse arquivo digital, pude reafirmar as pessoas e os *espaçostempos* que me constituíram tanto na vida pessoal, quanto profissional e perceber que a Roda de Conversa ainda nem tinha acontecido, mas já tinha aprendido nesse movimento.

¹⁰ SOLIGO, Rosaura. **Carta endereçada aos participantes da Roda de Conversa** – Retomada da carta de maio/2023, disponível em <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2023/06/carta-para-formadores-iniciantes-rosaura-soligo.pdf>. Acesso em 05 jun. 2023.

¹¹ Para ter acesso ao documento - *padlet*, aponte a câmera do celular para o QR code. O *padlet* é um produto técnico em diálogo com a escola/ universidade. Trata-se de um recurso já utilizado pela equipe da creche na Exposição Virtual e no Relatório Individual do Aluno.

09), são modos outros de continuar a *viverpesquisarnarrarformar*, afinal “a escrita e a vida não são dadas ao controle, em movimentos dados, sim, à liberdade, ao fluir, à quebra de rotinas”, transbordando sentidos, concepções e ações que unem os *espaçotempos* de viver, pesquisar e narrar.

Uma caixa se fecha para que outra seja aberta... práticas pedagógicas e formativas no cotidiano da creche



Para inspirar a equipe a remexer no passado, Karine foi a primeira a mostrar fotos antigas e a montar a própria caixa. Foto Roosevelt Cássio.

Imagem 03 – Matéria “Remexa nas memórias de infância”, publicada em 12/03/2018, pela Nova Escola¹²

“Traduzimos em histórias o que contamos a nós mesmos” (Monteiro, 2023, p. 9), e assim, ao retomar contato, mesmo num outro *espaçotempo*, agora, em Singapura, ano de 2023, em afastamento do cargo público e ainda mestranda, vi, vivi, senti a escola que pulsa em mim.

“Não temos nenhuma mensagem definitiva para transmitir, que não existe mais uma totalidade de sentidos, mas somente trechos de histórias e de sonhos” (Gagnebin, 1993, p. 18). Nessa *pesquisação* trago algumas histórias da minha *vida* uma professora pesquisadora narradora em movimentos de (trans)formação, dentro e fora da escola, longe, mas sempre presente, no cotidiano da equipe escolar. Estar presente não quer dizer estar lá, mas junto, seja num texto encaminhado, um vídeo compartilhado, uma mensagem escrita por e-mail e/ou WhatsApp, pois diante dos vividos, passamos a conhecer um pouco mais do/a outro/a, ampliando olhares nossos, a fim de dialogar com a teoria e a prática, na, com e pela escola humanizadora para todos, adultos e crianças.

¹² A autora dessa *pesquisação* participou de algumas matérias publicadas pela revista Nova Escola/ Gestão Escolar e estão disponíveis nos links <https://novaescola.org.br/conteudo/10722/formacao-creche-cantigas-memorias-dos-professores>; <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2281/como-ampliar-o-repositorio-dos-professores>; <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2303/portfolio-coordenador-tambem-pode-ter-o-seu>; <https://novaescola.org.br/conteudo/18841/volta-as-aulas-hora-de-planejar-a-recepcao-dos-alunos> (Acesso em 03 nov. 2022).

Experiências formativas em tempos impensáveis...

Durante os anos de 2020 e 2021, (re)inventamos a Educação, com aulas remotas e encontros virtuais com os/as bebês, as crianças bem pequenas, as professoras, os familiares, a equipe gestora (EG) e a equipe da Secretaria Municipal de Educação (SME), de modo que novas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento foram vividas por todos/as os/as envolvidos/as. Foi esse um período marcado por alegrias e tristezas, individuais e coletivas, perdas e ganhos. Vivemos a vida e a profissão, intensa e diariamente. Um dos momentos que mais reafirmava nosso compromisso e o trabalho em equipe eram os encontros no Horário de Trabalho Coletivo (HTC). Nos reuníamos, virtualmente, toda semana e compartilhávamos sobre o novo cotidiano vivido, distantes, fisicamente, dos/as bebês, das crianças bem pequenas e dos familiares de nossa escola. Enfrentamos as dificuldades com a distância, a conexão, os aparelhos eletrônicos, os aplicativos, enfim, a cada encontro tínhamos inúmeros desafios para seguirmos, juntas, trabalhando para (trans)formar a cada uma de nós, de modo a refletir no cotidiano de adultos e crianças.

As nossas vivências, experiências, eram bem variadas e com propostas de estudo, por meio de *lives*, textos, *podcasts*, artigos, aplicativos, reportagens, canais sobre educação, palestras, *webinars*, videoconferências, simpósios, *e-books*, curtas-metragem, séries documentais, músicas, projetos específicos para creche, tematizações da prática com rotinas de vivências sugeridas às famílias, bem como acompanhamentos e devolutivas dos grupos de pais, via WhatsApp, dentre outros.

Além disso tudo, tivemos, ainda, momentos interativos e culturais, como um bate-papo com uma professora e autora de livros e *e-books* infantis, Jane Prado; bem como uma especialista em formação de pais leitores, Gláucia Scarpel; a participação em um de nossos encontros de um artista plástico, Guataçara Monteiro, que compartilhou algumas de suas histórias de *vidaformação*. Alimentávamos o grupo de poesias, músicas e artes visuais, estimulando a criatividade e a sensibilidade de todos. Nos encontros de Horário de Trabalho Coletivo (HTC), foram promovidas palestras com os psicólogos Josué Lobato e Cintia Felizari Moura que explanaram sobre os desafios e as superações em tempos de pandemia, e, ainda, sobre o limite de nossa resiliência naquele momento pandêmico. Com os pais/familiares, realizamos uma roda de conversa, on-line, por videochamada, também com uma psicóloga, Camila Drumond, que abordou o tema “Família e o desenvolvimento da criança”. Os/as bebês e as crianças bem pequenas eram visitadas, diariamente, pelas professoras,

através de aulas remotas e por videochamada, tendo a participação das auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs) e da equipe gestora (EG).

Visando nos aproximar, de maneira segura para todos/as, realizamos uma carreata pelo bairro, onde se localiza a creche, e pudemos reencontrar, mesmo que de longe, as crianças, a fim de amenizar a saudade de nossos encontros no cotidiano escolar. Foi, sem dúvida alguma, um momento marcante na vida de todos/as nós e que ainda reverbera sempre que as lembranças desse vivido são afloradas. Tivemos, ainda, agendada uma visita das crianças à creche, para que recebessem um brinquedo, de acordo com a faixa etária. O kit pedagógico com bolinha de tricô sensorial, peteca artesanal, bilboquê feito de material não-estruturado, tudo confeccionado por cada professora, foi entregue, pessoalmente, pela equipe docente e gestora, mantendo os protocolos de segurança. Depois, foi solicitado que fizessem uso desse material, em casa, a partir das propostas de vivências, ampliando a interação e a brincadeira.

Outro momento marcante foi a noite do *Drive-thru* para que toda a comunidade escolar pudesse ter um outro reencontro, mesmo que rápido e de longe, com toda a equipe escolar: professoras, auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs), auxiliares de serviços gerais (ASGs), estagiárias, diretora e orientadora pedagógica. Recebemos a visita das crianças e familiares matriculados naquele ano, mas também de ex-alunos/as e ex-funcionários/as da creche, além de pessoas da comunidade local que foram prestigiar mais uma de nossas ações, envolvendo e acolhendo todos/as dali, reforçando ainda mais a parceria entre a família e a escola de maneira a tecer relações e afetos. Fomos nutridos de esperanças e memórias que seguem para além da pandemia.

Bem marcante para nós todas foram, ainda, as cartas escritas tanto para a equipe, quanto para os pais/ familiares de nossas crianças. Receber e enviar as correspondências foram inesquecíveis e esses momentos aqueceram os corações frios já naquele tempo de tempestade de ideias e ideias que iam se multiplicando com o passar do tempo. Até uma exposição fizemos, em formato virtual, por meio do *padlet*. Evidenciamos alguns dos momentos vividos, ao longo do ano letivo, pelas crianças e pelos adultos da nossa comunidade escolar, assim como a trajetória vivida pela equipe gestora e docente, durante aquele ano.

Assistimos à série “O começo da vida”, pela *Netflix*, sobre os primeiros anos de vida de uma criança e estudamos, debatemos, refletimos e registramos, cada uma ao seu modo, sobre o que passamos a pensar diferentemente do que pensávamos antes de estudar essa série e que nos reforçou sobre a importância da primeiríssima infância. Foram muitas as aprendizagens com olhar atento, escuta ativa e sensibilidade para com o/a outro/a. Afetadas

fomos e tomamos ciência do que deveríamos descartar e potencializar e/ou ainda criar novas formas para viver de maneira mais saudável e feliz, ressaltando, diariamente, entre a equipe que ninguém deveria largar a mão de ninguém, afinal na individualidade, vimos um coletivo potente com história, memória e autoria naquele tempo vivido, não perdido.

Vimos, juntas, que somos seres inacabados e dialógicos, ou seja, em constante (trans)formação e (in)teração. Mesmo que distantes, fisicamente, fui aprendendo a ser professora orientadora pesquisadora narradora nos *espaçostempos* que fui percorrendo. Com cada um/a com quem convivo, aprendo um pouco mais e assim vou ampliando o meu olhar, através do olhar do/a outro/a, bem como procurando compartilhar os novos saberes com olhar atento e escuta sensível ao outro/a, na, com e pela escola. Sigo aprendendo e ensinando, ensinando e aprendendo, narrando e pesquisando, pesquisando e narrando.

Já aqui em Singapura, no dia em que recebi o convite da diretora Érica para produzir um vídeo para usar no Horário de Trabalho Coletivo (HTC) de nossa escola, não tive dúvidas em logo responder “sim”. Ser e estar presente na equipe escolar é, para mim, uma alegria e um privilégio, pois vejo a vivência, a convivência, como parte do trabalho em equipe. Isso ficou bem evidente durante o período de isolamento social, quando as aulas foram suspensas, presencialmente e nosso contato era total e exclusivamente pela internet. Mesmo vivendo um tempo difícil com a pandemia da Covid-19, ainda assim, a equipe pedagógica se uniu ainda mais. Tivemos que aprender, de um dia por outro, a fazer uso dos recursos tecnológicos para estarmos perto, mesmo distantes. O que nos parecia algo impossível, foi vivido e muita aprendizagem tivemos durante todo esse período. Nada foi tempo perdido, mas sim aprendido.

Movimentos instituintes e produção cotidiana do Projeto Político Pedagógico (PPP)

Vivemos tempos de intensas pluralizações e que nos permitiram esperançar, criando uma escola outra, mais justa, mais amorosa, mais includente, mais plural, superando e ultrapassando, inclusive, algumas formas de dominação e manipulação político-pedagógica. Confesso que chegávamos a ser desobedientes, às vezes, pois algumas das orientações dadas pela equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação não condiziam com o que acreditávamos e, por isso, “desobedecíamos” para o bem maior da equipe. Por exemplo, quando nos orientavam que o Horário do Trabalho Coletivo (HTC) era de total responsabilidade da professora orientadora pedagógica (OP), já o Horário do Trabalho Coletivo dos/as Funcionários/as (HTCF) era de total responsabilidade da diretora (DE).

Assim, também, acontecia com a Reunião Pedagógica (RP), da orientadora pedagógica (OP), e a Reunião de Funcionários/as (RF), da diretora (DE).

Não concordávamos com essa orientação, pois para nós, a escola é plural, um coletivo, pois a equipe escolar é uma só, todas as pessoas dentro da escola são educadores/as e de igual importância, com os mais diversos saberes. Sendo assim, nosso (per)curso ia na contramão da orientação, pois planejávamos, discutíamos em nossa reunião de equipe gestora (EG) as pautas formativas e desenvolvíamos todos os nossos encontros juntas, como uma equipe gestora que trabalha junto e que vai além das questões burocráticas e dos documentos oficiais, como o Projeto Político Pedagógico (PPP). Procurávamos exercer, em nosso cotidiano, uma gestão realmente democrática, de respeito e de valorização a todos, adultos e crianças.

Aprendemos que todas as vezes que solicitávamos algo, em grande maioria, tínhamos negado nosso pedido em nome da rede, mesmo que não fosse prejudicar nada e nem ninguém. Então, passamos a agir e refletir com confiança e segurança para todos da nossa equipe escolar. Depois do vivido, compartilhávamos o que havíamos feito com prudência e resistência. Assim, aprovada a ação que servia ao coletivo, apoiada na prática do serviço realizado e na partilha com a rede, fomos liderando, juntas, pois vimos que somos muitos e muito do que aprendemos, partilhamos. Afirma Linhares (2007, p. 140)

os processos e as instituições educacionais e escolares ora nos empoderam, como educadores e aprendizes, como professores e estudantes, para conhecer, para falar, para intervir na vida, ora nos emudecem, nos apascentam, fazendo-nos negligentes conosco e com a história, desapropriando-nos de nossas experiências, de nossas capacidades de sonhar e de nos comunicar.

Por isso sigo na *pesquisaformação*, lutando por experiências instituintes para todos, adultos e crianças, que merecem respeito e amorosidade, considerando a necessidade de não desistir, tornando possível o que ainda não era possível, sendo diferente, mas não desigual, valorizando o trabalho docente e as diferenças, evidenciando a força do coletivo e a necessidade de formação profissional continuada para todos/as os/as educadores/as, na, com e pela escola.

Afirma Cortella (2018, p. 124)

em Educação não dá para ficar resvalando pelo possível, seja nas políticas públicas, seja nas ações privadas como docentes, o melhor deve ser a nossa causa. Essa é, de fato, uma lição de causa. Qual melhor? O melhor possível, mas sempre o melhor. Como 'melhor possível' se não as temos (ainda), enquanto isso o melhor precisa ser inventado em mutirão.

Assim, acreditamos, eu e Cláudia, na capacidade do mutirão, do coletivo, da equipe escolar ao elaborarmos nosso Projeto Político Pedagógico (PPP) realmente efetivo, que passa de projeto para ato, executando ações e reflexões coletivas, potencializando o singular/ plural, de maneira a aprender, ensinar, partilhar, compartilhar, encantar, conviver e viver o melhor para todos/as.

Construímos, enquanto equipe gestora (EG), vínculos de pertencimento com todos/as da equipe e, talvez, seja por isso que nos constituímos como parceiras, enfrentando desafios, comemorando conquistas, afastando sofrimentos, celebrando vitórias. Rimos, choramos, dialogamos, discordamos, concordamos e esperamos por dias felizes em nossa escola, para adultos e crianças. Linhares (2007, p. 141) ressalta que, “importa que sejamos capazes de, com nossas pesquisas, ‘tocar também em nós’ e nas diferentes maneiras com que estamos implicados na vida política e educacional”. Tocávamos em nós primeiro e, depois, levávamos para a equipe escolar nossas ideias, propostas, desejos e assim, seguíamos em busca de um ideal, mesmo que não fosse real e possível diante do que tínhamos.

Ressaltamos, sempre, a importância das relações aprendentes, das condições de funcionalidade da escola e da urgência nas formações profissionais continuadas de qualidade. Isso era evidenciado nos encontros formativos da equipe gestora (EG), seja com a equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME) ou com as equipes de assessoria e formações externas com quem dispusemos de longos encontros, considerando algumas das propostas de formação sugeridas sendo formativas. Contamos com muitas experiências e diversas empresas, incluindo inúmeros profissionais da educação, voltados para as mais diversas áreas da gestão escolar, de planejamento estratégico, dos segmentos da educação infantil, dentre outras.

Em alguns *espaçostempos*, tínhamos bons estudos e que nos levavam a grandes reflexões e novas ações, promovendo assim novos saberes que pudessem ser ampliados de um pequeno grupo para muitos/as outros/as profissionais da educação, na, com e pela escola, no cotidiano. Entretanto, em outras ocasiões, tínhamos encontros que não eram condizentes para a nossa realidade, como aquela que tínhamos ali, no chão da escola, com a nossa comunidade escolar e que conhecíamos de perto e, também, no convívio social. Costumava reforçar com a equipe da creche que nem tudo o que era trazido para nós, deveria ser colocado em prática de igual modo, pois muitas vezes não era dentro da concepção em que nós acreditávamos e trabalhávamos com adultos e crianças no cotidiano. Ressaltava que deveríamos analisar os encontros adequando o que era viável e possível para a nossa realidade. Assim, procurávamos fazer.

Quando tivemos durante o período de isolamento social as formações externas e com a professora Andreia Jesus, vivemos boas práticas de “escrevinhanças”, como ela chamava. Diante de determinada proposta de estudos, escrevíamos e compartilhávamos entre o nosso grupo de professoras orientadoras pedagógicas (OPs) narrativas sobre fatos dos mais diversos. Nesse tempo, uma professora que estava na função de OP veio participar das formações conosco e com ela, Andresa, troquei muitas “escrevinhanças”, bem como pautas formativas previstas para os encontros de Horário de Trabalho Coletivo (HTC), Reunião Pedagógica (RP), Horário de Trabalho Coletivo dos Funcionários (HTCF), Reunião de Funcionários/as (RF), entre outras práticas que vivi e vivia no cotidiano da escola, envolvendo as crianças e os adultos, professoras, auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs), estagiárias, merendeiras, auxiliares de serviços gerais (ASGs), enfim, todos/as que compõem a equipe escolar.

Foi uma troca muito potente para nós duas, pois ao compartilhar todo o material e vivências de tempos outros, rememorava e refletia sobre as experiências instituintes e que poderiam vir a se tornar reais noutra equipe escolar também. Alvarenga (2023, p. 71) traz “o papel da escola como uma dimensão de formação não só dos estudantes, mas da própria profissão. [...] o compromisso ético estabelecido seja de igualdade do direito de formação de todos os indivíduos que compõem o ambiente escolar”. Logo, seguimos compartilhando e aprendendo com as práticas dos nossos pares, outras professoras pesquisadoras narradoras em movimento de (trans)formação na, com e pela escola.

Em companhia da diretora Cláudia e das colegas, professoras orientadoras pedagógicas, eu sempre ressaltava o quanto era importante esse entrosamento entre nós para enfrentar os desafios diários na, com e pela escola, assim como a troca, o diálogo, a partilha entre os pares, pois a cada encontro, fosse presencial ou on-line, nos fortalecíamos enquanto pares em busca de novos saberes para serem compartilhados em cada uma das escolas.

Uma pessoa e profissional muito querida e admirável que trago comigo, até aqui, é a Aninha. Quando a conheci, eu trabalhava numa creche e ela em outra. Eu, como professora orientadora pedagógica (OP) e ela como auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI). Fazia parte do calendário escolar, cerca de um ou dois por semestre, encontros de formação interna. A Secretaria Municipal de Educação (SME) convocava todos/as nós, de todas as escolas para uma Reunião Pedagógica e de Funcionários (RP/RF). Às vezes, acontecia cada equipe escolar com a própria equipe gestora, às vezes, de duas a duas escolas, às vezes, todas as creches juntas.

Nesses encontros, tínhamos participado da (trans)formação, equipe gestora, composta por diretora (DE) e professora orientadora pedagógica (OP), professoras, auxiliares de

desenvolvimento infantil (ADIs), auxiliares de serviços gerais (ASGs), secretária/ escriturária, estagiárias, enfim, todos/as os/as profissionais da educação que trabalhavam nas escolas. Planejada a pauta formativa, previamente, pela equipe gestora e de ciência da equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação, organizávamos os *espaçostempos*, conforme o que tínhamos disponível e da melhor maneira possível para acolher a cada uma das pessoas.

Eventualmente, as Supervisoras de Ensino e as Chefes de Departamento da Educação Infantil faziam visitas, durante os encontros. Buscávamos contemplar na pauta, assuntos de importância, interesse e necessidade formativa para melhor atendimento às crianças, mas também fundamentais para acolhimento e respeito aos adultos, fossem os familiares e/ ou funcionários/as das escolas, profissionais da educação. Procurávamos garantir momentos interativos, de arte literatura, estudo sobre as ações de situações cotidianas, bem como diálogos e reflexões a respeito do dia a dia, na, com e pela escola. Essas pausas, encontros, estudos, cafés eram alimento para o corpo, o cognitivo, o afetivo de todos/as os/as envolvidos/as. Fazíamos desses *espaçostempos* momentos ricos em aprendizagens e produções de conhecimento, visando melhor qualidade de atendimento e ensino para todos/as.

No primeiro desses encontros que tive com Aninha, eu orientava a equipe e ela, ao seu modo, questionou-me a respeito de uma determinada situação cotidiana. Com calma e paciência, procurei partilhar o que convinha e me coloquei à disposição para seguirmos, juntas, em busca de outras soluções para situações simples e/ou complexas da rotina escolar. Noutro ano, ao me remover de escola, estávamos na mesma sede, trabalhando juntas, aprendendo e ensinando uma a outra. A relação de respeito, horizontalidade, entre as auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs) e eu fortalecia, a cada dia, nossa parceria pessoal e profissional. Aninha, Aline, Daniela, Susan, Eliana, Nádia e tantas outras foram incentivadas a fazer Pedagogia e assim ter a possibilidade de trabalharem como professoras, já que eram todas elas pessoas capazes, capacitadas, qualificadas para assumir uma turma de qualquer que fosse a escola de educação infantil.

A cada uma delas que me dizia ter feito a inscrição, a matrícula e começado o curso, tinha comigo uma felicidade imensurável, pois para mim, ver cada uma delas tendo a possibilidade de estudar ainda mais, aperfeiçoando a prática tendo a teoria da universidade e levando para a escola um atendimento cada vez mais consciente, era uma grande experiência, pessoal e profissional. Aninha, segue comigo, aqui, em Singapura, tendo contato, fazendo trocas e diálogos.

Na escola da prefeitura, logo que se formou, pediu exoneração do cargo de auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) e tornou-se professora contratada para um projeto

implementado na rede municipal – Ler, contar e encantar. Ela, sem dúvida alguma, encantava a todos com as leituras e contações de história. Ao participar dos encontros formativos, na Secretaria Municipal de Educação (SME), dirigida por formadoras externas, se empenhava muito para aproveitar cada instante. Nos dias posteriores a esses encontros, sentávamos juntas e dialogávamos sobre lá e cá, fora e dentro da creche, trocando pautas e materiais de estudo. Depois de dois anos, atendendo aos documentos legais, não pôde mais seguir nesse projeto.

Sendo assim, atendia às crianças como professora eventual, tendo a carga horária variada, ou seja, de acordo com a demanda da escola, a partir das ausências das professoras e auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs), devido às abonadas legalizadas no município, aos atestados médicos, as dispensas obrigatórias pelo trabalho para a Justiça Eleitoral, entre outras. Quase todos os dias, estava lá a Aninha, com o sorriso no rosto e uma disposição incrível para brincar e interagir com todos, crianças e adultos, fosse no dia a dia, nas Reuniões de Pais e Mestres (RPM), nos eventos de sábado letivo, na integração semanal, durante a rotina, enfim qualquer dia e horário, estava lá ela, pessoa e profissional que podíamos contar para colaborar sempre. Ao propor momentos de integração, Aninha estava sempre disposta a participar de qualquer vivência, fosse com as histórias, as músicas, as brincadeiras das mais diversas, proporcionando momentos felizes e de aprendizagem para todos/as.

Nesses dias de integração, com atividades planejadas e *espaçostempos* organizados com toda a equipe escolar, envolvíamos todos/as os/as profissionais da escola e lá ia eu com meu apito chamando todos/as para a brincadeira e interação. Ver nos olhos das crianças a alegria e a empolgação para brincarmos todos/as juntos/as, fora da sala de referência, fosse no pátio, no gramado, no refeitório, no corredor, enfim em qualquer lugar possível, todo mundo junto e misturado, dos/as bebês do berçário até as crianças pequenas do infantil I, era incrível.

Trago a palavra de Nóvoa (2009, p. 24) “como diz Ann Lieberman (1999), apesar da urgência, é necessário que as pessoas possuam o tempo e as condições humanas e materiais para ir mais longe!”. Ter e manter a construção de redes de trabalho coletivo, onde o suporte às práticas é baseado na partilha e no diálogo profissional possibilita inéditos viáveis e práticas instituintes na, com e pela escola.

À medida que surgiam processos seletivos nas prefeituras da região, lá ia Aninha participar do concurso. A cada lista de aprovação, a esperança de que logo seria chamada para se tornar professora efetiva. Pouco antes de termos o tempo de isolamento social, devido à pandemia do Covid-19, foi convocada para assumir o cargo de professora na educação infantil de outro município. A alegria foi dela, minha, de toda a nossa equipe que sabia o quanto se empenhou para aquele dia, aquele cargo, aquela profissional que desempenhava tão bem. De

lá, da outra escola, do outro município, trocávamos experiências e confidências sobre o cotidiano escolar. Ora virtual, ora presencial; assim, seguimos nossos (per)cursos e continuamos a nossa (trans)formação, singular-plural, cá, lá, em todo lugar. Agora, aqui de Singapura, continuamos compartilhando saberes, cursos, materiais, referências, afetos. Nóvoa (2009, p. 40) evidencia que “a competência colectiva é mais do que o somatório das competências individuais” e por acreditarmos nisso, seguimos, juntas, mesmo que a distância, em busca de conhecimento, cultura profissional, tato pedagógico, trabalho em equipe e compromisso ético, político e estético.

Os estudos de abordagens narrativas e (auto)biográficas de pesquisa e formação levam também a perspectiva da importância das memórias afetivas do meu tempo de infância, quando brincava na rua e em meio a tantas outras crianças, com tantas brincadeiras, alegria e diversão, que me oportunizaram aprendizados para uma vida toda. Em *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, (Fox, 1995), o protagonista releva sua relação com os idosos que moravam no asilo ao lado de sua casa e evidencia sobre o que é memória de um modo poético. O menino proporcionou à Dona Antônia, de um modo outro, como encontrar a memória perdida. Os dois sorriram ao adentrar na antiga caixa de sapato cheia de conchas, de uma marionete, da medalha de seu avô, o ovo fresquinho que encontrou no galinheiro, a bola de futebol. Ao abrir minhas caixas, pastas, malas, revisito minhas memórias, materialidades da *vidaformação* que me trazem alegrias, tristezas, dúvidas, incertezas, desconfianças, acertos, errâncias, equívocos, inquietações que me instigam a pesquisar e narrar, narrar e pesquisar, construindo conhecimentos.

Vi que a discussão, o debate, a resistência, a interlocução, na maioria das vezes, trazem mais benefícios do que prejuízos. É possível encontrar solução ao ouvir o/a outro/a, pois “o sujeito só é na relação com o outro; o outro mostra ao eu o que este não consegue ver sozinho e vice-versa; e o eu só pode ser para si mesmo quando já viu de si a partir do que o outro lhe mostrou”, afirma Simas (2018, p. 51).

As experiências na infância, com certeza, me ensinaram compartilhar os brinquedos; respeitar as regras de convívio social em jogos em equipe; dialogar com os amigos de meu time e de outros, visando o bem comum; ter uma habilidade física e motora que desenvolvi ao subir em árvores; pular amarelinha, elástico e jogar queimada. Enfim, tudo isso me ensinou a ter procedimentos que me ajudam a lidar com os obstáculos do cotidiano na vida adulta.

A formação continuada no contexto escolar e as condições de trabalho

Dia a dia, é preciso muita abertura ao diálogo para lidar com a equipe escolar resistindo às dificuldades na área educacional, vista muitas vezes pela sociedade, como prioridade, entretanto não como primordial nas políticas públicas. Melo (2007, p. 170) ressalta sobre resistência, dificuldades e avanços, “na verdade, não é muito comum fazermos reflexões por escrito. De modo geral, fazemos anotações e as reflexões, quando é o caso, geralmente são orais, compartilhadas com os outros – quando não as guardamos apenas para nós mesmos, em nossos pensamentos”.

Nem todas as profissionais da educação e da equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME) recebem os documentos protocolados, escritos, como solicitações para reflexões e futuras ações que possam vir a ser pertinentes e potentes para todos/as os/as envolvidos/as nas ações educativas e pedagógicas. Em maio de 2022, o coletivo de professoras orientadoras pedagógicas das creches municipais escreveu um documento explicitando e reforçando as ações e as reflexões necessárias, visando experiências instituintes para o trabalho em rede, a partir da realidade de cada unidade escolar, procurando continuar a atender com qualidade não só às crianças/familiares, conforme necessidade e bem-estar de cada uma delas, mas, também, amparar e alargar o vínculo e conhecimento, junto à equipe gestora, docente e discente, buscando formar para (trans)formar. Porém, isso não foi visto com bons olhos, pois, após a discussão interna entre os membros da equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME) desse registro formalizado, o coletivo de professoras orientadoras pedagógicas foi convocado para uma reunião de esclarecimento sobre a prática, ação e reflexão, diante do vivido. Logo, entendemos que a autonomia que prevíamos ter como um ponto positivo, abrangendo todas as professoras das creches municipais, não era viável e, portanto, voltamos a aguardar o planejamento da equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Segundo Pacitti e Passos (2018, p. 146)

As relações pedagógicas não podem ser entendidas separadamente das relações interpessoais, já que estas se imbricam e se implicam mutuamente. É no bojo dessas relações que se travam os conflitos. Estabelecem-se os conflitos, lapidam-se os desejos, constroem-se projetos, enfim, é nesse movimento – entre pessoas – que se dá, de fato, a ação educativa.

Por tomarmos frente à formação continuada em serviço, sem custo algum para o município, acolhendo com sensibilidade a necessidade de todos/as, promovendo confiança,

segurança e coragem para seguir adiante, após o período de isolamento social, devido à pandemia do Covid-19, com compromisso e responsabilidade, apresentamos uma proposta coerente e parcimoniosa, sem poupar esforços para oportunizar momentos prazerosos, coletivos e singulares para as crianças e, também, o respeito às profissionais envolvidas no dia a dia das escolas, e por isso fomos advertidas, verbalmente, pois deveríamos continuar a seguir apenas os documentos, as instruções e os procedimentos oficiais, a meu ver, sem autonomia e/ou autoria, a não ser que pedíssemos permissão, antecipadamente, para tal. Assim foi feito, por algum tempo, e vimos o quão burocráticas e morosas são as decisões, tornando inviáveis determinadas ações.

Lamentavelmente, a precariedade do serviço público brasileiro não é dos tempos atuais e nem específica de um ou outro município. As profissionais da educação não são valorizadas financeiramente, nem em condições de trabalho. De que adianta um regime jurídico e de plano de carreira e remuneração se, no cotidiano, a voz e a vez das educadoras nem sempre é levada em conta. Tudo é documentado com foco nas crianças e nos jovens, assim como no corpo docente, entretanto a real necessidade, como acolhimento, respeito, valorização, formação eficiente, material de trabalho realmente necessário e de acordo com as demandas de cada escola/ profissional da educação, muitas vezes, é desconsiderada.

Situações conflituosas e lastimáveis acontecem a todo instante, em várias instâncias, pois ao participar dos grupos de pesquisa e de diversos cursos com profissionais da educação do Brasil, fica bem evidenciado o quanto ainda temos que caminhar, lutar, resistir e esperar.



Numa manhã de segunda-feira, às 7h30, é aberto o portão e a diretora, a orientadora pedagógica e uma funcionária da creche acolhem todos e todas que vão chegando com o desejo de um bom dia e uma semana de alegria. Por volta das 8h, após a chegada das crianças da van, fecha-se o portão e de sala em sala, a equipe gestora vai passando.

Numa das salas, foi visto que uma criança se encontrava no colchonete e, ao perguntar se havia acontecido algo, a professora responde que, diferentemente dos outros dias, naqueles poucos minutos, na creche, aquela criança demonstrou desânimo não aceitando nenhuma das ofertas de brinquedos e brincadeiras. Sendo assim, foi perguntada se gostaria de deitar um pouquinho e, prontamente, disse que sim. Dessa maneira, a professora e a auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) daquela classe, de tempo em tempo, aproximavam-se da criança para ver se estava tudo bem.

Dada a hora do desjejum, a professora se aproximou, novamente, da criança e ao pegá-la no colo, percebeu que ela estava enfraquecida e com o corpo bem aquecido. Foi, então, que a temperatura foi aferida e constatou-se 37,5. Assim, foram todos para o refeitório. Pão com manteiga, leite e banana foram servidos e nada aquela criança aceitou, nem mesmo com todo o cuidado e carinho oferecidos pelos adultos ali presentes. Foi estranha aquela situação, pois tratava-se de uma criança bastante ativa e que se alimenta muito bem, sempre, em todas as refeições.

Ao retornarem para a sala de referência, foi oferecida água e nem isso foi aceito. A professora e a auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) mantiveram-se bem atentas ao comportamento daquela criança. Seguindo com a rotina diária, foi feita a roda de conversa para o registro das vivências da segunda-feira, o relato do que foi feito por cada um, durante o fim de semana e o encaminhamento da proposta do dia. Durante esse momento, a professora falando e ouvindo as crianças, a auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) que estava ao lado daquela criança que demonstrava comportamento atípico, fez um sinal, indicando que a criança havia dormido, sentada. A professora, então, levantou-se para carregar a criança, de modo a acomodá-la no colchonete. Foi, então, que perceberam a criança desacordada.

Um susto para todos e o desespero de alguns dos presentes. Um grito foi dado pela professora para chamar a direção, enquanto tentava acordar a criança. A auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), que era nova na creche, ficou bem assustada, assim como as crianças também. Uns começaram a chorar, outros ficaram paralisados e de olhos arregalados, ainda outros tentavam sair da sala. Logo, a diretora e a orientadora chegaram e, imediatamente, foi pedido que os adultos se mantivessem calmos, por mais difícil que fosse naquele instante e que alguém saísse com as outras crianças dali para outro local da creche. Portando

celular, uma chamou o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e a outra acionou a mãe, dizendo que a criança estava desacordada, que precisavam que ela se dirigisse até a escola, imediatamente, e foi conversando para saber como a criança tinha passado a noite e o fim de semana. Foi, então, que a mãe disse que estava no trabalho, que iria pedir para ir até lá, mas que o percurso era de cerca de 30 minutos. Ainda por telefone, a mãe relatou que a criança tinha ido a uma festa no domingo e que havia comido tudo de tudo. Ao chegar em casa, a criança vomitou bastante, mas após um banho dormiu. Ao longo da noite, apresentou um sono bem agitado e, para acalmá-la, medicou com o remédio que tinha em casa e que usou com o filho mais velho numa outra ocasião. Como ao amanhecer, precisava a mãe ir trabalhar, levou a criança para a creche, assim mesmo.

Foram minutos de espera pelo SAMU e pela mãe que pareciam uma eternidade. A criança ali, prostrada, os adultos tentando conversar com ela, passando água no rosto e nas extremidades do corpo para ver se a despertavam. Enfim, o socorro chegou e quase junto, a mãe. Eles foram encaminhados ao Pronto Atendimento e foi pedido notícias da família, assim que fosse possível. Já no fim da tarde, a mãe não tendo dado notícias, a diretora entrou em contato e soube que estavam em casa, após diversos exames e que tinha sido constatado que a criança tinha tido uma reação ao medicamento que foi dado, sem prescrição médica.

Um cenário como esse parece um caso que não é verídico, entretanto, situações semelhantes ocorrem, infelizmente, no cotidiano da creche. Essa foi uma narrativa como estudo de caso que foi elaborada para um Horário de Trabalho Coletivo com os/as funcionários/as (HTCF). Por mais que a equipe gestora procure conscientizar as famílias de que a escola é um lugar de criança saudável, de aprendizagem, de socialização, de um coletivo que depende do bem-estar individual, muitas vezes, no desespero de ter que ir trabalhar, muitas pessoas, adultos e, principalmente, a criança, são colocadas em risco. Assim como as mães, trabalhadoras, que têm seus filhos na creche, as professoras, as educadoras, as funcionárias também passam por situações difíceis, tendo que escolher entre ir trabalhar ou cuidar do filho doente.

Várias vezes, uma educadora da limpeza, mãe de quatro filhos, tinha que deixar o filho mais velho cuidando do mais novo, adoentado, para ir trabalhar. Ela deixava tudo preparado em casa para que passassem o dia até que ela retornasse do trabalho. Como morava bem perto

da creche, dizia aos dois que se precisassem de algo, o que fosse, que a chamasse que ela retornaria imediatamente. Diz Krenak (2022, p. 104) “não há nada mais importante do que a vida”. Assim deveria ser visto por todos e todas, mas infelizmente, devido às condições de trabalho das mães, muitas das vezes, têm que deixar o filho doente em casa para ir trabalhar ou levá-lo doente e automedicado mesmo para a creche, pois não têm com quem deixar para cuidar.

Afirmo como Bragança (2012, p. 63) que “todos os espaços e tempos da vida são espaços e tempos de formação, de transformação humana”. Em tempos difíceis assim para essa educadora, percebi em seu olhar, a tristeza e a preocupação. Logo, a procurava para oferecer-lhe um abraço, um olhar atento, uma escuta ativa, mesmo diante de tantos e tantos serviços burocráticos a cumprir, previamente, planejados em meu caderno de registro. Via que aquele *espaçotempo* não era perdido, pelo contrário, era imprescindível na *vidaformação* de nós duas.

Retomando Bragança (2012, p. 64), percebo que vivemos, na escola, a auto, hetero e ecoformação.

Segundo a autora

a autoformação é a dimensão pessoal de reencontro reflexivo em que as questões do presente nos levam a problematizar o passado e a construir projeto sobre o futuro; a heteroformação aponta significativa presença de muitos outros que atravessam nossa história de vida, pessoas com quem aprendemos e ensinamos; e a ecoformação fala de nossa relação com o mundo, o trabalho e a cultura.

Pude viver na instituição escolar a autoformação, a heteroformação e a ecoformação, pois, como mãe, passei também situações em que João e Maria estiveram doentes e não poderiam ir para a escola. Tive uma rede de apoio com quem contar e gostaria que as outras mães também tivessem, mesmo que futuramente, já que o passado, não é possível mudar. Percebi que minhas conversas ou mesmo escuta silenciosa dos problemas alheios, me atravessaram e mais aprendi do que ensinei. Vivi, na relação com muitos/as outros/as, as dúvidas, incertezas, desconfianças, acertos, equívocos, inquietações, enfim, de tudo um pouco e acredito que ao partilhar algumas das experiências que juntas vivemos, talvez, evidencie como Larrosa (2002, p. 19) que “o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos trabalho, é também inimiga mortal da experiência”. Esse mesmo autor, no mesmo artigo e página, afirma “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”. Era isso, eu estava ali aberta, disponível, receptiva, passiva

para uma experiência cada vez mais rara, por falta de tempo, por excesso de trabalho, da *vidaformação*.

Josso (2007, p. 414) evidencia que

no centro das preocupações se aloja, mais ou menos explicitamente expressa, a questão da identidade, sob a forma de temáticas como a da solidariedade numa sociedade que multiplica as formas de exclusão, a das pertenças ou das estratégias profissionais ligadas à estabilidade no emprego, a das transformações subsequentes ao desaparecimento de setores de atividade ou às restrições orçamentárias, a dos meios de defesa e de reivindicação, por exemplo, a da maneira pela qual o círculo de relações e as mídias levam em consideração ou não feridas psíquicas e somáticas geradas por tantas incertezas, de perdas econômicas e de dignidade.

Os/as profissionais da educação, infelizmente, não são valorizados como deveriam, com políticas públicas concretas para uma formação continuada em serviço, conduzindo-os a um trabalho mais humano, de modo a saber que, “o profissional ‘mora’ dentro de uma pessoa”, como afirma Soligo (2015, p. 06).

Diante da experiência de *vidaformação*, em Singapura, tenho tido a oportunidade de me autoformar, revisitando momentos vividos em outros *espaçostempos* no Brasil, bem como novas aprendizagens na educação daqui ao acompanhar João e Maria na vida escolar e ao participar dos grupos dos coletivos do GEPEC – Grupo de Terça e Polifonia e da pesquisa em rede latino-americana sobre formação docente em abordagens narrativas e (auto)biográficas¹³. Assim, retomo Bragança (2012, p. 65) de modo a ver que “a autoformação é analisada como processo vital de interação cognitiva de todo vivente, e a formação, como processo ontológico vital de atualização de uma forma”. Não nos formamos sozinhos, vamos vivendo inéditos viáveis, coletivamente, numa forma outra de produzir conhecimento, sendo mais sensíveis, amorosos, respeitosos, como afirma Freire (1996, p. 111-112)

o respeito aos educadores e educadoras por parte da administração pública ou privada das escolas; o respeito aos educandos assumido e praticado por educadores não importa de que escola, particular ou pública. É por isso que devo lutar sem cansaço. Lutar pelo direito que tenho de ser respeitado e pelo dever que tenho de reagir a que me destratem.

Vicentini (2009) discute os processos de constituição da trajetória sócio-histórica da formação de professoras e professores no Brasil e suas transformações que consistem em temática amplamente abordada pelas pesquisas em Educação, mas a reforma e a transformação, ainda, não são reais. Há sim, diversas leis, portarias, circulares, enfim

¹³ Projeto Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa (auto)biográfica: diálogos latino-americanos.(CNPq409860/2021-2) - <https://pesquisasemrede.wordpress.com>

documentos legais de amparo, mas que, ainda, não garantem condições adequadas e reais para um trabalho de qualidade, tanto quanto gostaríamos.

Diante do cotidiano vivido nas escolas, por onde passei, assim como o relato de meus/minhas colegas de profissão, levanto algumas reflexões, como: será que o artigo 206 da Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 estão sendo vistas como princípios por todos/as? A escola pública tem sido considerada como um espaço múltiplo, assegurando os planos de trabalho próprios de cada corpo docente em suas comunidades escolares? Afinal, o Projeto Político Pedagógico (PPP) é real ou só documental? A tão falada gestão democrática, que dialoga e partilha de decisões, tem respeitado a autonomia e a descentralização das decisões? A valorização da profissão docente garante, efetivamente, uma formação continuada em consonância com o projeto político pedagógico da escola? E a participação em eventos direcionados à Educação é valorizada e respeita o plano de carreira, de maneira a oferecer condições adequadas de trabalho, incluindo a troca de experiências entre profissionais e um salário compatível à jornada de trabalho? A carga horária com os alunos, a hora-atividade de trabalho coletivo (HTC), a hora-atividade de trabalho na escola (HTE) e a hora-atividade exercida em local de livre escolha do professor (LLE) é cumprida adequadamente?¹⁴Faz-se necessário um plano de carreira efetivo e eficiente, que garanta a participação na gestão do ensino, a formação continuada efetiva e de qualidade e a valorização constante da profissão.

Saviani (2009) ressaltou sobre as condições precárias de trabalho que não apenas neutralizam a ação das professoras, como dificultam a formação, desestimulando-as a se dedicarem, interna e externamente, aos estudos. Afirma esse autor que “a formação profissional docente implica, pois, objetivos e competências específicas, ou seja, de acordo

¹⁴ * Em 2022, no município onde sou professora orientadora pedagógica, a duração da aula e de HTC é de 60 (sessenta) minutos para Educação Infantil e é composta de aula com alunos, hora-atividade de trabalho coletivo (HTC), hora atividade de trabalho na escola (HTE), ambas exercidas na unidade escolar (UE) ou em local determinado pela Secretaria Municipal de Educação e hora atividade exercida em local de livre escolha da professora (LLE). Na composição da jornada de trabalho da professora de Educação Infantil, há o limite máximo de 2/3 (dois terços) para as aulas e 1/3 (um terço) destinado a hora atividade. A hora-atividade de trabalho (HTC e HTE) é o tempo remunerado de que disporá a professora, para participar de reuniões pedagógicas semanais, formação continuada, aperfeiçoamento cultural e pedagógico, planejamento, avaliação, preparação e organização de atividades e materiais necessários para o desempenho de sua função e realização de atividades educacionais organizadas pela Unidade Escolar ou pela Secretaria Municipal de Educação, bem como ao atendimento de pais ou responsáveis. A hora-atividade de trabalho coletivo (HTC) num total de 03 (três) semanais é de 60 (sessenta) minutos e deve ser cumprida em conjunto com as professoras da sua Unidade Escolar (UE) de lotação, independente de qual seja sua jornada de trabalho. A hora-atividade de trabalho na escola (HTE) segue a duração, conforme concurso prestado. A hora-atividade de trabalho coletivo (HTC) e a hora atividade de trabalho na escola (HTE) são regulamentadas por Portaria anual da Secretaria Municipal de Educação. A hora-atividade em local de livre escolha (LLE) é o tempo remunerado de que dispõe a professora para estudo, planejamento, avaliação, preparação e organização de atividades e materiais necessários para o desempenho de sua função.

com a realidade de cada comunidade escolar, assim como das professoras” (Saviani, 2009, p. 150).

As avaliações permanentes e cotidianas demonstram que os militantes na profissão sempre fizeram e continuam fazendo o melhor com o que há, entretanto, se houvesse condições melhores, talvez, pudéssemos ampliar a qualidade dos processos educativos, ampliando, assim, as experiências instituintes.

Uma caixa de esperança...

A mesma preocupação de salvar o passado no presente graças à percepção de uma semelhança que os transforma os dois: transforma o passado porque este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobirmos, inscrita nas linhas do atual (Gagnebin, 1993, p. 16).

Tomando as palavras de Gagnebin, ressignifico memórias dos acontecimentos vividos, finitos e que precisam ser lembrados.



Um deles foi a experiência na turma da professora Cláudia Salustiano, no dia de fazer uso, pela primeira vez, da lousa digital recebida em nossa creche. Foi inesquecível. Após algum tempo, desvendamos, juntas, os mistérios tecnológicos para fazer toda aquela aparelhagem funcionar exibindo sons com intensidade sonora agradável e imagens reais projetadas na parede descascada da sala de referência do infantil I. Tudo ligado, teste feito e chegou a hora de convidar os protagonistas da aprendizagem, as crianças, que brincavam no parque para retornar à sala.

Ao acolher todos e todas de volta ao espaço de todo dia, corri para chamar o secretário da escola, bem como as funcionárias da cozinha e da limpeza para que pudessem, também, ver o que havíamos recebido de material novo em nossa escola e que era novidade para todos/as nós. O secretário não veio, as merendeiras não vieram, mas bem discreta a equipe de limpeza adentrou pela porta dos fundos permanecendo ali quietinha e bem atenta, acompanhando as imagens da

transformação de uma lagarta em borboleta, a história contada com efeitos especiais e a música que animou a cada um ali presente. Foi lindo ver os olhos arregalados de todos, crianças e adultos, acompanhando aquele momento de pesquisa, vida-formação-(trans)formação.

Primeiro, assistimos ao vídeo sobre a transformação do ovo até a borboleta chegar à idade adulta. Vi e vivi a transformação das pessoas ali, também, que deslumbradas assistiram ao vídeo selecionado cuidadosamente pela professora. Depois, tivemos o acompanhamento da história do livro “A lagartinha muito comilona”, de Eric Carle – Editora Callis, e, em seguida, a contagiante música já conhecida pelos integrantes da turma, Lagarta Comilona, de Shauan Bencks. Todos alegres e empolgados com o vivido, diante do novo recurso tecnológico. Mas não termina aí. Desligando e desmontando ali mesmo o equipamento, as crianças já brincando e interagindo com outros materiais sendo orientadas pela professora, chega uma das educadoras da limpeza, a Ana Lúcia, com um balde nas mãos me chamando, discretamente. Deixei tudo o que eu mexia, na mesma hora, após avisar para a professora ficar de olho para que ninguém se machucasse com tantos fios e nem derrubasse a caixa “mágica”. Ao perguntar se estava tudo bem, ela me mostrou, dentro do balde, a borboleta que havia acabado de se transformar e estava pronta para levantar voo. Tomada pela emoção de ver a borboleta e o envolvimento da educadora naquele momento, logo a convidei para entrar na sala e mostrar para as crianças e a professora daquela turma a borboleta que havia encontrado em nossa escola. Todos se aproximaram na maior euforia para ver de perto o novo inseto que passava a fazer parte de nossas histórias.

São momentos assim em que o individual se transforma em coletivo que fortalece a equipe escolar, respeitando o espaço, o tempo e o trabalho de cada um/a, proporcionando saberes diversos a todos/as no ambiente de aprendizagem, revelando que a equipe integrada pode mais e assim todos/as ampliam o conhecimento com afeto. “É como o que evidencia Tardif (2010), que o tempo de aprendizagem do trabalho não está somente associado às experiências profissionais, mas a outros aspectos e momentos da vida”, afirma Simas (2018, p. 61).

Forma e conteúdo devem ser indissociáveis, assim como cuidar e educar, teoria e prática, pesquisa e formação. A praticidade no modo de ensinar, mediante os recursos

didáticos e tecnológicos implementados, de maneira generalizada, não garante a qualidade do trabalho docente e, conseqüentemente, o atendimento efetivo e afetivo, primordial para o desenvolvimento e a aprendizagem, seja da criança ou do adulto envolvido nesse processo. Recursos tecnológicos são fundamentais para o avanço, mas não o é o mais importante. Gente, pessoas, profissionais da educação, esses sim são necessários, indispensáveis, imprescindíveis para uma escola humanizadora para todos/as.

Souza (2011, p. 01) ressalta sobre as questões das políticas de gestão do trabalho, no setor público, e que conduzem à individualização das relações e da organização do trabalho das professoras. “Essas políticas se concretizam não somente sob a gestão de competências e de avaliação de performances, como também incide sobre a remuneração do trabalho, sob a forma de bônus ou prêmios diferenciados”.

Os/as professores/as, os/as educadores/as, os/as profissionais da educação têm tido cada vez mais exigidas em seu cotidiano laboral, e em contrapartida é evidente a degradação salarial e a desvalorização da profissão. Esse e outros atravessamentos dificultam o percurso na formação profissional. Ora torna-se até um sacrifício, diante de tamanha demanda para conciliar o trabalho e o estudo, se tratando de um mestrado profissional, em que a pesquisa é feita na, com e pela escola, trazendo a prática na educação básica para a universidade.

Ouvi de minha filha Maria Fernanda a pergunta: “Mãe, você ficará de novo esta noite trabalhando e estudando?” Assim como eu, tantas outras professoras pesquisadoras narradoras buscam qualificação. Talvez, diante da precariedade e da desvalorização profissional, muitas acabam se desencantando e o sonho até então um dia sonhado, vai se desfazendo.

Perspectivo a formação do/a e com o/a outro/a, como profissional, mas antes de tudo como humano. Saviani (2009, p. 148) trata do princípio do “aprender fazendo” e da precariedade das políticas formativas, entretanto, continuo a esperar por meio da Pedagogia para melhorar a futura prática, como já dizia Freire (2021).

Quando me deparei, em 2010, com uma nova função, um novo cargo, uma nova escola, um novo município, o início da trajetória profissional na educação infantil, busquei novos saberes para ser apoio, suporte, parceira, formadora, professora. Alves (2011, p. 74), evidencia que

as convicções são as principais armas do diabo... as maiores atrocidades da história da humanidade, religiosas e políticas, foram cometidas por pessoas que não tinham dúvidas sobre a verdade dos seus pensamentos. As pessoas que duvidam, ao contrário, são tolerantes. Sabem que o que pensam não é a verdade.

Logo, sei que o que penso não é verdade e trago questões que me acompanham nessa *pesquisiformação*: Como me constituí professora orientadora pedagógica pesquisadora? De que maneira as ações singulares-plurais da professora orientadora pedagógica pesquisadora, envolvendo as professoras, demais funcionárias educadoras e as crianças/familiares podem ser potencializadas, visando práticas instituintes na creche? Como aprendi e continuo aprendendo a ser professora orientadora pesquisadora e posso compartilhar com outras profissionais, também, militantes na profissão, os saberes aprendidos nesse (per)curso de (trans)formação?

Ao assumir o cargo de professora orientadora pedagógica (OP), iniciei, assim, outra pós-graduação *Lato Sensu*. Fiz o curso para especialista em Educação Infantil e Alfabetização. Terminado o ano letivo na escola em que ingressei como professora orientadora pedagógica, por meio de concurso público, tive que me remover.

Novo ano, novos tempos, novos espaços, novas aprendizagens. Sendo assim, na escola onde trabalhei, feliz, encantada, apaixonada por tudo e todos/as, ao longo do ano de 2010, tinha sido criado o cargo que estava vago para ingresso/ lotação, uma vez que aquela escola, naquele ano, tinha deixado de ser Núcleo escolar e passado a ser Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI. Assim, uma colega de profissão, que por longos anos estava como professora orientadora pedagógica de duas creches do município, solicitou a remoção para essa nova escola. Diante da matrícula mais antiga no município, ela se removeu para a escola que eu havia trabalhado naquele meu primeiro ano.

De início, achei triste ter que deixar a escola, mas vi que faz parte da regulamentação legal e não tinha o que fazer a não ser decidir qual seria a minha sede oficial. Fui, em muito pouco tempo, muito feliz com a diretora Dalva, que me ensinou muito de tudo, pedagógico e administrativo, vida e formação. Era o primeiro ano dela como diretora e caminhamos de mãos dadas nesse nosso novo (per)curso de (trans)formação, como equipe gestora (EG). A equipe escolar me acolheu com todo o carinho e respeito e muito aprendi com todos, adultos e crianças daquela comunidade.

Com a remoção de minha colega de profissão, eu tinha duas opções para escolha, a escola integral de ensino fundamental ou a creche, sendo responsável por duas unidades escolares, tendo cada uma delas de um lado da Rodovia Presidente Dutra. Naquela época, era uma professora orientadora pedagógica para cada duas creches e, como na educação básica, eu não tinha tido ainda a experiência com a creche, quis conhecer e aprender nesse segmento e assim fiz a escolha e fui aprender grande com gente pequena, mas apenas no tamanho.

Tudo era novo para mim, a começar pelos/as bebês. Nunca tinha tido contato direto e de perto com tantos/as bebês juntos assim. A princípio, causou-me medo, pavor, angústia,

aflição, receio, sossego, desassossego, mas com o passar do tempo, tudo foi se acalmando e para mim veio o encantamento, a sedução e o amor por cada um/a deles/as que foi crescendo dia a dia. Nesse momento, tive o apoio de uma outra professora orientadora pedagógica, a Elíria, que tinha grande experiência na creche e na educação como um todo, não apenas naquele município, mas em tantos outros que havia residido. Ela me orientou quando cheguei, disponibilizou muitos materiais de formação para a creche, participou das reuniões internas com a equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME) e das formações externas, quando juntas, elaboramos os materiais de formação continuada em serviço não só para as professoras, mas também para as auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs).

Assim como os adultos, os/as bebês e as crianças bem pequenas, também, me ensinaram muito no cotidiano da creche. O olhar atento, a escuta ativa e a sensibilidade foram importantes na comunicação entre nós. Não era mãe ainda, naquele tempo, e foi lá na creche que vivi minha primeira gestação. Até poucos dias antes da Maria Fernanda nascer, estive lá, nas duas escolas, convivendo e aprendendo de tudo com todos/as. Vi e vivi o cuidar e o educar como indissociáveis e aprendi com gente grande e gente pequena, todo dia, sobre a importância da primeiríssima infância.

Após a minha licença maternidade, Maria Fernanda foi para a creche municipal comigo e tornou-se discente do berçário I. Acompanhava cada momento de desenvolvimento dos/as bebês e das crianças bem pequenas, ficando, a partir daí, apenas numa creche, pois ao longo da gestão do Secretário de Educação professor Sidnei Sanita, naquele ano, muitas conquistas tivemos naquela Secretaria, inclusive oficializando uma professora orientadora pedagógica para cada creche. Assim, tive a opção de escolha da unidade escolar para me efetivar e lá permaneci por mais um ano, até que solicitei a remoção para outra creche, sendo essa um pouco mais perto de casa, diminuindo um pouco o percurso que era, diariamente, de cerca de 70 quilômetros de casa até o trabalho, pela Via Dutra, de uma cidade a outra. Como não teve nenhum pedido de remoção para a creche, consegui lotar na creche que permaneço ainda como professora orientadora pedagógica efetiva.

Tive um período de distanciamento, devido ao meu tempo de permanência e atuação junto ao Núcleo Pedagógico (NUP), mas depois de um ano e meio na Secretaria Municipal de Educação (SME), solicitei retorno para a creche de lotação. Agora, devido à mudança de país, temporariamente, estou com o afastamento sem remuneração, entretanto sigo com o mestrado profissional, daqui de Singapura, e em contato com a equipe escolar e as professoras com as quais trabalhei ao longo de tantos anos, as supervisoras de ensino, as colegas professoras orientadoras pedagógicas – o quarteto das creches, a ex-diretora e amiga da profissão para

vida. Por meio de cartas, e-mails, mensagens de WhatsApp, fotos e vídeos, artigos e referências bibliográficas, individuais e coletivas, sigo em contato com a equipe que tanto me ensinou e me permitiu ser tão realizada na *vidaformação*.

Caixas grandes, pequenas, de todos os tamanhos... uma trajetória profissional na creche

Como os/as bebês aprendem, como os/as bebês ensinam. Precisava saber mais para ajudar mais a todos/as os/as envolvidos/as no cotidiano da creche. Fui, de novo e mais uma vez, para outra pós-graduação *Lato Sensu*. Dessa vez, em Ensino Lúdico. Foi uma ótima experiência para me aprofundar na educação de 0 a 3 anos, de ver e viver o que os/as bebês fazem no berçário e entender mais sobre a primeira infância. Que paixão foi aprender e ensinar, junto aos/às bebês e às crianças bem pequenas. O estímulo que eles e elas recebiam a cada vivência era, também, o meu por buscar novas habilidades e competências para uma formação continuada realmente potente para todos/as nós.

Precisei aprender de tudo um pouco, como trocar fraldas e dar banho em bebês, desfraldar as crianças bem pequenas, oportunizar momentos de autonomia na alimentação e na higiene pessoal, criar situações de aprendizagem e desenvolvimento com brincadeiras e interações, de acordo com cada faixa etária. Enfim, a cada dia, uma nova experiência construída com os pequenos e os grandes, crianças e adultos, fossem professoras, auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs), estagiárias de Pedagogia, merendeiras, auxiliares de serviços gerais (ASGs), escriturária, diretora, pais e familiares.

Nesse tempo, aprendi muito com a formadora de formadoras, Márcia Silvestre, de uma empresa de assessoria externa que conduziu comigo e com minha dupla de creche, professora orientadora pedagógica, Elíria, a formação continuada em serviço, contratada por uma empresa, por meio de licitação. Foi muito bom receber, naquele meu primeiro ano, como professora orientadora pedagógica de creche, a devolutiva da formadora que reforçava ter visto o profissionalismo, o comprometimento, a amizade e a união entre a diretora e a professora orientadora pedagógica. Ter o trabalho em equipe compartilhado e de maneira a contribuir para uma escola humanizadora, para adultos e crianças, fez uma grande diferença na vida de todos nós.

Compreendo que a formação externa é importante para dar suporte e levar o grupo de professores/as, técnicos/as, profissionais da educação a refletir sobre as ações desempenhadas, bem como ampliar o olhar, perceber o quanto fazemos a cada dia, mas não cabe esperar solução para os problemas e dificuldades que ocorrem no cotidiano das escolas. Quem,

realmente, sabe e conhece cada necessidade, potência, deficiência são os que na escola estão envolvidos, adultos e crianças. Às vezes, parece-nos óbvio o trabalho cotidiano realizado, pois as respostas para nossos questionamentos, aparentemente, estão claras e tudo caminha muito bem, entretanto, precisamos de ajuda, sempre, a todo o momento, para percebermos que acertamos, mas que cometemos também equívocos, nem sempre estamos percorrendo o melhor caminho, fazendo o que é o melhor para todos/as os/as envolvidos/as no processo de aprendizagem e que o olhar do/a outro/a, seja dentro ou fora da escola, é de grande importância para o aperfeiçoamento de ações e reflexões presentes para um futuro cada vez mais potente e eficiente. Como afirma Soligo (2016, s/p)¹⁵ em sua publicação feita no *wordpress*, “Sobre certos enganos que nem sabemos”.

aprendi que é preciso ajudar os professores a não cometerem muitos equívocos desse tipo. Como? Explicitando que enganos assim são possíveis de acontecer o tempo todo, discutindo as implicações pedagógicas do que se aborda teoricamente, mostrando não só ‘por onde é’ mas também ‘por onde não é’, e falando de nossos próprios equívocos. Assim talvez possamos produzir resultados muito melhores do que em aulas teóricas sobre o processo de construção do conhecimento e a provisoriedade dos saberes construídos.

Ao acompanhar, em 08 de novembro de 2023, a defesa de doutorado da Renata Barroso Siqueira Frauendorf, “De estrela a constelação: investigação flâneuse de formadoras”, rememorei as formações externas que tive com tantas formadoras de formadoras. Como é fundamental termos pessoas e profissionais assim como a Renata Frauendorf, sensíveis e respeitadas, que colaboraram com a produção de conhecimentos de cada uma das equipes que acompanha, de modo a incentivar a autoria de todas, atrelando teoria e prática, reconhecimento e pertencimento, ao cotidiano de uma maneira afetiva e efetiva.

Ouvindo a Renata Frauendorf, mulher, esposa, mãe, professora, formadora, leitora, colecionadora, investigadora, flâneuse que trabalha no terceiro setor e com programas de formação continuada, sendo parceira entre a sociedade civil, as fundações e instituições e redes públicas de ensino, percebi o mundo e a construção de uma nova forma, poética e estética da sensibilidade, maneira resistente de formação qualitativa, considerando o aprendente.

As miudezas e os detalhes do cotidiano de cada uma das equipes são primordiais para o princípio construtivo, polifônico, investigativo e necessários para a produção de

¹⁵ Essa publicação foi feita pela autora em Rosaura Soligo Formação e Outros Textos, disponível no link <https://rosaurasoligo.wordpress.com/2016/05/08/sobre-certos-enganos-que-nem-sabemos/> Acesso em 23 set. 2023.

conhecimentos.

Durante meus primeiros anos, como professora orientadora pedagógica, tive um grande apoio da Elíria. Vejo essa minha parceira, professora orientadora pedagógica como minha formadora, naquela época. Ela compartilhou, prontamente, todos os seus cadernos de registro, textos formativos para a faixa etária que trabalhávamos, os materiais formativos de outros tempos, enfim, de tudo um pouco e sobre tudo isso me debrucei para entender, aprender, fazer mais e melhor por todos/as das creches municipais onde trabalhávamos. Juntas, elaborávamos as pautas de formação para o Horário de Trabalho Coletivo (HTC), os planejamentos para os encontros formativos com as Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADIs), levantávamos os pontos a serem discutidos, debatidos, pleiteados para as profissionais da educação nas creches, frente à equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Aprendi que assim como as crianças, os adultos também precisam ser conhecidos, reconhecidos, respeitados. Antes de qualquer pauta, conteúdo, formação, é importante uma escuta ativa e um olhar atento, uma leitura deleite para aliviar as tensões do cotidiano, a troca entre os pares, sejam de ações positivas ou não, mas de ensino-aprendizagem para todos os envolvidos. Daí a importância do movimento sistemático de ação-reflexão-ação. Ressalta Simas (2018, p. 38) que “à medida que ia construindo uma prática de ensino, pensava sobre ela e essa reflexão era potencializada pela escrita e, depois, ao ressignificar o que vivi, planejava novas ações”. De acordo com a autora, num outro *espaçotempo*, fui agindo, refletindo e agindo, a fim de produzir no futuro, novas compreensões sobre o meu trabalho de professora orientadora pedagógica. Fui, ao longo do tempo, construindo no espaço da escola, um (per)curso que junto a tantos/as outros/as, me fazia compreender melhor nas ações, de forma a adequá-las, sempre que necessário. Nas palavras de Simas (2018, p. 94) “acredito que a prática e a teoria são produzidas num movimento dialético em que uma pressupõe a outra”.

Logo, ao preparar as pautas para os encontros formativos com toda a equipe escolar, Horário de Trabalho Coletivo (HTC), Horário de Trabalho Coletivo dos Funcionários (HTCF), Reuniões Pedagógicas (RP), Reuniões de Funcionários (RF) e Reuniões de Pais e Mestres (RPM), dentre outros tantos momentos, buscava referenciais teóricos para atrelar às situações de nosso cotidiano para que, dessa forma, fizesse sentido o que ali, no espaço escolar, dialogávamos, visando a um atendimento realmente afetivo e efetivo para todos/as, na, com e pela escola pública.

Percebi a grande diferença e o resultado que se têm ao desenvolver a pauta pensada, planejada, elaborada por mim e pela minha diretora – a equipe gestora (EG) da escola. Nós

duas conhecíamos a realidade de nossa comunidade escolar, assim como cada uma das professoras, dos/as funcionários/as, dos/as profissionais da educação, das crianças, dos familiares. Saber quem são, reflete totalmente na participação e envolvimento de todos/as, de maneira singular-plural. “Só se aprende a viver, vivendo, só se aprende a fazer, fazendo, só se aprende a pensar, pensando...”, afirma Dias (1994, p. 70 *apud* Simas, 2018, p. 44.).

A diferença ficava bem clara quando tínhamos formações externas e diretas com a equipe escolar, sem diálogo e discussão a respeito do assunto a ser tratado, estudado, embasado. Questionávamos o porquê de não nos formar primeiro, para depois, chegar à escola com mais propriedade sobre a realidade do cotidiano. A justificativa para esse momento prévio era porque a equipe de assessoria externa não tinha um levantamento prévio sobre a realidade de cada um/a de nós. Isso não nos convencia de algo diferente do que vinha sendo feito e repetido, pois poderia ser ajustado. A cada encontro de formação, eu procurava comunicar e esclarecer para a equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME) essa informação e solicitava sempre que as formações externas fossem mais efetivas conosco, de maneira a prepararmos encontros ainda mais potentes e eficientes para todos/as.

Além disso, pedia, repetidas vezes, que as pautas externas fossem partilhadas com a equipe gestora, antes, pois dessa maneira evitaríamos desgaste na formação, seja durante ou após esse momento. Ressalta Alarcão (2010, p. 62 *apud* Simas, 2018, p. 39) “como atributo do ser humano, a capacidade de questionarmos e de nos questionarmos a nós próprios é um motor de desenvolvimento e de aprendizagem”. Por esses motivos e pela tamanha pretensão de aprendizagem para todas nós, profissionais da educação, naquela rede municipal, insistíamos tanto nisso para termos formações externas eficientes e constantes, com o olhar atento, a escuta ativa e a sensibilidade para acolher e atender às necessidades de cada uma das equipes escolares.

De tempos em tempos, tínhamos, também, encontros com as outras professoras orientadoras pedagógicas das demais escolas municipais de educação infantil (EMEI). Nesses momentos, tínhamos a possibilidade de reafirmar sobre a importância do coletivo, que trabalha, ininterruptamente, em busca de um trabalho articulado, coerente e em busca de (trans)formação.

Considerando Bragança (2009, p. 38)

tendo como referência a busca de uma racionalidade mais humana, sensível e partilhada, procuramos compreender o entrelaçamento entre diversas dimensões da trajetória de vida e formação das professoras, dando visibilidade às memórias polifônicas da vida, às experiências docentes e à formação acadêmica. A dinâmica da pesquisa indica potencialidades emancipatórias da perspectiva (auto)biográfica,

apontando para uma nova epistemologia de investigação e de formação, que se corporifica na dialética entre experiência, memória e narração.

Foi assim, conhecendo e reconhecendo as potencialidades de cada um/a da equipe, docentes e demais profissionais da educação, na creche, que fomos nos fortalecendo, a fim de compor um trabalho consistente entre todos/as os/as envolvidos/as. A partir dos momentos vividos a cada encontro formativo, foi possível estreitar laços, acolhendo toda a equipe escolar, ampliando os saberes, produzindo conhecimentos, a fim de estudar situações cotidianas, procedimentos, vivências/ experiências, elaborar coletivamente o Projeto Político Pedagógico (PPP), além de ampliar o repertório científico e cultural com nutrição estética, por meio da literatura, música, arte, dentre outros. Nesses encontros, dialogávamos e refletíamos sobre o cuidar e o educar, indissociáveis, tanto para as crianças/ familiares, quanto para os adultos nessa equipe escolar.

Quantos desafios, leis, normativas, documentos, declarações, protocolos, circulares, ofícios, artigos para garantir os direitos das crianças, não apenas como direitos humanos, mas também como seres humanos, que pensam, sentem, agem e precisam de proteção integral. Assim sendo, fui, de novo e mais uma vez, em busca de nova pós-graduação *Lato Sensu*, dessa vez, em Direito Educacional.

Entender, compreender, resistir e lutar pelo desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social dos/as bebês e das crianças bem pequenas, ampliou o meu olhar de maneira a querer envolver, ainda mais, a equipe docente numa formação que efetivamente se empenha, dia a dia, por políticas sociais públicas que respeitem e ofereçam dignidade e harmonia a todos, crianças e familiares. Dessa maneira, tenho vivido uma trilha formativa, interna e externamente, com apontamentos e desapontamentos, estudando, refletindo, agindo.

Portanto, não parei e não pretendo parar de estudar, movimentar, (trans)formar e compartilhar a teoria e a prática que vivencio na Educação. Alves (2013, p. 167) afirma “acho que estou ficando louca...”. Reconheci-me aqui. Acho que estou ficando louca. Sou mulher, mãe, filha, amiga, vizinha, profissional, estudante etc. e ainda estico o tempo para estudar e fazer tantos e tantos cursos. Agora, do outro lado do mundo, em Singapura, continuo meu (per)curso em busca de (trans)formação para mim e para o/a outro/a, perto ou longe.

Ao narrar e pesquisar, pesquisar e narrar, mesmo que à distância, ou seja, já noutra *espaçotempo*, estou tendo a oportunidade de refletir sobre a minha prática, buscando novas possibilidades para o cotidiano, na, com e pela escola, colaborando assim, de alguma maneira, para a prática do/a outro/a, professora orientadora pesquisadora narradora que almeja tanto produzir saberes que podem ser transformados em experiências instituintes.

Uma caixa pra lá de especial... o projeto “Dentro da Caixinha”

Ter vivido o projeto “Dentro da Caixinha” com as professoras da escola, durante nossos encontros de Horário de Trabalho Coletivo (HTC) foi muito especial. Esses momentos reverberam em minha vida, assim como das professoras até hoje e acredito que irão permanecer em cada uma de nós, sempre.

Tudo começou no curso de férias, lá em São Paulo, em 2016, no Centro de Formação da Escola da Vila, quando conheci a Rosaura Soligo, numa formação de formadores. A partir daí, não deixei de segui-la. Foi, então, que cheguei até a Unicamp para um curso de extensão com ela e Guilherme do Val Toledo Prado, nosso querido Gui. Apaixonei-me pelos ares da Faculdade de Educação (FE), em Campinas. Participei apresentando o projeto realizado com o grupo de professoras da creche, onde sou efetiva, como professora orientadora pedagógica, no Fala Outra Escola, daquele mesmo ano, inspirada pela Renata Fernandes. Ela, logo, me convidou para acompanhar o GT - Grupo de Terça, do GEPEC. Não parei mais. Percebi que tem muita gente que, como eu, ainda acredita e sonha com uma escola humanizadora para todos/as. Esse coletivo me motiva e a todos/as os/as participantes que sem obrigatoriedade seguem, acompanham, resistem, lutam e partilham os vividos do cotidiano escolar. Temos todos/as vontade de saber, dialogar e refletir sobre a teoria e a prática do cotidiano escolar, seja na educação básica, seja na universidade, um pouco mais.

Nesse grupo e, também, no Polifonia, como orientanda da Prof^a. Inês Bragança, tenho o privilégio de seguir aprendendo, compartilhando, narrando a *vidaformação*. Com Inês e Juliana Batista Faria participei dos encontros da turma de “Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas” e pude ressignificar o meu olhar, os saberes e as histórias para construir memórias. Foi um semestre de algumas aulas on-line e a maior parte delas sendo presencial com estudantes de Pedagogia que vivem o sonho da graduação numa universidade pública, bem como a esperança de contribuição com outros/as que almejam uma educação de qualidade, numa escola humanizadora, para todos/as. Ao longo dos encontros, na terça-feira, à noite, reafirmávamos a potência das narrativas, produzindo a carta do abraço, o ateliê biográfico e a experiência inesquecível.

Na carta do abraço cada um/a de nós escreveu para outro/a colega narrando, após a partilha de narrativas orais de “Como cheguei até aqui”, na turma de Pedagogia, ano de 2022; no ateliê biográfico, escrevi para o professor Guilherme do Val Toledo Prado, que participava conosco dos encontros de coordenação e diante da foto compartilhada, viveu e reviveu momentos de sua infância ao lado de pessoas amadas e que ficaram na memória; na

experiência inesquecível, narrei sobre o projeto “Dentro da Caixinha: que narrativas estão (guardadas aqui?)”.

Ao elaborar, viver e compartilhar o projeto “Dentro da Caixinha”, durante os encontros de Horário de Trabalho Coletivo (HTC), fui surpreendida com o andamento e o resultado de tudo o que foi vivido por mim e pela equipe docente. Ao planejar o projeto, inicialmente, esperava que desse bons frutos, mas não imaginava que teríamos, eu e toda a equipe docente, uma colheita tão rica e sempre memorável como foi, é e sempre será para cada uma de nós.

A ideia inicial veio no curso de férias com a Rosaura Soligo, em São Paulo. Depois, de férias, em Belo Horizonte, recebi de presente, o DVD do filme “Dentro da Caixinha”. Ao retornar para a cidade em que residia, escrevi o projeto para iniciar no primeiro semestre de 2017. Em seguida, fui, junto à equipe docente, experimentando as vivências, etapa a etapa, que foram marcantes para todas nós. Logo, veio a inscrição e a seleção do projeto no “Professor Nota 10”. “Foi algo que me deu, ainda, mais ‘coragem’ para continuar a lutar por uma formação, realmente, continuada, e que respeita as professoras, como pessoas e profissionais da Educação, antes de tudo” (Rezende, 2023, p. 260).

O projeto foi compartilhado e vivenciado, além da creche, no município onde está localizada a escola. Apresentei-o no HTC Interativo para toda a rede municipal, tendo, inclusive como convidado e palestrante, o diretor do filme, Guilherme Reis. Tive, também, a participação no HTC de uma escola privada para explicar sobre o projeto que foi divulgado em diversas escolas públicas e privadas do Vale do Paraíba. Em 12 de março de 2018, tive a matéria “Remexa nas memórias de infância”, estimulando os professores e as professoras a relembrem as trajetórias da vida pessoal e que podem melhorar a prática profissional e a relação entre a equipe, publicada por Laís Semis, na Revista Nova Escola.

Além disso, fiz a apresentação desse projeto no Fala Outra Escola – Unicamp 2019. A partir de então, a proximidade entre a escola básica e a universidade foi aumentando. Ainda hoje, daqui de Singapura, em contato com cada uma das professoras que participaram desse projeto, tive o retorno sobre o que reverberou em todas e posso dizer que ainda permanece em nós. Segundo o relato, por WhatsApp, em 20/04/2023, da professora Ariana Machado, “com o Projeto Dentro Da Caixinha foi possível resgatar e recordar lembranças/memórias da minha infância, da minha história escolar e os caminhos que me levaram à escolha profissional. Lembranças estas, que trouxeram à tona muitas emoções e sentimentos. Foi muito gratificante e importante participar deste projeto, aprendi mais sobre mim e sobre ser educadora/professora de Educação Infantil, sem contar os benefícios que trouxe a minha vida

peçoal”. Além dessa professora, Maria Helena, Flávia, Giziane, Lucilene e Vanusa seguem alimentando a própria caixinha, guardando fotos, objetos, a camiseta, as memórias, as narrativas daquele e de outros tempos, passado e presente que irão reverberar adiante.

Com esse projeto, mais uma vez, vi e vivi, também no Seminário IX Fala Outra Escola: Co-lectionar: práticas de humanização com e para a liberdade, em julho de 2019, que a escola pública tem muita gente que busca, intensa e constantemente, por uma formação, interna e externa, que amplie o saber da experiência.

Sobral (2013, p.15) afirma que

todo sujeito traz saberes que os outros não têm – nem podem ter, porque não são ele. E, por mais que sabia, a escola não constitui a totalidade do mundo humano, mas a instância na qual os vários saberes, dos mestres e dos discípulos, devem ser sistematizados dessa perspectiva dialógica alteritária para atribuir ao mundo sentidos individuais-alteritários sempre novos, sempre mais concêntricos, marcados por aberturas que tocam as margens.

Trago isso em meus (guar)dados. Sabe aqueles momentos que a gente guarda na memória e no coração? Essa é uma lembrança afetiva, de um ano especial e de outros tempos.

E pensar que tudo isso começou...

[...] num curso de férias, na Escola da Vila, em São Paulo, quando participei dos encontros sobre “Formação e Coordenação – Desafios Metodológicos”, com a professora Rosaura Soligo, em julho de 2016. Dentre as diversas e potentes propostas feitas por ela, individual e coletivamente, uma foi que fizéssemos o relato, ao revisitar a memória e os arquivos, físicos e virtuais, de tudo o que havia de importante para rememorar em nossa vida profissional. O curso acabou, o semestre passou, o ano se foi e não consegui fazer o meu relato.

As férias do fim do ano chegaram e fui para minha cidade natal. Lá fui presenteada, em janeiro de 2017, por minha prima Francine e o marido Euber, com o filme “Dentro da Caixinha”, do Guilherme Reis – Postura Digital. Eles me disseram que era para eu assistir com meus filhos, João e Maria, e que, ao participarem do lançamento desse filme, junto ao diretor, foram logo pensando em mim, em meus filhos e nas crianças da creche de quem falo sempre com tanto afeto.

Ao chegar a casa, após alguns passeios pela capital mineira, encerramos o dia com uma deliciosa sessão de cinema regada à pipoca e guaraná. A cada cena, me vinha à memória, as crianças da creche, a nossa área externa privilegiada com um imenso gramado, as cantigas de roda que eu conhecia de Minas Gerais e as que eu estava conhecendo em São Paulo. A partir daí, resolvi unir o curso da Rosaura ao filme e elaborar um projeto especial para o ano letivo que estava por vir.

Depois de um ano e meio, longe da creche, trabalhando, exclusivamente, no Núcleo Pedagógico (NUP) da Secretaria Municipal de Educação (SME), por opção, pois queria ter uma nova experiência profissional, estava eu retornando para a escola que eu escolhi estar, de novo, por opção, pois vi que era lá mesmo o meu lugar (Rezende, 2023, p. 259-260).

Em 2016, a Secretaria Municipal de Educação (SME), onde sou funcionária pública, abriu um processo seletivo interno para a vaga de Professor Orientador Pedagógico para o

Núcleo Pedagógico (NUP). Tratava-se de um setor, naquela secretaria, com o propósito dar apoio aos professores/as e orientadores/as pedagógicos/as que atuavam nas escolas. Diante da possibilidade de continuar a me (trans)formar, ajudando, apoiando e colaborando com os meus pares, uma vez que eu considerava, assim como as minhas gestoras/supervisoras e todos/as os/as envolvidos/as no processo cotidiano de ensino aprendizagem, corpo docente e discente, num último dia de inscrição, me candidatei à vaga que havia para a educação infantil. Passei pelo processo seletivo e fui designada para assumir o cargo.

Deixar algo que está ruim para arriscar no que pode ser melhor é fato, mas deixar o que é bom para algo que não se sabe, é um grande risco. Como não sou de ter medo de aventurar-me ao desconhecido, arrisquei e fui viver essa experiência pessoal e profissional. Por seis meses, eu e duas professoras da rede municipal, Patrícia e Valéria, previamente selecionadas pela equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME), desbravamos caminhos para levar a toda a rede uma formação continuada de qualidade. Diante da avaliação desse período, o excesso de formações internas e externas e a elaboração de materiais e procedimentos adotados por toda a rede, novo processo seletivo foi aberto e reformulado o primeiro organograma, saíram as duas professoras que deram início ao trabalho do Núcleo Pedagógico (NUP) e veio outra professora orientadora pedagógica, Cláudia Brito, para dividir o segmento da Educação Infantil comigo. Eu, como havia chegado antes, tive direito a escolher com quem queria trabalhar diretamente e, sendo assim, optei por ficar com as creches. Já a minha colega, ficou com as pré-escolas, porém trabalhávamos juntas, em todas as formações, elaborações de materiais, cursos e (per)cursos, porém cada uma conduzia o seu grupo de acordo com as escolas.

Pelo período de um ano e meio no Núcleo Pedagógico (NUP), aprendi muito de tudo. Mesmo almejando conquistas para todas as colegas de profissão, em cada uma das escolas do município, nem todas viam isso. Pensava eu que se o que fiz, junto a uma equipe, foi positivo, isso poderia se estender a toda a rede. Ledo engano, eu fui aberta e disposta a compartilhar com todas as outras professoras orientadoras pedagógicas da rede o que tinha costume de fazer na escola onde trabalhava, tendo o apoio da equipe gestora, bem como técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME), entretanto, nem todas as minhas colegas, pares no cargo/profissão viram como uma boa ação. Tive grandes enfrentamentos, mesmo embasada por tantos autores renomados na área da Educação e apoiada pela coordenadora geral do Núcleo Pedagógico, Elisa, assim como por toda a equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação, supervisoras de ensino e Chefe de Divisão da Educação Infantil, Mônica Felizari. Todos conheciam o trabalho que eu vinha realizando na rede de ensino, desde que ingressei,

em 2010, e nunca havia tido problema algum referente ao meu trabalho e/ou equipe docente, discente e escolar.

Passei, algumas vezes, pelo enfrentamento de meus pares que a cada encontro considerado formativo, previamente elaborado com todo o empenho, gasto, desgaste e custo, muitas das vezes com recursos próprios, avançando horas de trabalho dentro e fora da escola/do município, queriam exigir mudanças de paradigmas e leis para toda uma rede municipal, passando a frente de superiores comissionados inclusive. Considerava pertinentes algumas das colocações e solicitações feitas, afinal vivia tudo isso na escola até bem pouco tempo, entretanto, não cabia aos superiores imediatos as alterações solicitadas. Levei certo tempo para conquistar meus pares, estando naquele *espaçotempo*, evidenciando que eu estava ali para partilhar saberes e ampliar o olhar meu e de todos/as os/as outros/as que estivessem dispostos a fazê-lo, também. Aos poucos, passamos a caminhar juntas, como fazia em parceria com toda a equipe escolar de onde havia saído, mas, ainda assim, algumas colegas não aceitavam o trabalho realizado por mim e, também, pelo Núcleo Pedagógico (NUP) como um todo.

Um dos momentos mais lamentáveis nesse (per)curso que vivi e me (trans)formou, foi quando uma das colegas professoras orientadoras pedagógicas, numa reunião em que todos/as os/as gestores/as da educação haviam sido convocados, se colocou apontando ações realizadas por mim e pelos/as demais colegas do Núcleo Pedagógico (NUP) e que, segundo seu ponto de vista, não eram positivos. O silêncio de cada um/a dos/as presentes veio do estranhamento das colocações, bem como por saber que, além da relação profissional, havia ainda, uma relação de amizade que parecia existir até então. Minha reação, diante de todos/as, foi de manter a calma, ouvir o que estava sendo dito, até então, e pedir que as solicitações, bem como reclamações fossem registradas e encaminhadas aos superiores daquele departamento/secretaria para futuras providências. Encerrado o encontro, noutra sala, desabei no choro, não pelos possíveis “erros” cometidos, mas por vir de uma pessoa que caminhou, por longo tempo, junto a mim, no mesmo segmento, dentro e fora da escola.

Tinha ciência de que se houvesse falha, essa deveria ser trabalhada, visando melhorias para o meu trabalho, assim como para meus pares. O que mais me entristeceu foi ter vivido e convivido tanto tempo ao lado de uma pessoa que eu imaginava ter como parceira de vida e formação. Muitos/as dos/as colegas do Núcleo Pedagógico (NUP), bem como gestores/as e membros da equipe técnica da Secretária Municipal de Educação (SME) me ampararam e consolaram com palavras de afeto, ressaltando a pessoa e profissional que fui, em todos os instantes e por todos os lugares onde passei. Na época, a Chefe de Departamento da Educação

Infantil convocou aquela professora orientadora pedagógica para uma conversa formal, evidenciando a postura que havia tido, assim como as informações dadas que não tinham fundamento plausível. Diante disso, segui no cargo buscando fazer ainda mais e melhor, de forma a atender as minhas expectativas para desempenhar um bom trabalho naquele tempo de Núcleo Pedagógico (NUP).

Chegando ao final do ano, analisando todo o período vivido no departamento, todos os prós e contras, no *espaçotempo* formativo, solicitei, mesmo diante da aprovação para minha recondução ao cargo, a volta para a creche, pois lá via o resultado de meu trabalho com todos e todas da equipe. Lembro-me da surpresa que foi, durante a reunião de fim de ano, quando presentes estavam a minha coordenadora geral, a colega professora orientadora pedagógica da educação infantil, a Chefe de Divisão da Educação Infantil, a Chefe de Departamento e a supervisora de ensino. Todas estavam admiradas com a minha decisão, entretanto me apoiaram por saber de todo o trabalho já realizado na escola e em colaboração com toda a rede, antes e durante o tempo de Núcleo Pedagógico (NUP). Como de costume, me coloquei à disposição para continuar a colaborar, partilhar e compartilhar saberes outros que sempre busquei e continuarei a buscar sempre em *vidaformação*.

De volta à escola,

pensei em algo que pudesse ser inusitado para minhas vivências, assim como para toda a minha equipe, também, pois tinha como ideia inicial revisitar, na memória e no coração, o vivido noutros tempos até os dias atuais. Queria algo bastante especial para dividir com as professoras como se fosse mesmo um presente, sendo esse escolhido com imenso carinho para cada uma delas. Assim, juntei os dois, o curso e o filme, resgatando o vivido de infância e estudante, bem como de magistério, incluindo o filme e as cantigas de roda. Então, surgiu, inicialmente, a ideia do projeto e que, na primeira reunião de equipe gestora (EG), daquele ano, compartilhei com minha diretora, Cláudia, que sempre apostou em propostas formativas para o coletivo da escola. Coloquei, no papel, o que eu tinha previsto (Rezende, 2023, p. 260).

Uma caixa com uma história inédita...

Ano letivo começando, esperanças e expectativas outras para o novo e, em nosso Horário de Trabalho Coletivo (HTC), fiz a apresentação do projeto que começou com uma caixa surpresa.

Todas as professoras reunidas, em roda, no nosso refeitório, sentadas naquelas cadeirinhas pequenas usadas pelas crianças, que era o que usávamos em nosso terceiro período na escola. Passando a caixa, de mão em mão, perguntei: O que será que tem dentro dessa caixa? Passa aqui, passa ali, passa acolá e nada. Foram várias as tentativas e nada de

ninguém descobrir o que era. Até que então, uma das professoras, a Lucilene, perguntou: Será que é um CD ou um DVD? Sendo assim, o mistério foi revelado. Pedi para ela que abrisse a caixa e pronto, todas viram que era mesmo um DVD, sendo esse o filme “Dentro da Caixinha”.

Seguimos o encontro com a revelação da minha ideia para o projeto. E lá mesmo, naquele refeitório, sentadas nas cadeirinhas das crianças, diante do *data-show* montado, previamente, assistimos o primeiro trecho do filme acompanhado de pipoca e guaraná. Hummm!!! Foi um momento inédito para todas nós. Após alguns minutos de filme, pause. “Como? O que aconteceu?” Algumas das professoras perguntaram e, então, respondi. “Foi proposital que o filme parou. Não vamos vê-lo, todo, assim, de uma só vez. Vamos assisti-lo, aos poucos”. A partir de cada trecho do filme, eu trazia uma consigna para rememorar o vivido por mim e por elas, noutra tempo. Depois, as colegas de nossa equipe narravam, sem ordem, aleatoriamente, de maneira que cada uma de nós se sentia à vontade para compartilhar em nosso grupo seus relatos. Após esse momento de narrativa oral, o vivido era escrito, imprimindo os acontecimentos de outros tempos, revisitado naqueles momentos. Quanta inspiração veio à tona.

Confesso que nem todas as professoras se animaram logo de início com a ideia de escrever as narrativas orais, pois ao longo da semana, entre uma terça e outra, era na segunda ou mesmo na terça-feira que me diziam que iriam escrever o que eu havia solicitado. “A história é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias”, afirmam Prado e Soligo (2007, p. 46).

Tive que buscar bons argumentos e referenciais para convencer algumas professoras nessa escrita afetiva, pessoal e profissional. Assim como os autores citados anteriormente, acredito

para além dos ganhos individuais que a escrita reflexiva favorece, há um aspecto político de igual ou maior relevância: a publicação dos textos produzidos pelos que fazem a educação deste país – narrando suas experiências, revelando suas ideias, refletindo sobre o que fazem – é na verdade, uma conquista de toda a categoria profissional. Quando os educadores tornam públicos os seus textos, todos ganhamos (Prado e Soligo, 2007, p. 47).

A *primeira consigna*, após assistirmos o primeiro trecho selecionado, foi um momento em que falei da *importância do contato com os avós*. Assunto esse que para mim é bem especial, pois minha avó foi a minha figura materna de referência, exemplo de pessoa, matriarca, mãe, avó, educadora, enfim modelo de mulher e de pessoa do bem, um ser humano singular. Fiz alusões vividas por minha avó e eu, importantíssimas em minha história, pois os bons exemplos dela sigo sempre, como o amor, o afeto, o diálogo e o respeito às pessoas,

quaisquer que sejam. Maria, minha avó, foi uma pessoa querida e inesquecível para muitos. Boas histórias, boas lembranças. Eternas!

Retomo Ribeiro (2021, p. 197) ao assinalar: “Querida vó Antônia, ainda tenho tanto pra contar... Mas nossa conversa não termina aqui”. Assim como ela, minha história com minha avó Maria tem muito que contar, como as caminhadas pela Avenida Cristiano Machado; as missas na igreja de São Judas Tadeu; as tardes sentadas na calçada quando com todos os vizinhos e as vizinhas que iam e viam pela Rua Costa Monteiro e com quem ela sempre tinha algum assunto para prostrar; os bolinhos de chuva em dias nublados e os filmes da sessão da tarde que nos seguravam no sofá da sala; os programas da Hebe toda noite de segunda-feira; os domingos assistindo Silvio Santos e Faustão; as novelas das seis, sem maldade e idade; as visitas nas casas dos familiares, em especial, da tia Neusa e da tia Didi, que moravam uma ao lado da outra no Bairro Padre Eustáquio, enfim essas e outras lembranças da infância carrego comigo, pois muito me ensinaram sobre o amor, o afeto, o diálogo e o respeito.

Ao ouvir a história de cada professora contando quem teve e quem não teve o contato e a experiência ao viver com os avós e as avós foi bem emocionante. Dado o tempo que eu havia previsto, encerrei o nosso momento, em pauta, previsto com o projeto e seguimos para os outros assuntos do dia. Dessa maneira, ficava o suspense da *nova consigna* relacionada à sequência do filme para a próxima semana.

Terça-feira seguinte, início do Horário do Trabalho Coletivo (HTC) e tudo pronto para nossa sessão de cinema e a continuidade do projeto. Um novo trecho do filme assistido, acompanhado de pipoca e guaraná, e a nova proposta... “*Quem tem a lembrança da primeira professora? Quem teve educação infantil e quem já foi direto para o ensino fundamental? Há lembrança das músicas – cantigas ouvidas na escola?*” Novas lembranças de todas nós, diretas do túnel do tempo”.

A minha lembrança foi da escola de educação infantil, “Abelha Feliz”, localizada na rua Estela de Souza e a minha primeira professora foi a Adalgisa e a diretora Márcia. Eu não ia sozinha para escola, mas sempre acompanhada de meus primos-irmãos, Plínio e Alexandre, que também estudavam lá. Lembro das músicas – cantigas da festa junina que dançávamos, sendo esse evento realizado na rua ao lado, menos movimentada, onde não passava o ônibus do bairro, na rua Cônego Floriano. Nossas roupas de caipirinha eram confeccionadas pela tia Dinha, costureira de mão cheia. Ela era a costureira oficial das vestimentas da família e assim foi até pouco tempo, inclusive, para a outra geração. Em 2022, ela veio à óbito e deixou imensas saudades. Ficaram as lembranças de pessoas e momentos especiais e as fotos antigas

de nossas festas juninas na escola. Feito meu relato, cada professora contou como foi o ingresso na escola. Poucas delas tiveram o privilégio de vivenciar a educação infantil, sendo que a maioria não lembrava das músicas – cantigas da infância e rememoraram-nas do tempo do magistério.

O tempo passava tão rápido, durante o Horário de Trabalho Coletivo (HTC), que se não tivéssemos o relógio, ficaríamos ali, lembrando e contando um pouco mais de nossas histórias. Porém, como nos outros dias, tínhamos que cumprir com a pauta do dia. Assim fazíamos e ficava a ansiedade pela próxima semana.

Terça-feira, tudo pronto! Pipoca, guaraná e mais um pouquinho do “Dentro da Caixa”. Nesse nosso encontro, após outro trecho do filme, *uma nova consigna e relembramos sobre as pessoas que foram fundamentais em nossa formação profissional*. Relembrei de duas pessoas imprescindíveis: Viviane e Sérgio. Ela, a professora de Redação do Pré-Vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. O cursinho dirigido por uma associação de alunos da universidade, direcionado aos estudantes de baixa renda, e que foi fundamental para meu ingresso no Curso Superior. Viviane foi uma inspiração e uma incentivadora para eu seguir estudando e escrevendo cada vez mais e melhor.

Além dela, meu professor particular de inglês, Sérgio, que me ensinou o que na educação básica não tinha aprendido até então. Ele era o noivo de minha prima, Juliana, e arrumava sempre um espaço em suas aulas para eu acompanhar algum outro aluno e ter acesso ao idioma. Aprendi, de verdade, naquela época, a língua inglesa, pois na escola de educação básica, via somente o verbo “*to be*” e suas conjugações. Esses dois professores foram, sem dúvida alguma, fundamentais em minha escolha pela graduação em Letras. Ao prestar o vestibular, pensei que sairia “*craque*” em gramática, literatura e produção de textos, além de dominar a língua inglesa. Lastimável engano, pois foi um curso muito superficial e ao ir para a sala de aula, tive que estudar bastante para ensinar, com competência, os meus estudantes.

Uma boa referência na faculdade de Letras foi o professor de Latim, Vagner Leão, quem me ensinou bastante a gramática. Pessoa sábia e cativante. Relembrando o ingresso no magistério, retomei minha experiência como professora, em Belo Horizonte e, depois, já em Taubaté, onde ministrei, em duas escolas da rede privada. Durante o projeto, seguimos ouvindo umas as outras que optaram pelo magistério. Algumas das professoras já trabalhando em escolas, no Vale do Paraíba, algumas que mesmo formadas, trabalharam fora da área da Educação, enfim, tivemos a oportunidade de conhecer a trajetória profissional de toda a nossa equipe docente.

Foram compartilhadas experiências fundamentais para nosso crescimento pessoal e profissional... Mais uma pausa e nossa próxima semana. Desta vez, *a consigna foi para que relembrássemos de momentos difíceis vividos e que, também, nos fortaleceram e nos ensinaram sobre o cotidiano escolar*. Costumo dizer que os bons estudantes ficam marcados para sempre, assim como os de grande desafio também. Lembramos, então, alguns casos representativos em nossas vidas.

Minha primeira experiência profissional foi numa escola de educação infantil, como auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), no “Instituto Sementinha”, no SESC Floresta, na capital mineira. Eu recebia as crianças que chegavam antes do horário, bem como ficava com elas após o horário da saída, quando iam para o aconchego do lar, junto de seus familiares. Como os pais trabalhavam em horários que não permitiam o tempo de levar e pegar seus filhos na escola, as crianças faziam o trajeto de van escolar e acabavam chegando cedo e saindo tarde. Eu fiquei por dois anos com o Fernando, que tinha a irmã mais velha, Maria Luiza, na escola. Os dois ficavam um bom tempo comigo, antes e depois da aula. Devido à idade, o Fernando ficou comigo por dois anos consecutivos, tempo suficiente para que eu tivesse um carinho incondicional por ele.

Já dois grandes desafios marcantes em minha carreira foram nas escolas de rede privada. Um aluno de pouca idade que me desafiava e desrespeitava a cada dia. O auge da decepção veio no dia em que levei, intencionalmente, uma pedrada dele na hora do parque. Além desse triste fato, foi abominável ter tido da direção da escola, quando a ela me reportei para registrar a situação, a resposta de que nada poderiam fazer, pois se tratava de um aluno mesmo “difícil”. Já o outro aluno foi um pré-adolescente que afirmou ser preciso jogar o lixo no chão dos espaços públicos, para dar emprego para terceiros. Os próprios estudantes daquela turma ficaram, assim como eu, indignados com o posicionamento do colega de classe. Como foi chocante vivenciar essas situações como professora iniciante. Assim como eu, outras professoras passaram por situações horrorosas e que fortaleceram nossa convicção pela Educação que queríamos para nós.

Fomos, dessa maneira, em busca de locais e condições de trabalho para fazer valer nosso sonho por uma escola humanizadora para todos, professoras e estudantes. Seguimos e, na terça-feira posterior, *outra consigna*, a partir de um novo trecho do filme. Foi, então, sobre *como chegamos até a escola pública de um dos municípios no interior de São Paulo*. contei para as professoras que foi, em 2010, por meio de um concurso público para Professor Orientador Pedagógico, que ingressei naquela rede de ensino.

Durante o primeiro ano, atuei numa Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), e,

já no ano seguinte, troquei de escola, devido ao processo de remoção. Tinha eu duas opções, uma escola de ensino fundamental e a creche. Escolhi conhecer o trabalho das creches, pois esse era o único segmento da educação básica que eu não tinha trabalhado até então.

No primeiro ano, atendi duas unidades de creche – Escola Municipal de Educação Infantil de Período Integral (EMEPI). Além das professoras, eu orientava, ainda, os/as demais funcionários/as, profissionais de educação, auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs), auxiliares de serviços gerais (ASGs), merendeiras, escriturárias e dava apoio ao trabalho administrativo de duas diretoras (DE). Depois, com a mudança administrativa realizada pelo secretário municipal de educação, na gestão política daquele tempo, pude escolher uma das escolas em que já vinha trabalhando. Do atendimento a duas escolas, passei a fazer a uma, exclusivamente. Vi e vivi a mudança, real e qualitativa, no trabalho da professora orientadora pedagógica.

No ano seguinte, depois de ter me tornado mãe da Maria Fernanda, essa também discente da creche municipal, optei pela remoção indo para uma creche mais próxima de casa, a 35 km de minha cidade residente. Fui para essa outra creche e lá estava a diretora Cláudia com quem eu já havia trabalhado noutro *espaçotempo*. Assim, vivemos momentos de aprendizagem para toda a equipe. Acreditei, confiei e busquei um trabalho efetivo e de qualidade para todos/as, tanto é que, naquela escola, estava matriculada minha filha. Ela teve um atendimento atencioso, afetuoso, amoroso, assim como tantas outras crianças da comunidade escolar.

Em 2014, fui mãe pela segunda vez e meu filho, João Paulo, também foi discente daquela creche. Só os desliguei da educação do município, devido ao risco no trajeto entre onde residia e trabalhava, pois eram 70 km, diariamente, pelas rodovias Presidente Dutra e Carvalho Pinto. Eles, Maria e João, passaram a estudar numa escola privada em nossa cidade de moradia, por conta, também, da necessidade do período integral. As mudanças foram acontecendo na minha vida pessoal e, concomitantemente, profissional também.

Em 2015, prestei um concurso interno, na Secretaria Municipal de Educação (SME) deste município, e me afastei da escola para vivenciar a experiência de professora orientadora pedagógica do Núcleo Pedagógico (NUP). Após um ano e meio, mesmo tendo sido considerada apta para seguir no cargo, não quis mais continuar na Secretaria, pois vi que não era bem o que pensava e almejava viver pela Educação, naquele momento, naquele espaço. Foi assim que solicitei meu retorno para a minha escola sede.

Tenho, nessa creche, o privilégio de encontrar uma equipe única, incomparável, extraordinária. Assim como eu, cada professora teve sua história até chegar ali, naquela

escola, naquele ano, com aquela turma. E assim seguimos o projeto. Mais uma semana e o nosso último encontro desse projeto, mas não o final, pois a ideia é a de que não fechássemos a nossa Caixinha, porque deve ser alimentada, sempre, a cada dia, a cada novo fato marcante com as boas recordações e os vividos que nos fortalecem na *vidaformação*.

Ter o registro dessa equipe é maravilhoso, pois não faltam as boas referências: a diretora que é uma grande parceira, pois nos entendemos até mesmo pelo olhar, nem precisa falar. As professoras que são incríveis, indescritíveis, e basta pensar em algo que, ao falar, elas já desenvolvem experiências instituintes potentes para todos, adultos e crianças. As auxiliares de desenvolvimento infantil (ADI) e estagiárias de Pedagogia que me ensinam a cada dia, cada uma ao seu modo, o que e como fazer para acolher e cuidar de cada criança da melhor forma possível. E os/as demais educadores/as, funcionários/as, profissionais da educação, como as merendeiras, os/as auxiliares de serviços gerais (ASGs) e o/a secretário/a, que constituem uma grande equipe e sempre me ajudaram em tudo para fazer o inédito, viável, para toda a nossa comunidade escolar. E as crianças? Elas sempre espalham amor a cada instante. Alimentam-nos de esperança para crer e buscar um presente e um futuro melhor, já que o passado, esse já foi. Já dizia Freire (2021, p. 45)

A esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quão indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. Enquanto a prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica. Ninguém chega a parte alguma só.

Finalizei, na escola, durante o encontro de formação continuada, junto às professoras, esse projeto. No último encontro, recebemos a visita voluntária de duas professoras de artesanato que nos ensinaram e auxiliaram na produção de uma caixa decoração, em madeira, para que lá pudéssemos colocar nossos (guar)dados especiais, de momentos e pessoas especiais, em nossa *vidaformação*. Foi feita a produção de uma “Caixinha”, material pintado, decorado, alimentado com as narrativas escritas e fotográficas de um tempo, em Horário de Trabalho Coletivo (HTC), muito especial. A proposta seguiu com os nossos vividos. E assim foi e tem sido feito tomando como referência Freire (2021, p. 65)

O educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de conhecer, assistindo à imersão dos significados em cujo processo se vai tornando também significador crítico. Mais do que ser educando por causa de uma razão qualquer, o educando precisa tornar-se educando assumindo-se como sujeito cognoscente e não como incidência do discurso do educador. Nisto é que reside, em última análise, a grande importância política do ato de ensinar. Entre outros ângulos, este é um que distingue uma educadora ou educador progressista de seu colega reacionário.

Ao publicarem a inscrição para o concurso da Fundação Victor Civita, estudei o regulamento e enviei o projeto que passou pelo processo de avaliação, ficando entre os 50 finalistas dos 5002 trabalhos inscritos. “Foi algo que me deu, ainda mais e mais “coragem” para continuar a lutar por uma formação, realmente, continuada, que respeita as professoras e demais profissionais da Educação, como pessoas, antes de tudo” (Rezende, 2023, p. 260). Não parei por aí. Conforme partilhado anteriormente, o projeto foi compartilhado e vivenciado, além de nossa creche municipal. Apresentei-o, junto com a minha equipe docente, durante o Horário de Trabalho Coletivo e Interativo, em especial, para toda a rede municipal, tendo, inclusive como convidado e palestrante, o diretor do filme, Guilherme Reis, que veio de Belo Horizonte para participar desse momento. Ele conheceu, ainda, a creche, a equipe escolar, as crianças. Foi incrível tê-lo pertinho de nós. Na sala do maternal, a professora Vanusa e as crianças cantaram algumas das cantigas que no filme “Dentro da Caixinha” foram trabalhadas. Que alegria e encantamento termos pertinho de nós um pouco mais desse filme que mudou nossa *vidaformação*.

Tive, também, a participação no Horário de Trabalho Coletivo de uma escola privada de outro município do Vale do Paraíba. Lá e em diversas redes municipais da localidade foi compartilhado o projeto “Dentro da Caixinha”.

Em 12 de março de 2018, foi publicada, na Revista Nova Escola, a matéria da Laís Semis, “Remexa nas memórias de infância”, que incentivava outras professoras a relembrar as trajetórias de vida e que podem melhorar a prática profissional e a relação entre a equipe. No dia em que a equipe da Nova Escola esteve na creche para ver de perto parte do material que utilizamos ao longo do projeto, foi inédito. Cada professora trouxe sua caixinha, bem como os pertences que foram usados nas narrativas orais e escritas, durante os encontros semanais do Horário de Trabalho Coletivo (HTC). Uma a uma, todas foram chegando e conversando, emocionadas sobre o vivido. Além disso, ao percorrer pelos espaços da creche, registrando o cotidiano que tínhamos, foi possível perceber, ver, reviver o quanto mexeu com toda a equipe escolar esse projeto. Reforçou em todas nós a importância de todas na, com e pela escola, a coletividade, a autoria, a emoção aflorada. Foi marcante o momento das fotos, quando ao olhar para a câmera, para a diretora que acompanhou tudo, para cada professora e para as educadoras de toda a creche e perceber a alegria e a sensação de que fazíamos o nosso melhor para cada uma daquelas crianças.

Comento a apresentação, em 2019, do projeto “Dentro da Caixinha”, no Fala Outra Escola.

Trata-se de um encontro que acontece a cada dois anos e que busca fomentar o diálogo entre os trabalhos acadêmicos e os relatos de experiências educacionais. Dessa forma, tem-se o espaço para professoras e estudantes, da escola básica à universidade, que compartilham práticas potentes e vividas no cotidiano escolar. Esse momento é peculiar em minha vida, pois estava eu ali, no espaço da universidade pública, apresentando o trabalho realizado numa escola pública. Estava eu próxima de pessoas e profissionais que, como eu, acreditam e buscam na Educação a esperança de um novo tempo, um espaço de acesso para todos/as que fazem a diferença na vida de tantos que não tiveram oportunidade de uma história mais feliz, de respeito e de amorosidade (Rezende, 2023, p. 261).

Participar dos Seminários “Fala Outra Escola” é uma emoção inexplicável, pois ao longo de todos os dias, nos certificamos de que a escola pulsa e está viva em cada um/a que se faz presente.

Mesmo durante a pandemia do Covid-19, tivemos a versão remota, e, em 2021, aconteceu o X Fala Outra – Cá e Lá: Pontes e rios que nos levam e nos aproximam: escutas, diálogos e experiências. Ao participar da Sessão de Diálogo, apresentei o trabalho “Formação continuada durante a pandemia – Possível e sensível”. Mais uma vez, compartilhei experiências instituintes como afirma Linhares (2007, p. 144), “pensamentos impensados que tanto contribuem para os desalentos, como fomentam posições aguerridas, potentes”. Pude apresentar ações vividas por um coletivo que acredita e busca uma escola humanizadora, com amor, afeto, diálogo e respeito por todos, adultos e crianças.

Com essa proximidade, vivência e experiência, entre a escola básica e a universidade, foi aumentando minha vontade de mais e mais saberes, mais partilha, mais engajamento, mais luta, mais resistência, mais resiliência. Queria e quero mais, não para mim, mas para todos/as da minha equipe e da escola pública. Acreditei e acredito que, na, com e pela Educação, podemos mais. Retomando Alves (2013, p. 169), “estava assustada com a felicidade. Assustada ao perceber que a alegria mora muito perto. Basta ver”. Passei, então, a participar do Grupo de Terça – GEPEC, um grupo de estudos e reflexões sobre a prática pedagógica no, com e pelo cotidiano das escolas, que une a educação básica e a universidade, direta ou indiretamente, acolhendo seus/suas participantes. Fui recebida com tamanho carinho, cuidado e atenção por todos e todas do grupo. Participo desse coletivo que reflete e produz conhecimentos, a partir de experiências cotidianas, promovendo trocas e socializando narrativas que incentivam a produção das “Pipocas pedagógicas” (Rezende, 2023, p. 261).

Na minha qualificação do mestrado, inclusive li uma das pipocas pedagógicas publicadas no livro *Pipocas Pedagógicas IV: Narrativas outras da escola*, de 2017. “Afinal, era uma máquina de escrever ou uma máquina do tempo?”, escrita por Eliana Lisboa (págs. 93 e 94). Ela me remeteu às memórias de quando fiz o curso de datilografia, à máquina de escrever de minha sogra Dorinha, à minha avó contando histórias com os netos ao seu redor, dentre outras.

Assim como as pipocas que estouram e se espalham, procuro romper barreiras e espalhar por outros territórios minhas ações e reflexões, agora com olhar de pesquisadora sobre o vivido, mas, também, o inacabado. Participei de outras matérias publicadas pela Nova Escola/ Gestão Escolar que foram direcionadas às professoras e gestoras, visando ampliar repertório, planejar ações e registrar os vividos, numa creche pública, no interior paulista. Os espaços dessa escola, no interior de São Paulo, onde sigo como professora pesquisadora narradora, ficaram pequenos e quero algo mais, quero um quintal maior do que o mundo, como já dizia em sua poesia, Barros (2015) ‘Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões, prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim um atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz, por isso meu quintal é maior do que o mundo’ (Rezende, 2023, p. 261-262).

Estou sempre em busca de um novo mundo, aquele que me inspira a inspirar outras pessoas, de maneira que possam dizer que, também, por minha contribuição, não desistiram da Educação.

Para além do Horário de Trabalho Coletivo (HTC), tinha ainda, durante a rotina, o Horário de Trabalho Coletivo dos/as Funcionários/as (HTCF). Como já mencionei, recebíamos a orientação da equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação que o HTC era de responsabilidade da professora orientadora pedagógica (OP) e o HTCF da diretora (DE). Mais uma vez, e sempre, eu e a diretora Cláudia fazíamos tudo juntas. Eu elaborava ao estudar as possibilidades para as pautas formativas e nas reuniões de equipe gestora (EG) discutíamos o que mais poderia vir a acrescentar, retirar e/ ou modificar. Dialogávamos a todo instante, em busca de uma (trans)formação na equipe escolar, levando para o cotidiano ações pertinentes e potentes para todos, adultos e crianças. Acreditávamos que a relação entre formação humana e profissional deveria ser afetiva e respeitosa em todo *espaçotempo*. Nessas nossas conversas, percebia, como Prado e Soligo (2007, p. 57), “é na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia”. Assim, a cada novo ano, elaborávamos no Projeto Político Pedagógico (PPP), o plano de formação para o Horário de Trabalho Coletivo dos/as Funcionários/as (HTCF) e lá abordamos assuntos para estudo, ação e reflexão, conforme as necessidades de toda a equipe.

Diante de todos os vividos na vida e na formação, percebo quão importante é a relação que vamos construindo por onde passamos. Mesmo com o afastamento sem remuneração, devido à mudança do Brasil para Singapura, ainda assim é possível estar perto, mesmo tão longe, fisicamente.

O fazer uso de recursos tecnológicos, tão úteis durante o período da pandemia, possibilitou, em junho de 2023, o envio, de Singapura para as professoras do Brasil, de fotos

que trago em meu acervo pessoal de minha terra natal e de um vídeo que gravei em minha nova morada. Ao gravar esse vídeo, na manhã seguinte ao pedido feito, fui tomada pela emoção e gratidão de ter aprendido tanto com todas as profissionais da educação, professoras, auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs), auxiliares de serviços gerais (ASGs), estagiárias, secretárias, diretoras e, principalmente as crianças, familiares e comunidade escolar. Todas, cada uma ao seu modo, produzem conhecimento e juntos/as, num coletivo, nos fortalecemos cada dia mais.

Mesmo não estando, fisicamente, com toda a equipe, diariamente, sigo presente, reverberando teoria e prática, em busca de uma escola humanizadora, mesmo que distante. Só quem está no chão da unidade escolar sabe as necessidades físicas e materiais do cotidiano, dos sentimentos aflorados em cada um/a, das demandas ao lidar com a falta de funcionários/as e o atendimento das crianças e familiares nos mais diversos contextos.

Ao lembrar outros *espaçostempos*, juntas, revisitamos a memória e o coração, onde construímos laços afetivos, além do profissional, construindo uma história. “Quanto mais aquilo que acumulamos (conhecimentos, valores, emoções) puder ser partilhado, mais nos sentimos bem. Somos incontidos; parece que não cabemos em nós mesmo e é preciso, sempre, transbordar” (Cortella, 2018, p. 14). Assim, foi nossa troca, à distância, bem distante, mas pertinho, a cada instante, transbordando emoção e gratidão aqui e lá, na escola, também.

Seguimos, como foi, inclusive, o tema de nosso evento no calendário escolar - Resgate Cultural, “espalhando amor por onde formos”, e durante a pandemia, “segurando as mãos umas das outras”, afinal, aprendemos boas lições e uma delas é que ninguém solta a mão de ninguém. “Ninguém solta a mão de ninguém. Mas eu também não seguro a mão de quem vai contra os direitos humanos e a liberdade de escolha”¹⁶ (Franco, 2019, p. 74). Peço, sempre, que cuidem umas das outras, adultos e crianças, afinal para cuidar dos/as bebês, das crianças, dos familiares, precisamos primeiro cuidar da gente, de gente de todo dia, gente da equipe escolar, gente que está próximo da gente, todo dia, o dia todo, alegre ou triste, bem ou não, mas que faz de tudo para atender da melhor maneira possível cada um/a que na escola está. “Nas situações-limite, mais além das quais se acha o ‘inédito viável’, às vezes perceptível, às vezes não, se encontram razões de ser para ambas as posições: a esperançosa e a desesperançosa” (Freire, 2021, p. 16-17).

¹⁶A frase - Ninguém solta a mão de ninguém - teria sido criada em momentos difíceis vividos por estudantes da Universidade de São Paulo, durante o período da Ditadura Militar brasileira nas décadas de 1960 e 1970. É considerado um *slogan* que traduz sentimentos de resistência, de solidariedade e de união.

Ao receber a mensagem da diretora Érica e o vídeo produzido pela professora Ariana, no dia seguinte a esse Horário de Trabalho Coletivo (HTC), da equipe da creche, no Brasil, eu, aqui em Singapura, tive a certeza de que ali, ainda, estou presente, segurando firme as mãos de todas elas, espalhando amor, partilhando saberes, sensibilidade, insistindo, resistindo e não desistindo nunca. Para Cortella (2018, p. 26) “Transbordar não significa só alegria, elogio, emoção, mas também tristeza, bronca e chatice. Nossa profissão lida com gente. Você quer coisa mais complicada do que gente? No entanto, consegue largar?”.

Digo, daqui, de Singapura, não, não consigo largar as mãos de cada uma das pessoas dessa equipe tão querida, competente, potente e com quem aprendo todos os dias, afinal sigo sendo profissional aprendiz. Acredito, assim como Freire (1996, p. 76) que “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constatando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a *inserção*, que implica *decisão, escolha, intervenção* na realidade”.

Criamos, ao longo de tantos anos, uma relação afetiva, de confiança mútua e prazer compartilhado, que desperta o interesse e o encantamento no/a outro/a, e talvez, por tudo isso, persistimos mesmo que em novos caminhos, (per)curso, em busca de respeito, valorização e amorosidade pelos nossos pares/ profissionais da educação.

Assim foi e é, continua sendo, a minha relação com a diretora Cláudia, que ultrapassou os muros da escola, fronteiras, territórios, e hoje, seguimos amigas e parceiras de uma relação de gestão, marcada pela confiança e liderança. Seguimos, juntas, mesmo distantes. Ressalta Cortella (2018, p. 56), “o que é liderar? Liderar é assumir a atitude de animar e dar vitalidade a ideias, pessoas e projetos; inspirar é dar fôlego, preencher de vida, motivar, isto é, robustecer a vivacidade e o compromisso das pessoas”.

Foi por termos estabelecido essa relação de liderança na equipe gestora que tivemos tantos momentos de alegria, outros de tristeza, de conquistas e de desafios, de errâncias, equívocos menores dos que os de acertos, que conquistamos a equipe e tivemos, como afirma Linhares (2007, p. 139), “experiências instituintes na educação pública, através de movimentos poucos percebidos e, portanto, menos ainda, valorados”. Uma equipe se faz com todos e todas para todos e todas.

Uma caixa que não fecho, mas que abro para todo o mundo no mundo... algumas lições da *pesquisaformação*



Imagem 04 – A professora orientadora pedagógica com a bebê da creche – abril /2019 - Acervo Pessoal

“Jéssica tinha tanta coisa na cabeça que não conseguia dormir. Apesar de ainda ser hoje, seus pensamentos já estavam no amanhã”. Nesse trecho do livro *A caixa de Jéssica*, de Peter Carnavas (2010) identifiquei-me com a menina. Ao longo desta *pesquisaformação*, muitas vezes, não conseguia dormir, pois acordava no meio da madrugada e ficava pensando no que fiz, no que não fiz, no que deveria ter feito e no que deveria fazer.

A mudança do Brasil para Singapura propiciou *espaçotempo* para revisitar a trajetória singular em várias histórias coletivas. Esmiuçar minhas memórias, contar outras histórias, percorrer e desbravar novos caminhos, territórios, limiares possibilitaram-me ver o mundo de maneira diferente.

Ao revisitar meus (guar)dados, abrindo caixas, gavetas, pastas e, por fim, malas, pude refletir sobre algumas das questões que me atravessam e que venho aprendendo, à medida que narro e pesquiso, pesquiso e narro. “Enquanto escrevo, vou me reorganizando e compreendendo melhor as minhas versões e como elas foram se formando, a partir das vivências com o outro” (Sousa, 2021, p. 18). Assim, como Jéssica que encontrou algo muito especial dentro de sua caixa, como Roberta Sousa (2021) que se reconheceu e se auto identificou nas práticas pedagógicas cotidianas comprometidas com a educação antirracista, como Renata Fernandes (2021) que buscou nos inícios a força para continuar no caminho da formação, como Renata Frauendorf (2023) que procurava atender às necessidades e as práticas do/a professor/a e demais profissionais da educação no cotidiano da escola, eu, como mulher, mãe, filha, amiga, vizinha, profissional, estudante, procurei, como professora pesquisadora narradora, persistir e insistir na horizontalidade, na amorosidade, na afetividade,

na luta, na resistência, de modo a viver as três dimensões narrativas articuladas nessa *pesquisação*, como afirmam Soligo e Simas (2014, p. 04) em três “lugares” – nas fontes de dados, no registro do percurso e no modo de produção de conhecimento.

Ao *viverpesquisarnarrarformar* pude percorrer o caminho da crítica e da autocrítica, a partir das experiências vividas, reafirmando como Sousa (2021, p. 18), “nenhuma identidade é construída no isolamento. Nessa perspectiva, venho compreendendo que as convicções que me constituem, bem como o olhar sobre quem eu sou, vem muito da construção, a partir do eu com o outro”.

Ao adentrar nas memórias, refleti sobre o que recordar das tessituras da vida à formação e levantar outras dúvidas, aguçar ainda mais a curiosidade e questionar percepções tidas até então. Ao selecionar os caminhos nesse (per)curso formativo, esmiucei o real, o vivido, o inédito viável e as experiências instituintes coabitadas com tantos/as outros/as que me constituem. Na creche, assim como Sousa (2021, p. 41), “procurávamos fazer um trabalho que valorizasse o protagonismo da criança, a experimentação e, principalmente, a aprender brincando”.

Não se pode ter uma educação infantil sem o brincar, sem o contato com a natureza, sem a interação com o outro, com o meio, com o objeto e consigo mesmo. Temos, com certeza, muito que aprender com os/as bebês, com as crianças pequenas, com os familiares, com as professoras, com as profissionais da Educação, com nossos pares, afinal a escola deve ser vista e respeitada como espaço público de aprendizagem de todos/as e para todos/as, crianças e adultos. Ao pesquisar, discutir, dialogar, refletir, colaborar com as práticas pedagógicas, vamos aprendendo com as miudezas do cotidiano, produzindo, também, conhecimentos no convívio diário.

Para isso, é preciso coragem, muita coragem, para resistir às adversidades com as quais vamos nos deparando dia a dia, de modo a não desistir, mas sim esperar e lutar por uma escola humanizadora. Ser professora coordenadora pedagógica, orientadora pedagógica, coordenadora pedagógica, orientadora educacional, seja qual for o nome atribuído a cada uma das profissionais que trabalham nos municípios brasileiros, não é nada, nada, nada fácil. Devemos, unidas, em coletivos e com os pares, ressaltar que não precisamos ser assistencialistas para cuidar dos/as bebês e das crianças pequenas da creche, bem como não somos superiores a ninguém dentro e/ou fora da escola, importante, sim, sermos mediadoras, formadoras, educadoras, de maneira geral, e publicizar nossas experiências, pois, como afirma Sousa (2021, p. 56), “à medida que narramos nossas histórias e práticas e pensamos sobre

elas, conseguimos tanto analisar criticamente nossos caminhos docentes, como pensar em quem somos, enquanto professoras e que educação estamos ajudando a construir”.

A (trans)formação nessa *pesquisaformação* foi minha e de muitas outras professoras, pesquisadoras, narradoras e, ao difundir tantas histórias, espero afetar outras professoras, pesquisadoras, narradoras tanto quanto fui afetada ao *viverpesquisarnarrarformar*. Que outras Cláudias, Renatas, Fernandas, Camilas, Rosauras, Luciannas, Julianas, Inês nos toquem e sejam tocadas para seguir resistindo e lutando por uma escola humanizadora e fazendo uma formação inicial e continuada potente, com uma equipe gestora afetiva e efetiva que está sempre em busca de produzir novos conhecimentos, visando movimentos que possam salientar, na escola básica e na universidade, nas relações humanas, a potência do coletivo singular-plural e da coordenação pedagógica na, com e pela escola, fortalecendo a construção de confiança e coragem para culminância do trabalho pedagógico no cotidiano escolar para todos, crianças e adultos.

Que essa *pesquisaformação* possa causar em outras professoras pesquisadoras narradoras o mesmo impacto que os/as autores/autoras, os/as professores/as, amigas e profissionais da educação me causaram ao conhecer, conviver, ler, estudar, pesquisar sobre o cotidiano escolar na *pesquisaformação*, na narrativa (auto)biográfica, nas experiências instituintes que nos atravessam e continuam a reverberar em nossa *vidaformação*.

Ao me reconhecer nas histórias narradas por outras professoras pesquisadoras narradoras, reforçava ainda mais em mim a vontade de seguir resistindo, lutando, almejando uma escola humanizadora para todos/as nós, no Brasil, em Singapura, mundo afora. Ao narramos nossas próprias histórias, percorremos caminhos diversos tendo o singular-plural, juntos/as, e assim, refletimos sobre nossos saberes produzindo de tal modo novos conhecimentos, em nós e nos/as outros/as.

Ao longo dos anos, junto à equipe “Márcia”, construímos uma identificação com a escuta ativa, o olhar atento e a sensibilidade, de modo a proporcionar autoria ao nosso trabalho, na, com e pela escola. Com isso, pudemos reforçar sobre a importância da relação, do afeto, do diálogo, do respeito, da confiança, da parceria entre todos/todas da creche. Foi possível perceber a importância do pertencimento em nosso grupo, de maneira individual e coletiva, singular-plural. Cada um/uma ali no *espaçotempo* com as suas próprias histórias, memórias e movimentos, buscando ações formativas que pudessem colaborar com a produção de conhecimentos, atrelando teoria e prática para uma escola humanizadora.

Nessa *pesquisaformação* muito de minha privacidade passa a ser publicizada, por meio de diversas narrativas, pois exponho o espaço sócio-histórico-cultural-político de minha

vidaformação. Ler, reler, escrever, reescrever as histórias gravadas na memória é um grande desafio e estando assim de um lugar outro, longe, tão longe, foi ainda mais provocador, pois os significados foram múltiplos nos diversos papéis, como mulher, mãe, filha, amiga, vizinha, profissional, estudante etc. Buscar os começos, o desenvolvimento e a trajetória de cada uma das histórias, junto aos que me constituíram em experiências positivas, outras nem tanto assim, fizeram-me reorganizar os projetos de futuro, afinal uma vez professora pesquisadora narradora, sempre professora pesquisadora narradora. Espero, portanto, contribuir de forma positiva com o processo formativo de outras profissionais da educação, de modo a analisar, refletir e reconfigurar as práticas, se conveniente for, afinal diante da minha necessidade, busquei um (per)curso para (trans)formar não só a mim, mas a tantos/as outros/as também; sonhei e continuo sonhando com uma escola humanizadora, de respeito, igualdade, diversidade, autonomia, participação e aprendizagem.

Tive o privilégio de encontrar ao longo de todo o itinerário, no Brasil e em Singapura, pares, amigas-críticas e presentes, profissionais da educação, professoras, pesquisadoras, narradoras que, assim como eu, acreditam e seguem lutando e resistindo aos obstáculos, às complexidades, aos contratempos da *vidaformação*. Sabemos o quanto a formação inicial e continuada nos custa, física e emocionalmente, quando atuamos como facilitadoras do desenvolvimento profissional de professores e professoras, além dos/as demais funcionários/as da escola, principalmente, focando no atendimento aos/às bebês, crianças pequenas e familiares, como é o caso do atendimento em creche.

No exercício diário com a equipe escolar, evidenciamos a importância da formação pedagógica e da participação ativa de todas as ações na escola. Para tal, buscamos refletir sobre a prática, aprofundando a teoria e contribuindo para novas experiências instituintes no cotidiano, como forma de colaborar com a (trans)formação de cada um/a e de todos/as no espaço de aprendizagem.

Pacitti e Passos (2018, p. 139) afirmam que “o trabalho do coordenador pedagógico no interior da escola não é tarefa fácil; requer dedicação, rotina, estudo, reflexão e trabalho conjunto com a comunidade escolar”. Assim, é na formação continuada, seja da própria professora orientadora pedagógica, seja do/a professor/a, que o trabalho terá encaminhamentos potentes para todos/as os/as envolvidos/as, adultos e crianças, pois o conhecimento produzido se reflete em todos/as como forma de suprir as necessidades encontradas no dia a dia da escola. Com sentido e significado, afetividade e amorosidade e por meio de relações pessoais e profissionais significativas, cada um/as dos/as envolvidos/as procura pensar, estudar, refletir, dialogar sobre as necessidades e as intervenções na realidade

de cada escola, a partir de histórias, memórias, vidas.

Ao olhar, ler, ouvir a história de outras professoras pesquisadoras narradoras, como pude vivenciar ao longo dessa *pesquisaformação*, fosse por meio das atividades do mestrado profissional, pela minha participação e envolvimento nos grupos de pesquisas, nos seminários e cursos da área da Educação, nos encontros e eventos promovidos pela creche, no Brasil, e pela escola de meus filhos, já em Singapura, tudo isso me ajudou a olhar para a minha própria prática, de diversas maneiras e por isso acredito, mais ainda, que algo possa vir a colaborar com outras professoras pesquisadoras narradoras.

Ao refletir sobre a questão “Como me constituí professora orientadora pedagógica pesquisadora”, penso que continuo a me constituir, pois me (trans)formo a cada dia, por meio da experiência vivida, *espaçotempo* esmiuçado que me permitem construir conhecimento para então partilhar, compartilhar, publicizar e ampliar em mim e no/a outro/a, caso queira.

Já a questão, de que maneiras as ações singulares-plurais da professora orientadora pedagógica pesquisadora, envolvendo as professoras, demais funcionárias educadoras e as crianças/familiares podem ser potencializadas, visando práticas instituintes na creche, considero que viver a pesquisa em educação foi uma experiência com muitos/as outros/as que expandiram comigo limites, além das abordagens metodológicas, pois vivemos, juntos/as, mesmo que distantes, o encontro, o diálogo, o círculo virtuoso entre palavra, escuta, sensibilidade, respeito, afeto.

Quanto à outra questão de como aprendi e continuo aprendendo a ser professora orientadora pesquisadora e posso compartilhar com outras profissionais, também, militantes na profissão, os saberes aprendidos nesse (per)curso de (trans)formação, sigo narrando minha *vidaformação* que não tem limite, fronteira, pois pude perceber minha formação instituinte, na escola e na universidade, ao considerar a pesquisa narrativa (auto)biográfica em Educação como o modo outro de fazer pesquisa com narrativas de memórias e histórias vividas, práticas instituintes, tessitura da vida à formação, na, com e pela escola.

São inúmeras as questões que me deslocam pelo itinerário ainda desconhecido, afinal não há respostas para tais indagações, porque a resposta é a própria história vivida por mim e por tantos/as outros/as que me constituem na *vidaformação*.

Quando retorno às questões que me acompanham nesse texto, afirmo que não há uma resposta ou respostas a serem colocadas aqui, mas sim o reconhecimento de uma reflexão que se deu ao longo do caminho, na abertura de cada caixa.

De maneira dialógica, pude refletir sobre a prática singular-plural, no cotidiano, que possibilita a ampliação e a produção de conhecimento teórico, prático, reflexivo e crítico; cria

novas possibilidades de trabalho, de modo a predispor experiências instituintes outras para todos/as, em todo o mundo, e evidencia a criatividade no pensar, no agir e no viver junto, mesmo que distante.

Pesquisar e narrar, narrar e pesquisar, levou-me à reflexão pessoal e profissional, por meio das materialidades do trabalho singular-plural, e como afirma Rosa (2022, p. 17), “a escrita narrativa (auto)biográfica me (trans)formou e tem me transformado”. Não paro por aqui, sigo, um dia de cada vez, pois como foi dito por Paulo Freire, “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”.

Assim como Sofia, em “Caixinha de guardar o tempo” (2012, p. 13), sei que “a saudade às vezes até dóia, era assim uma vontade, que no peito não cabia, de ver alguém que não podia ou de fazer algo que já não fazia”. Como ela, tenho a minha caixinha de guardar o tempo, o tempo que melhor vivi, lá, no Brasil, na escola e na universidade, na vida e na formação, e agora, aqui, em Singapura. Não encerro com o mestrado profissional as minhas histórias, as memórias, as pesquisas, as narrativas.

Nesse caminho percorrido, foi possível perceber que é no cotidiano, é na *vidaformação* que vamos nos constituindo, nos envolvendo, nos transformando, a partir de nós mesmos, dos/as outros/as, dos *espaçostempos*, do *viverpesquisarnarrarformar* em cada lugar e momento. Devemos, sim, observar e respeitar as necessidades de cada uma/a na, com e pela escola, refletindo sobre a teoria e a prática e valorizando as relações humanas. Relações essas importantes e fundamentais para todos, adultos e crianças, docentes e discentes, educadoras e familiares, aprendizes, formadoras, orientadoras, professoras.

Em *A professora encantadora*, livro de Márcio Vassalo (2010), Maísa é uma professora que olhava para tudo com olho de assombro e estranheza. Ela dizia que “assombro é um susto cheio de beleza e que estranheza é o casamento do estranho com a surpresa”. Assim foi minha *vidaformação* na creche e na universidade, cheia de assombros e estranhezas, pois como Maísa procurei “catar perguntas novas dentro das histórias, dos versos, das cenas, das ideias, das pessoas. Ela dizia que pergunta nova é uma que desdobra a gente por dentro”. Assim me desdobrei, por dentro, por fora, perto, longe, aqui, lá, em todo lugar, com a vontade de “diminuir medos no coração, dividir silêncio na frente de uma beleza e multiplicar poesia no pensamento”.

De acordo com Vassalo (2010, p. 10)

Ela [Maísa] nos mostrava que estranho pode ser só o que a gente ainda não conhece; que um dia cinzento pode ser bonito, por fora e por dentro; que uma vida sem perturbações é que nem um mar sem onda; que alguém só sabe ensinar quando não

consegue parar de aprender; que errar também pode ser uma forma de caminhar; que ninguém escolhe o momento em que uma raiva começa, mas que todo mundo pode escolher quando é que ela acaba; que nada é mais importante do que entender os próprios sentimentos, para não deixar que eles mandem nas nossas razões; que nada é mais importante do que entender as próprias razões, para não deixar que elas mandem nos nossos sentimentos.

Nóvoa (2023, p. 54) ressalta que “não há educação sem criação e, por isso, é tão importante a cultura científica e artística que permite a cada um inscrever a sua palavra no mundo”. Passei e continuo a passar por muito o que não conheço e aprendo a cada dia e lugar. Tive dias cinzentos, perturbações que me acompanharam, erros por alguns caminhos. Cheguei, em alguns *espaçostempos*, a sentir raiva, tristeza, frustração, angústia e que logo passaram. Trago comigo diversos sentimentos, inclusive a saudade de tudo e de todos/as, no Brasil. Em Singapura, tenho tido a oportunidade de viajar, atravessar o mundo, me deslocar para lugares desconhecidos. Afirma esse mesmo autor (2023, p. 51) que

viagem é a melhor metáfora da educação. ‘Quem não se move, não aprende’, diz-nos Michel Serres, no seu livro extraordinário, *O terceiro instruído (1991)*. Devemos acrescentar: uma viagem pela liberdade. O propósito maior da educação é aumentar as possibilidades de cada um, para poder ser aquilo que quisermos ser.

É isso... podemos ser o que quisermos ser. Quero ser aqui, lá, em qualquer lugar, professora, pesquisadora, narradora. Nóvoa (2023, p. 52) evidencia que “a educação não é só conectividade, é também coletividade, exercício que junta diferentes num trabalho em comum”. Vi, vivi, senti a participação, a autonomia, a criação de uma escola pública como um lugar de diversidade, de amorosidade, de aprendizagens, afinal retomo o autor que declara que “educação é muito mais do que as aprendizagens mensuráveis, pois tem dimensões incomensuráveis”. Vi, vivi, senti uma escola privada onde todos/as são acolhidos/as, de maneira singular-plural, situação que contribuiu para valorizar a origem, a cultura, a natureza de uma viajante, aprendente, docente pelo mundo.

Compreender o/a outro/a, respeitar o/a outro/a, ouvir o/a outro/a deve fazer parte do cotidiano de todos e todas na, com e pela escola. As necessidades de cada um/a são importantes e o diálogo deve acontecer no espaço educativo como um todo, entre adultos e crianças, pois, dessa forma, a (trans)formação é bilateral, recíproca e contínua, ao promover aprendizagens outras para cada um/a de nós.

Cuidados promovem mudanças, afinal contemplamos o/a outro/a e a nós mesmos/as, compreendemos a importância do bem-estar e colaboramos com o crescimento da equipe, além de permitir a ressignificação das práticas pedagógicas e a luta e resistência por uma escola humanizadora.

Segundo Nóvoa (2023, p. 53), “a importância dos laços, dos vínculos, dos entrelaçamentos, ganhou uma dimensão inesperada e inscreve-se numa nova consciência planetária. Os laços que nos ligam também nos libertam”.

Nessa *pesquisaformação*, narro histórias que guardo na memória. Como Brum (2017, p. 74), “é uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto”.

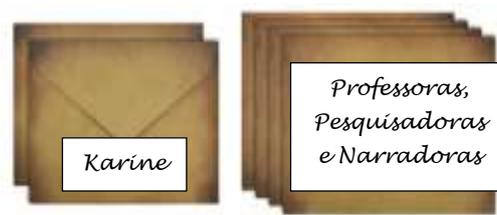
Seguirei a *viverpesquisarnarrarformar* no Brasil, em Singapura e em tantos outros *espaçostempos* e somente no futuro saberei de que modos outros irei me constituir como professora pesquisadora narradora. Afirma Brum (2017, p. 98), “o ponto-final de quem conta nunca é fim, apenas princípio”.

Não encerro esta *pesquisaformação* aqui, pois continuo esperançosa, encantada e sempre em busca de novos modos de fazer ciência com amorosidade, sensibilidade, afetividade.

Sendo assim, compartilho mais uma carta, esta endereçada a outras professoras, pesquisadoras e narradoras que como eu acreditam, lutam e resistem por uma escola mais humanizadora.



Imagem 05 – Dia da Defesa do Mestrado – 27 fev. 2024 – Acervo Pessoal



“A profissão docente não termina no espaço profissional, mas continua no espaço público, na vida social e na construção do bem comum.”

António Nóvoa (2023, p. 70), em Professores – Libertar o futuro.

Singapura, 20 de março de 2024

Queridas professoras, pesquisadoras e narradoras!

Escrever esta carta é registrar momentos da minha vida-pesquisa-formação com tamanha alegria, gratidão e reflexão. Trata-se de um dispositivo de afeto e, também, de aspecto formativo.

Vivenciei, na defesa do mestrado, um momento especial junto de pessoas especiais, na Faculdade de Educação da Unicamp, a começar pela minha orientadora professora Dr^a. Inês Ferreira de Souza Bragança e as professoras da banca avaliadora Dr^a. Juliana Batista Faria, Dr^a Lucianna Magri de Melo Munhoz, Dr^a Míria Izabel Campos e Dr^a Rosaura Soligo, além do professor Dr. Guilherme do Val Toledo Prado que muito me ensinaram, mesmo antes de conhecê-las/o, pessoalmente. Além delas/e, tive comigo meu marido Cláudio, meu filho João, minha filha Maria que, de Singapura, acompanharam-me, remotamente. Não posso deixar de mencionar a presença de meus familiares, amigos/as da vida e da profissão, colegas de equipe da creche “Márcia” e pesquisadores do GEPEC que, perto ou longe, me constituem como pessoa e profissional.

Estar nesse espaçotempo, presencialmente, e ler, em outros momentos, cada uma das professoras e o professor aguçaram minha vontade e curiosidade para novos saberes. Tê-las/o perto de mim, possibilitou-me ampliar ainda mais o olhar, a escuta e a sensibilidade, afinal, todas elas e ele dialogaram, conversaram, avaliaram meu texto e minha apresentação, de maneira a evidenciar a pesquisaformação como modo outro de viver, pesquisar, narrar e formar, trazendo as concepções e as ações humanas de como

acontece a educação no cotidiano da escola básica e da universidade, de modo afetivo e efetivo, singular e plural, resistente e prudente.

Celebrei minha autoria nessa pesquisaformação, mas não sozinha e sim com a participação e a referência das professoras e do professor da banca que fizeram parte da feitura desse trabalho e que, coletivamente, me ajudaram a aperfeiçoar e a viver a pesquisaformação numa abordagem teoricometodológica narrativa (auto)biográfica. As professoras e o professor da banca são avaliadores e também autores junto a mim desse material, pois muito contribuíram para que eu pudesse aperfeiçoá-lo, diante dos diálogos, de modo a querermos, juntos, nos tornar pessoas e professoras/professor melhores para a escola básica e para a universidade.

Tudo isso me fez lembrar Bragança, Prado e Araújo (2021, p.3) que evidenciam o processo de (re)existir e (re)pensar a vida, a escola, a sociedade e a formação docente, de modo a entrelaçarmos vozes e afetos. Imagino que foi exatamente isso que, ao longo dessa pesquisaformação, fiz, já que procurei vivê-la, mantendo uma relação sensível, mas também crítica, refletindo sobre a minha própria prática com, na e pela escola. Além disso, mantive o convívio com tantas outras pessoas que me constituíram nas tessituras da vida, contribuindo para a minha formação, mesmo após a mudança do Brasil para Singapura.

Compartilhar a minha caixa de Pandora, com dores e amores, exigiu-me coragem, afinal em cada uma das caixas reveladas, trago memórias pessoais, minha busca incansável pela formação, bem como pelo aperfeiçoamento profissional, algumas das situações da gestão escolar e os diversos desafios e as inúmeras conquistas do cotidiano escolar. Aos dois, desafios e conquistas, procurei dar visibilidade, potencializando as escolhas do que narrar, fossem nas pequenas histórias ou nas cartas, de modo a evidenciar os saberes produzidos e os gestos singelos do nosso dia a dia, mas também de modo crítico evidenciar situações desagradáveis, incoerentes e que nos afetaram, negativamente, também, ressaltando, a militância pela formação, minha e de tantos/as outros/as, por meio de diálogos em que pude estabelecer com inúmeras autoras, narradoras, pesquisadoras, professoras, amiga-crítica, amiga-presente, colegas de profissão, dentre outras, procurando ser solidária às profissionais da educação, outras professoras orientadoras pedagógicas, que muitas vezes estão solitárias, mesmo em escolas onde têm outras orientadoras, gestoras, parceiras mais experientes.

Confesso que sou mesmo encantada pela Educação, pela creche, pela formação de formadoras/professoras, pelos grupos de pesquisa. Tudo isso me causa encantamento e,

essa sensação de deslumbramento, procuro partilhar, sempre e em todo lugar, pois acredito no coletivo e que juntos/as podemos fazer mais e melhor, mesmo diante de tantos deslocamentos, investimentos, contextos desfavoráveis, processos desumanizadores e burocráticos, incertezas, desconfianças, inquietações.

Assim como eu recebi de outras colegas de profissão o acolhimento e o apoio, quando assumi o cargo de orientadora pedagógica, de estudante e pesquisadora, quero, tanto no processo de trabalho, quanto no de pesquisa, enredar-me com outras pessoas que almejam contribuir com os movimentos de luta e resistência por uma educação mais humanizadora, disponibilizando escritas, partilhando ideias, colaborando com outros movimentos e alcançando o maior número possível de profissionais da educação, por meio de um relato sensível, mas também crítico e reflexivo para todos/as nós que vamos ampliando os laços afetivos ao nos impregnarmos de aprendizagens mútuas.

Precisei ser desobediente, prudente e resistente ao partilhar com tantas outras pessoas meus vividos e saberes produzidos, já que o que busco é uma escola mais humanizadora, sensível e generosa. Sendo assim, procurei potencializar as escolhas das materialidades, narrativas e cartas, a fim de dar visibilidade às práticas do cotidiano escolar, constituídas no fazer-dizer-escrever-ser. As experiências instituintes e os inéditos viáveis partilhados nessa pesquisaformação foram intensos e experienciados por mim e por um coletivo que aprende, ensina, partilha e produz conhecimento, tecendo uma rede, uma trama de acontecimentos, um conjunto de emaranhados que fortalece a todos/as os/as envolvidos/as.

Tem-se, aqui, uma pesquisa que retrata um modo outro de fazer ciência e técnica, teoria e prática, cuidar e educar, forma e conteúdo, valorização e humanização da profissão docente. Posso afirmar que, durante todo o meu (per)curso, neste curso do mestrado profissional, tive a companhia de muitas outras pessoas/profissionais e, ao chegar ao momento da defesa, pude receber da banca de professoras/professor todo o respeito, o apoio e as considerações de grande relevância, de amigas-críticas/presente, que queriam tanto colaborar com essa pesquisaformação.

Daí ao escrever essa carta, um posfácio, como foi sugerido pela professora Rosaura em apoio pelas demais professoras. Desejo que eu consiga partilhar com tantas outras professoras pesquisadoras narradoras o que é fazer e viver uma pesquisa narrativa (auto)biográfica, vivendo com comprometimento e respeito o meu trabalho e de tantas outras profissionais da educação. Busquei me organizar e escrever para inspirar e

compartilhar, corajosamente, as dores e os amores de minha caixa de Pandora, como já mencionei.

No título dessa dissertação, não há o termo orientadora pedagógica, entretanto ao longo de todo o texto, inclusive, no resumo e nas questões que levanto está explícito o mote dessa pesquisa formação. Acrescento-o nas palavras-chave, após refletir sobre essa questão, pois comporá em banco de pesquisa na busca/ referência de outras professoras orientadoras pedagógicas pesquisadoras narradoras.

Considerar essa e outras questões levantadas nessa pesquisa formação é elucidar, também sobre o papel da orientação pedagógica. Estar nessa função é estar num lugar “entre”, bastante desafiador, afinal estamos sempre entre os discentes e os docentes, os docentes e as famílias, as famílias e a equipe gestora, a equipe gestora e a equipe técnica da secretaria de educação, a secretaria de educação e as empresas de assessoria, enfim são diversos os espaçotempos onde buscamos, a todo momento, esclarecer que todas, nenhuma a menos, devem trabalhar à procura de uma escola mais humanizadora, afinal a escola é o lugar de relações sociais e aprendizagens, a partir das necessidades de todos/as, adultos e crianças.

Encontrei muitas pessoas que me acolheram, apoiaram, ampararam como professora orientadora pedagógica, bem como pesquisadora e o mesmo busco fazer, sendo solidária a quem se sente solitária. Portanto, seja na escola ou na universidade, encontramos diversos desafios, todavia com o trabalho colaborativo e compartilhado há muitas conquistas coletivas e a formação se torna ainda mais ampla ao produzir novos conhecimentos nas decisões coletivas e nas ações formativas e democráticas com mais responsabilidade e sensibilidade.

Frequentemente, vejo que há busca, fora da escola, daquilo que há, dentro da escola. Em vista disso, basta olhar, escutar e sentir a comunidade escolar que pulsa forte a todo momento. Quando conhecemos e respeitamos as necessidades de cada um/a e do coletivo, constatamos que a vida e a formação não se separam e que se faz necessário estar junto, de mãos dadas, de modo que ninguém deve largar a mão de ninguém, afinal é nas relações que vamos nos (trans)formando.

Quero salientar que nem sempre o que nos parece óbvio está claro e, por isso, a importância do diálogo e da troca com os pares, outras formadoras, professoras, pesquisadoras, narradoras, amigas-crítica/presente, que podem nos evidenciar onde podemos e devemos caminhar em busca de resolução dos problemas cotidianos,

potencializando sempre as relações humanas, de modo a viver a reflexão crítica, implicada e propositiva, sempre e em todo lugar.

Não planejei, mas diante da mudança de rota, meu deslocamento físico ao me distanciar da creche e da universidade, pude viver, pesquisar e narrar os vividos do cotidiano, no Brasil e em Singapura, de modo a publicizar a minha história junto de tantas outras pessoas numa apropriação teórica ao produzir conhecimentos. Nessa pesquisaformação, não houve o aprofundamento do estudo sobre a educação no exterior, uma vez que não era esse o foco maior, entretanto ainda assim, não segreguei a vida lá e cá, afinal foi um momento de narrar e pesquisar, pesquisar e narrar os vividos, tudo junto e misturado, pessoa e profissional, professoras, orientadoras pedagógicas, pesquisadoras, narradoras, bebês, crianças, familiares, equipes gestora e escolar, profissionais da educação. Muito temos para aprender sobre o sistema educativo de Singapura que tanto valoriza o trabalho docente, a formação inicial e contínua e a liderança educacional, entretanto, isso farei noutra ocasião.

Saliento que as lições que finalizam essa dissertação podem ser consideradas um manifesto de quem considera o coletivo e a partilha primordiais no cotidiano da vidaformação, afinal assumo o compromisso político, ético, estético e poético, em busca de um movimento mais justo, respeitoso, humanizado, a partir da construção coletiva de novos conhecimentos dialogando com a vida e com os desafios superados, as experiências instituintes e os inéditos viáveis que nos tocaram, afetaram, inspiraram.

Destaco uma provocação aos modos de viverpesquisarnarrarformar do cotidiano na escola e na universidade, de maneira a ressaltar a importância da autonomia conquistada e que deve ser conservada, ampliada, evidenciada, sendo que não se dá de uma hora para outra, pois leva um certo espaçotempo para conquistar os pares, outras profissionais da educação, os familiares, a comunidade escolar. A confiança e o respeito vêm com as ações cotidianas e as experiências vividas pelas pessoas de um coletivo que se une, resiste e reinventa superando os obstáculos que surgem no dia a dia, visando criar algo novo, fazendo o seu melhor, mesmo sem recursos. Esse coletivo está vivo na escola e na universidade e traz, para a prática, ações colaborativas e ideias partilhadas, acolhendo com sensibilidade modos outros de aprender e ensinar.

Ao viver essas experiências instituintes e inéditos viáveis, fui percebendo que estar junto e compartilhar as propostas são fundamentais para produzir conhecimentos e

refletir sobre a minha própria prática, adotando estratégias de investigação e ação, inclusive questionando papéis, funções, desempenhos e concepções.

Desejo que as minhas escolhas tenham sido relevantes não só para mim, mas para tantas outras pessoas que estiveram comigo, ao longo da vida-pesquisa-formação. Procurei elaborar um texto científico, acadêmico, mas sem as durezas e amarguras do cotidiano, trazendo inspirações e situações que me afetaram.

E se surgir, ao longo dos (per)curso formativos algum monstro, como citei na apresentação de minha defesa, utilizando a literatura infantil, “Quando nasce um monstro”, de Sean Taylor, quero sempre lembrar que temos duas possibilidades. Uma é desistir e continuar a fazer do mesmo modo, outra é lutar e resistir de modo a enfrentar as inquietações que nos possibilitam saber mais ao produzirmos novos conhecimentos.

Seguirei sempre disposta e disponível para acolher, ajudar e colaborar com outras militantes na profissão para que tenhamos, de fato, uma escola mais humanizadora em todo e qualquer lugar, de modo a me (trans)formar, como pessoa e profissional, enredando tantos/as outros/as profissionais da educação.

Agradeço, respeitosa e humildemente, a minha orientadora Inês, às professoras Juliana, Lucianna, Míria e Rosaura e ao professor Guilherme que ampliaram ainda mais o meu olhar, durante a defesa com tantos saberes partilhados. Desejo que eu tenha conseguido compartilhar, nesta carta, alguns dos sentimentos que outras professoras pesquisadoras narradoras algum dia possam ter vivido ou venham a viver e que eu tenha evidenciado que minha postura foi, é e será a de uma pessoa e uma profissional que tem a postura de alguém que procura favorecer a qualidade na educação de todos/as, adultos e crianças, sem soltar a mão de ninguém de modo a não ficar ninguém para trás.

Como Alexandre Amaral Coimbra, no Café Filosófico¹⁷, sigo com fome de esperança. Ele nos presenteou com um diálogo que realizou com Paulo Freire, Ailton Krenak e Milton Nascimento. Quero seguir a vida-pesquisa-formação reunindo vozes ao escutar, na vida coletiva, as dúvidas que nos acompanham no cotidiano, pois sou e serei sempre aprendiz, em deslocamento, constante sonhadora, às vezes com medo, outras vezes com coragem, e que não foge à luta, porque acredita em gente, gente que precisa de gente, para se reconhecer gente nas invisibilidades da sociedade.

¹⁷ O programa “Fome de esperança”, com Alexandre Coimbra Amaral #aovivo foi ao ar no dia 07 de março de 2024 e está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zvYcZR049rk>. Acesso em 20 mar. 2024.

Muito obrigada por tudo o que vi, vivi, li, aprendi até aqui.

Abraços fraternos,

Karine Rezende

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **O mito da infância feliz: analogia**. São Paulo: Summus, 1983.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Orgs.). **O coordenador pedagógico e seus percursos formativos**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.
- ALVARENGA, Juliana Godói de Miranda Perez. O fio da reciprocidade: reflexões sobre a constituição da reciprocidade formativa. *In*: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MOTTA, Thaís da Costa; NETO, Itamar Zuqueto Serra (Orgs.). **Caminhos de pesquisa formação: abordagens narrativas e (auto)biográficas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 65-82.
- ALVES, Nilda. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. Teias: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, p. 1-8, jan./dez. 2003.
- ALVES, Rubem. **As melhores crônicas de Rubem Alves**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- ALVES, Rubem. **O retorno e o terno**. 29. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- ALVES, Rubem. **Palavras para desatar nós**. Campinas: Papirus, 2011.
- AZEVEDO, Ana Lúcia Faria; GRAMMONT, Maria Jaqueline; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **“Me ajuda a olhar!”: o cinema na formação de professores**. *Revista Educação Em Foco*, 17(24), 2014, 123–143. Disponível em: <https://doi.org/10.24934/eef.v17i24.579>. Acesso em 16 jan.2023.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Posfácio. *In* EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rauanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. MOTTA, Thaís da Costa. NETO, Itamar Zuqueto Serra (Orgs.). **Caminhos de pesquisa formação: abordagens narrativas e (auto)biográficas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Pesquisa-formação e histórias de vida de professoras brasileiras e portuguesas: reflexões sobre tessituras teóricometodológicas**.

Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 37-48, ago./dez. 2009. Disponível em: https://gestaoeducacaoespecial.ufes.br/sites/gestaoeducacaoespecial.ufes.br/files/field/anexo/4_braganca.pdf. Acesso em 20 ago. 2023.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Pesquisa formação* narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz; BÔAS, Lúcia Villas. **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epidêmico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018, v.1, p. 65-81. Disponível em: <https://grupopolifonia.files.wordpress.com/2020/08/texto-braganccca7a-2018.pdf>. Acesso em 09 maio 2023.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Sobre o conceito de formação na abordagem - (auto)biográfica**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 34, n.2, p. 157-164, maio/ ago.2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8700>. Acesso em 20 out. 2023.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

CÂNDIDO, Patrícia Yumi Fujisawa. **Guardados de professora: bordados da prática docente e emaranhados de linhas de pesquisa**. 2020. (228 p.) Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1638712>. Acesso em 20 set, 2022.

CARNAVAS, Peter. **A caixa de Jéssica**. São Paulo: FTD, 2010.

CORTELLA, Mario Sergio. **Nós e a escola: agonias e alegrias**. Petrópolis: Vozes, 2018.

CUNHA, Renata Barrichelo. As memórias nos Clássicos e nossas Clássicas Memórias. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo. SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações**. Campinas: Editora Alínea, 2007. p. 61-71.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias Finger (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EDUFERN, 2014.

EMILIÃO, Soymara. Redes em diálogo: aproximações possíveis entre os movimentos metodológicos, as pesquisas com cotidianos escolares e as investigações narrativas. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MOTTA, Thaís da Costa; NETO, Itamar Zuqueto Serra (Orgs.). **Caminhos de pesquisa formação: abordagens narrativas e (auto)biográficas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 83-98.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERNANDES, Renata Lúcia de Moraes. **Entre encontros e travessias: a formação da coordenadora pedagógica nas linhas e entrelinhas do cotidiano escolar**. 2021. 1 recurso online (159 p.) Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1169679>. Acesso em 27 maio 2021.

FERREIRA, Luciana Haddad; CUNHA, Renata Cristina Oliveira Barrichelo; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Memórias da docência futura: a escrita de pipocas pedagógicas. *In*: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SERÓDIO, Liana Arrais; SIMAS, Vanessa França (Orgs.). **Narrativas e formação**: diálogos universidade e escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 169-204.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Ilustração Julie Vivas. Tradução Gilda Aquino. São Paulo: Brinque Book, 1995.

FRANCO. Anielle. Sigamos! *In*: PUÃ, Bell. **Ninguém solta a mão de ninguém**: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades. Tainã Bispo (Org.). Ilustração Thereza Nardelli. São Paulo: Claraboia, 2019. p. 71-74.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira. **De estrela a constelações**: "investigaçãoformação" narrativa da formadora "flâneuse" de formadoras. 2023. 1 recurso online (283 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/16055>. Acesso em 06 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 29. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. *In*: KOYAMA, Adriana Carvalho; GALZERANI, José Claudio; PRADO, Guilherme do Val Toledo. (Orgs.). **Imagens que lampejam**: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2021.

GERALDI, Corinta Maria Grisólia. **Produção do Ensino e Pesquisa na Educação**: estudo sobre o trabalho docente no curso de Pedagogia. 1993. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas. Disponível em <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/63884>. Acesso em 18 abr. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Revista Educação, ano xxx, n.3 (63), p. 413-438, set/dez.2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em 01 jun. 2023.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO. Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EDUFRN2014.

KING, Stephen Michael. **O homem que amava caixas**. Ilustração Stephen Michael King; Tradução: Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque Book, 1995.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

LARROSA, Jorge. **Experiência e Alteridade em Educação**. Revista Reflexão e Ação, v. 19, n.2, p. 04-27, jul/dez. 2011. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em 10 nov. 2023.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. vol. jan/fev/mar/abr. n 19. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>. Acesso em 11 abr. 2022.

LINHARES, Célia. **Experiências instituintes na educação pública?** Alguns porquês dessa busca. Revista de Educação Pública, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 139–160, 2007. DOI: 10.29286/rep.v16i31.5192 Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5192>. Acesso em 06 jun. 2023.

LISBOA, Eliana. Afinal, era uma máquina de escrever ou uma máquina do tempo? *In*: PRADO, Guilherme do Val Toledo; PROENÇA, Heloísa Helena Dias Martins; SERÓDIO; Liana Arrais; FILHO, Ruy Braz da Silva (Orgs.). **Pipocas Pedagógicas IV**: Narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 93-94.

MANTOAN, Maria Teresa E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus Editorial, 2015.

MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. Reverberações em investigações. *In*: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. MOTTA, Thaís da Costa. NETO, Itamar Zuqueto Serra (Orgs.). **Caminhos de pesquisaformação**: abordagens narrativas e (auto)biográficas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 9-12.

MOTTA, Thaís da Costa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Pesquisaformação**: uma opção teoricometodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica. Artes de dizerfazerdizer o saber da experiência. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**. V4. Nº 12; pp. 1034-1049). (2019). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362855419_Pesquisaformacao_uma_opcao_teorico_metodologica_de_abordagem_narrativa_autobiografica_Artes_de_dizerfazerdizer_os_saberes_da_experiencia. Acesso em 29 ago. 2023.

MUNHOZ, Lucianna Magri de Melo. **A professora é da mesma natureza que as crianças**: reflexões singulares de uma militante freinetiana. 2022. 1 recurso online (192 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/6250>. Acesso em 18 jan. 2023.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote – Instituto de Inovação Educacional, 1997.

NÓVOA, António. **Professores**: libertar o futuro. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.

NÓVOA, António. **Carta a um jovem investigador em Educação**. 2015. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2015/06/antc3b3nio-nc3b3voa-carta-a-um-jovem-investigador.pdf>. Acesso em 05 jul. 2023.

NÓVOA, António. **Educação 2021**: Para uma história do futuro. Revista Educação, Sociedade e Culturas, n.º. 41, 2014, 171-185. Disponível em: <https://doi.org/10.34626/esc.vi41.297>. Acesso em 05 jul. 2023.

NÓVOA, António. **Professores**: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, Liliam Ricarte de. Narrativa de uma viagem de *pesquisaformação* tendo a escrita como companheira. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. MOTTA, Thaís da Costa. NETO, Itamar Zuqueto Serra (Orgs.). **Caminhos de pesquisaformação**: abordagens narrativas e (auto)biográficas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 167-186.

PACITTI, Monie Fernandes; PASSOS, Laurizete Ferragut Passos. Percursos formativos e desenvolvimento profissional de Coordenadores Pedagógicos no contexto do Mestrado Profissional em Educação. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Orgs). **O coordenador pedagógico e seus percursos formativos**. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 131-150.

PEZZATO, Luciane Maria, BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza, ROSA, Camila Petrucci dos Santos. **Memórias, escritas e diários em pesquisaformação**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, 2023, v. 08, n. 23, p. 01-18, e1109 – Disponível em: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2023.v8.n23.e1109>. Acesso em 08 maio 2023.

PIERINI, Adriana Stella. **A (des)constituição da orientadora pedagógica na escola pública**: uma trama de muitos fios, vários laços e alguns nós. 2007. Dissertação (Mestrado). – Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Resultado/Listar?guid=170566267555.4>. Acesso em 19 out. 2022.

PRADO, Guilherme do Val Toledo, MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. **Inventário** – Organizando os achados de uma pesquisa. Revista EntreVer. Florianópolis, v. 01, n.01, p. 137-154, 2011.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. **Da busca de ser professor**. Encontros e desencontros. 1992. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1578417>. Acesso em 24 ago 2023.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. SOLIGO, Rosaura. **Memorial de Formação**: Quando as memórias narram a história da formação. Disponível em https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf. 2005. Acesso em 14 jun. 2022.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões e superações. Campinas: Editora Alínea, 2007.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; PROENÇA, Heloísa Helena Dias Martins; SERÓDIO; Liana Arrais; FILHO, Ruy Braz da Silva (Orgs.). **Pipocas Pedagógicas IV**: Narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 163 p.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SERÓDIO, Liana Arrais; SIMAS, Vanessa França. **Narrativas e Formação**: diálogos universidade e escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 214 p.

PROENÇA, Heloísa Dias Martins; PRADO, Guilherme do Val Toledo; FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira. **Formação de leitores**: narrativas de profissionais da educação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

PUÃ, Bell. **Ninguém solta a mão de ninguém**: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades. Tainã Bispo (Org.). Ilustração Thereza Nardelli. São Paulo: Claraboia, 2019.

REZENDE, Karine. Uma professora pesquisadora narradora: movimentos de (trans)formação. *In*: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MOTTA, Thaís da Costa; NETO, Itamar Zuqueto Serra (Orgs.). **Caminhos de pesquisaformação**: abordagens narrativas e (auto)biográficas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 253-266.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RICOUER, Paul. **O si mesmo como um outro**. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

RODRIGUES, Sonia. **A caixa de Pandora**. Ilustração Sandra Bianchi. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004.

ROSA, Camila Petrucci dos Santos. **Narrativas de infâncias em um quintal de pesquisaformação**. 2022. 1 recurso online (203 p.) : il., digital. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1260050?guid=1705808524800&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1705808524800%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1260050%231260050&i=1>. Acesso em 11 maio 2023.

ROSA, Camila Petrucci dos Santos, LIMA, Ana Luiza Tayar. Colchas de retalhos e os memoriais de formação: diálogos de duas pesquisadoras na pesquisaformação. *In*: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MOTTA, Thaís da Costa; NETO, Itamar Zuqueto Serra (Orgs.). **Caminhos de pesquisaformação**: abordagens narrativas e (auto)biográficas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 99-116.

ROSCOE, Alessandra. **Caixinha de guardar o tempo**. Ilustrações Alexandra Rampazo. São Paulo: Editora Gaivota, 2012.

SAVIANI, Demerval. **Formação de professores**: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Universidade Estadual de Campinas: Revista Brasileira de Educação. V. 14. N. 40. jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/45rkkPghMMjMv3DBX3mTBHm/?lang=pt>, Acesso em 25 set. 2022.

SIMAS, Vanessa França. **A professora-pesquisadora-iniciante e seus outros: caminhos partilhados na invenção de ser professora.** 2018. 1. Recurso online (381p.) Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação e Universidade de Granada (Espanha). Campinas Disponível em <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1633656>. Acesso em 28 abr. 2023.

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Entre a Escola e a Universidade: Construções Dialógicas Potentes.** 2013. Mesa-redonda no VI Seminário Fala Outra Escola: Diálogo e Conflito – Por uma escuta alteritária. Campinas, 2013.

SOLIGO, Rosaura Angélica. **A experiência da escrita no espaço virtual: a voz, a vez, uma conquista talvez.** 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/962895?guid=1705810408434&returnUrl=%2ffresultado%2fflistar%3fguid%3d1705810408434%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d962895%23962895&i=1>. Acesso em 18 jan. 2023.

SOLIGO, Rosaura Angélica. **Quem forma quem?** Instituição de sujeitos. 2007. (223 p.). Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/404520?guid=1705810789954&returnUrl=%2ffresultado%2fflistar%3fguid%3d1705810789954%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d404520%23404520&i=3>. Acesso em 18 jan. 2023.

SOLIGO, Rosaura, SIMAS, Vanessa França. **Pesquisa Narrativa em Três Dimensões.** *In:* VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar, 2014, Rio de Janeiro. Programa e Anais Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Rio de Janeiro: BIOgraph, 2014. p. 414-425. Disponível em: <https://rosaurasoligositeoficial.files.wordpress.com/2020/10/rosaura-soligo-e-vanessa-simas-pesquisa-narrativa-em-tres-dimensoes.pdf>. Acesso em 01 jun. 2023.

SOLIGO, Rosaura. **Metodologias Dialógicas de Formação:** Eixo: Formação docente e saberes profissionais. VII Fala Outra Escola – O teu olhar trans-forma o meu? Unicamp. Campinas, 2015. Disponível em: <https://rosaurasoligositeoficial.files.wordpress.com/2016/09/rosaura-soligo-metodologias-dialc3b3gicas-de-formac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em 31 maio 2023.

SOLIGO, Rosaura. **Sobre certos enganos que nem sabemos.** Rosaura Soligo Formação e Outros Textos (wordpress.com). Disponível em: <https://rosaurasoligo.wordpress.com/2016/05/08/sobre-certos-enganos-que-nem-sabemos/>. Acesso em 20 jul. 2023.

SOUSA, Roberta Dias de. **Pertencimento etnicorracial e práticas pedagógicas antirracistas com crianças pequenas:** narrativas de professoras negras de Educação Infantil. 2021. 143 p.. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Formação de Professores. São Gonçalo. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/20243>. Acesso em 07 dez. 2023.

SOUZA, Aparecida Neri de. **Organização e Condições do Trabalho Moderno: Precarização do Trabalho Docente.** III Seminário da Rede de Pesquisadores sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação. Rio de Janeiro, 2011.

TAYLOR, Sean. **Quando nasce um monstro.** Ilustrações Nick Sharratt. Tradução Lenice Bueno. São Paulo: Moderna, 2009.

VASSALO, Márcio. **A professora encantadora.** Ilustrações Ana Terra. Belo Horizonte: Abacatte, 2010.

VICENTINI, Paula Perin, LUIGLI, Rosario Genta. Como se preparavam os professores para o ensino? As instituições em formação. *In: História da profissão docente no Brasil: representações em disputa.* SP: Cortez, 2009. p. 27-66.

VIEIRA, Juliana; NAKAYAMA, Bárbara Cristina Moreira Sicardi. Pesquisar(se) e formar(se) na universidade, na escola e na vida narrativamente por meio das cartas: a (per)formação da pesquisadora iniciante em educação. *In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. MOTTA, Thaís da Costa. NETO, Itamar Zuqueto Serra (Orgs.). Caminhos de pesquisaformação: abordagens narrativas e (auto)biográficas.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 117-132.